ENCADERNAÇÃO
ALLIANÇA
W. S. SILVA
R. SÃO CLEMENTE
— 74 —
BOTAFOGO

ISBELLA

ROMANCE ORIGINAL BRASILEIRO

POR

M. L. FERNANDES DA ROCHA.

RIO DE JANEIRO.

Typ. e Lith. — ESPERANÇA — de Santos & Vellozo, rua de S. José n. 14.

—

1870.

ENCADE
ALLI
W. S.
R. SÃO C
BOTA

Ao Illm. Sr.

José Francisco Ribeiro

OFFERECE

O Autor

Meu prezado Tio

O — porque — lhe dedico este Romance, não o sei eu: advinhe-o Vmc. se puder.

Digo — não sei — pela insignificancia da offerta, que por seu nenhum valor não merece a dedicatoria.

É elle o resultado das poucas horas que me sobrão desse affan diario em que o materialismo tudo esterilisa, e que eu as adóço com o sabor da imaginativa.

É o esqueleto de uma historia que ha tempos contou-me um amigo, o qual articulei como pude.

Quando outro merito não tenha, tem o da lembrança e boa vontade com que lhe é offerecido.

Bondadoso como é o acolherá benignamente, como se muito valêra este pouco que nada vale.

ADVERTENCIA

Alguns acharão talvez o nosso trabalho pequeno, incorrecto, e imperfeito mesmo ; a estes nós lhes pedimos que critiquem, mas não offendão.

A critica quando bem formada e feita por homens competentes e juizes imparciaes, não só agrada como instrue ; a que é formada sem juizo critico e feita por mascarados criticadores, insensatos e aventureiros, irrita e a ninguem aproveita.

Digamos com Filinto Elysio: « Ha certos criticos que a tudo põem pecha, e que não escrevendo, nem sendo capazes de escrever, querem impedir que os outros escrevão. Eu não acho comparação que lhes quadre melhor que a dos — eunuchos do serralho. »

O nosso trabalho sahio do bico de nossa penna para os typos da imprensa, sem que mestre algum nos apontasse os defeitos, que quiçá possa ter.

E' um simples ensaio.

As grandes aguias, como os grandes homens, não sahirão implumes de seus ninhos para devassarem as regiões do espaço, empanando com o volume de suas azas o brilho do sol. O que importa dizer que criárão-se e educárão-se, primeiro que chegassem a ser grandes e admiradas.

Um quadro de aprendiz não póde por certo ter a firmeza e os traços aprimorados de uma obra de mestre.

No emtanto os homens fazem-se.

Emquanto o ser taxado de pouco volumoso, nada nos importa isso; pois se este fosse o seu unico defeito nos julgariamos muito felizes, e diriamos com Roquette:

« Não se deve julgar da sciencia de um autor pelo tamanho do volume. Ha bastantes obras em muitos tomos que serião melhores se se reduzissem a um só. »

Esmagar o arbusto que se esforça por crescer e vigorar, não é virtude.

Se os ricos podem mostrar ufanos nas suas baixellas de ouro conteúdos de diamantes, os pobres apresentão modestos nos seus vasos de argilla o simples talco. Se os primeiros são por sua natureza resplandecentes, uma vez lapidados; os outros são ligeiramente micantes pela humildade de sua origem.

Nem todos podem apresentar boas obras assim como os ricos as suas baixellas e diamantes. Comtudo a grandeza dos primeiros não deve offuscar a humildade dos segundos.

Cada um dá o que póde.

Por isso se elle vos merecer a honra de uma critica sensata e imparcial, fazei-a; nós vô-lo agradeceremos do fundo de nossa alma, e prometteremos com as vossas lições compôr outros menos defeituosos.

ISBELLA

ROMANCE ORIGINAL BRASILEIRO

POR

M. L. FERNANDES DA ROCHA.

I

Isbella é uma menina de 15 annos, mimosa como o lyrio, pura como a violeta e virgem como a primeira aurora da creação.

Innumerar-lhe as graças e belleza que lhe deu o Supremo Autor do bello, é-nos difficil senão impossivel; basta que a leitora a eduque em sua phantasia como o ideal de uma mulher encantadora, cheia de uma doçura indefinivel: elegante como a palmeira e flexivel como o sipó.

E' um typo brasileiro e julgamos ter dito tudo.

Desculpar-nos-ha se erramos fallando assim.

Ha dous annos que abandonou o collegio e ainda lembra-se com saudades das amigas que deixou, das bonecas que ficárão, máo grado seu, aos cuidados de mãos estranhas e á tutela de suas madrinhas.

Affagada por seus pais, querida por seus famulos, acariciada por *Pepito*, um cachorrinho felpudo, e saudada alegremente por sua querida araponga, é Isbella a mais feliz e ditosa das creaturas.

Em uma chacarinha situada para os lados de S. Clemente, risonha e pittoresca mesmo, reside Isbella.

Tudo que ahi existe, exceptuando as flôres de seu jardim, é mais velho do que ella.

Pedro — o pai de Isbella, é homem que tendo vivido demais entre o pó e o buliço horrivel da cidade, aborreceu-se della fugindo para um lugar onde o ar é mais livre e a vida mais tranquilla; entregando-se de corpo e alma ás delicias da familia.

Fôra ahi pois, que vira ella os primeiros raios da luz, e ouvira os primeiros hymnos da natureza ao som alegre e festivo dos aligeros Orpheos.

A mais perfeita paz e tranquillidade reina nessa aprazivel habitação.

Não obstante os escassos recursos de Pedro, nunca a necessidade fêl-os verter uma lagrima.

São felizes longe da profusão e ditosos com a posse desse anjo que Deos lhes concedera para encanto de seus dias, e alegria do seu coração.

Recebe ella o carinho e os beijos paternaes, assim como as flôres os aljofres da madrugada.

— Minha filha, dizia Pedro com sacro enthusiasmo, é a minha consolação e a maior felicidade que o céo nos concedeu. A sua voz tão meiga e os sons que ella vibra ao piano, são a minha unica ventura...; eu sou um pai muito feliz.

O tempo que empregava melhor era quando vinha á cidade procurar musicas novas para a sua querida Isbella, para vêl-a estudar de dia e executal-a á noite.

O amor excessivo desse pai não tinha limites. O seu encanto, o seu maior cuidado era Isbella. Para elle não havia nada no mundo que se pudesse igualar á sua filha.

E ella o amava tambem como é dado uma filha amar áquelle

que lhe deu a vida, que a embalou em seus braços e que morrerá para salval-a.

Pedro é homem de 55 annos, alto; uma dessas physionomias em que se lê a nobreza d'alma e a sensibilidade do coração: uma cabeça intelligente, cabellos um tanto grisalhos e barba raspada; olhos vivos e penetrantes. Não fuma, toma rapé.

Seu trato é sempre ameno e jovial.

Casára-se de idade de 30 annos com Carlota e della houve quatro filhos dos quaes só ficou Isbella.

Aos 40 annos aposentou-se como official de secretaria, e fôra então residir na já conhecida chacarinha.

Conhecedor dos homens e do mundo, furtava-se ao torvelinho social e acompanhava o adagio, que diz: *boa romaria faz quem em sua casa vive em paz.*

Sua mulher é uma dessas creaturas felizes que, casando o seu genio ao do seu marido, nem só fazem a felicidade do coração como a alegria do lar domestico. Mais moça dez annos, está comtudo mais alquebrada em razão do seu estado valetudinario.

O tedio tornaria talvez insipida a existencia destas duas creaturas, se Deos não lhes tivesse abençoado dando-lhes uma filha, que bem compensa as que levou-lhe a morte.

Tudo porém é alegre, porque alli existe Isbella.

Todas as suas vontades, e ainda os seus mais pequeninos caprichos são por elles satisfeitos, com a doce alegria de quem se esforça para bem servir a quem melhor lhes ama.

Flôr educada aos beijos paternaes não pede como a magnolia as lagrimas do céo para viver.

O maior trabalho de Isbella é o de cultivar as flôres de seu jardim e dar de comer a sua querida araponga.

Vêl-a ao despontar da aurora passear pelo jardim, com o seu vestidinho branco, que vai terminar no bello daquelle pescoço de cysne, tendo as longas e negras tranças dos seus bastos cabellos

soltos, como duas serpentes indolentes, que se estendem ao longo de um leito de marmore; brincando com uma ou outra rosa que guarda em suas petalas a gota do orvalho, e que espera os primeiros raios do sol para dal-o agradecido pelos seus primeiros osculos; vêl-a assim, digamol-o de novo, era tomal-a como um ser vaporoso, um anjo de poesia.

Logo que o sol começava a dourar o cimo do Corcovado, caminhava para uma gruta que ahi havia, formada de diversas trepadeiras mimosas, e cujo centro era occupado por uma cascatazinha. Uma bacia de marmore recebia as aguas, e um cano de chumbo as transmittia ao repuxo.

Ao lado ficava um banco de pedra recamado de conchinhas, cujo tapete de verdura, servia-lhe nas tardes de verão de leito macio e fresco.

Nesse bosquezinho de poesia havia um não sei que de alegria e tristeza, que fazia rir e chorar.

Era ahi que Isbella ria de manhã e chorava de tarde, sem mesmo saber porque.

E' que a natureza ri ao alvorecer e chora quando o melancolico crepusculo da tarde a vai envolver no manto pesado da noite.

Alma cheia de poesia e amor, ri e chora com a natureza.

Coração de moça intelligente, que vai sentindo falta de uma cousa que não sabe explicar, embryão dessa flôr mystica, que a natureza faz brotar e que o coração alenta—o amor.

Dizia ella:

— Tenho não sei mesmo o que: sinto uma tristeza n'alma e como que um vacuo no coração. Invejo a vida dos passarinhos.

A certas horas da manhã deixava o seu jardim e vinha receber os beijos de seus pais e começava então os seus estudos de musica e seus mimosos trabalhos de agulha.

Guardava os romances para lel-os á noite, porque, dizia ella, causão-me mais impressão.

Nesse tempo fôra residir nas vizinhanças de Isbella uma familia distincta por suas virtudes e bens, a qual ouvindo a sua voz ao piano, ficára com ella sympatisando e tratára de travar relações, o que Pedro não obstante ser pouco amigo de visitas, e ainda mais de intimidade com vizinhos, não deixou de prompto de aceitar a amizade.

Pedro começou a frequentar a casa de Jorge e este a de Pedro.

Uma nova vida nasceu para Isbella.

Vejamol-a.

II

A familia de Jorge, o negociante abastado, tem por costume festejar todos os annos a noite de S. João, convidando para esse fim todos os seus amigos e conhecidos.

Estavão nas vesperas dessa grande noite quando Isbella teve entrada, pela vez primeira, em casa do negociante, acompanhada por seus pais.

Recebidos com todas as attenções e carinhos, Isbella achou logo em Clarinda, filha dilecta de Jorge, uma verdadeira amiga.

Clarinda é uma moça voluvel, mas bella: a viveza de seus olhos azues bem deixa conhecer a alegria de sua alma e a inconstancia de seu coração.

Rosto da côr do lyrio, tem em cada uma de suas faces o carmim da rosa.

E' um typo de seductora belleza para os amantes da mulher loura.

São duas formosuras formando em tudo um perfeito contraste.

Para ella todos os homens são fingidos á excepção de seu pai, e por isso ainda não se tem querido casar.

Diz que aquelles que a insensão são aduladores que não amão e que só rendem culto ao dote,—ao ouro de seu pai; e que por

isso dá de mão a esses loucos aventureiros, gozando livremente dessa liberdade tão doce, que a mulher a dá em troca de seu primeiro suspiro e de seu primeiro amor, quasi sempre annel fatal de uma cadêa que só a morte quebra.

Dous osculos intimos vierão consolidar a amizade desses dous corações differentes.

Isbella é a imagem do amor, Clarinda é o anjo do desdem.

— Minha amiga, disse a filha de Jorge, demo-nos em muito bella occasião: d'aqui a tres dias é o dia de S. João e teremos uma festa que a gozaremos no auge do maior prazer. Ha de vir, não é assim?

— Com todo o prazer, se Deos assim permittir.

— Permittirá, sim; Deos é muito bom para que nos prive de uma companhia, que só por si bastaria para nos alegrar.

— Muito póde a bondade, minha amiga, principalmente n'um coração como o vosso.

— Não é bondade minha, é o que eu sinto. Olhe, imagine um baile, sortes, fogueiras e batatas, cannas e carás, e veja como nos divertiremos, não é assim?

— Tudo isto é bello, e é mais bello ainda quando se tem ao lado uma creatura como vós, a quem eu já amo como se fosseis minha irmã. Tinha tanta vontade de ter uma irmã!

Não me trate mais com cerimonia, de hoje em diante nos fallaremos como amigas velhas, permitte isto?

— Pois sim, querida amiga, de hoje em diante seremos amigas antigas, e nos trataremos por tu; e eu serei feliz com a tua amizade.

Como te chamas? Ouço chamarem-te Bebella.

— Chamo-me Isbella, e tu?

— Eu tenho um nome que não é em nada poetico como o teu: chamo-me Clarinda... não te rias.

— Não é bonito! Oh! sim, muito bonito. Eu gosto dos nomes pouco communs.

— Pois sim, deixemos isso para logo, agora vai me dar o prazer de tocar.

E dizendo isto travou-a pelo braço, trazendo-a até junto ao piano.

Isbella satisfez a sua amiga, tocando uma phantasia de Thalberg; depois tomando-lhe uma das mãos levou-a para o jardim e assentárão-se ambas n'um banco de marmore, onde a lua campeando bella, vinha como que escutar-lhes os segredos.

Depois de alguns instantes de silencio perguntou-lhe Clarinda.

— Nunca amaste, Isbella?

— Já, respondeu-lhe esta, tenho amado a Deos, a meus pais e as flôres do meu jardim.

— Não te fallei desse amor.

Perguntei-te se nunca amaste, isto é, se nunca sentiste pulsar o coração por homem algum.

— Não, disse Isbella com toda a sua ingenuidade, e não te minto. Conheço que se póde amar a um homem inteiramente estranho pela leitura que tenho de alguns romances.

— Só?!

— Julgas sem duvida que eu minto? Tomo por testemunha a lua que nos aclara e as flôres que nos embriagão com a sua fragancia.

Educada em um collegio onde não se fallava em amor e de lá para a casa de meus pais, vivendo quasi que uma vida de retiro, não tenho sabido ainda o que é isso.

E praza ao céo que seja sempre assim, e que o amor que eu tenha de dar a outrem seja mais e mais desses a quem amo extremosamente.

— Então não conheces esse amor de que te fallo, não é?

— Confesso-te que não.

— Pois então, disse-lhe Clarinda, nesse ponto tenho sido mais feliz ou mais desditosa que tu; tenho amado, isto é, tenho-me entretido com alguns sem que todavia os tenha amado: não creio nos homens.

— Se o amor é ás vezes a tristeza do coraçao, disse Isbella; uma vaga imagem do espirito; uma febre d'alma; um passarinho que canta no galho da larangeira; um suspirar, cuja cousa eu ignoro; duas existencias ligadas á uma só, segundo me ensina a propria natureza, eu amo, minha amiga.

Creio ás vezes que um anjo se desprende do céo e se atravessa em minh'alma, nas horas em que eu durmo; amo a esse anjo, visão do meu espirito, sem saber quem elle é.

Ha momentos em minha vida que eu quizera poder dormir sempre para vêl-o, mas julgo que este desejo morrerá comigo sem que eu nunca lhe possa decifrar o mysterio.

E' isto que se chama amor?

— Bello! não careço de mais explicação; tu amas e muito: é mesmo assim que elle nasce. O anjo que te atravessa a alma não é do céo, tu te enganas, é da terra e bem da terra, eu sei. Ah! minha Isbella, continou ella, colhe a rosa e acautela-te com os espinhos; pelo que ouço vejo que ainda não conheces o mundo, eu conto mais tres annos do que tu, e do que tu juro-te que tenho mais esperiencia delle e dos homens.

Ahi a conversação foi interrompida por Albertina, que convidava Isbella para se fazer ouvir de novo.

Digamos de passagem alguma cousa a respeito da recem-chegada, em quanto Isbella toca.

Albertina, tia de Clarinda, é uma solteirona de 30 annos; (não obstante dizer que tem só 25) tendo querido escolher muito um noivo para as delicias da sua vida, tal qual o havia sonhado, parece que entrará para o *toilette* das velhas como uma flôr que cresta-se sem ter recebido o orvalho do céo.

Assim acontece á moça que se esquece dos annos, irrisão da formosura humana, como disse o padre M. Bernardes, e sente chegar a velhice com o seu manto rugoso lançar-se sobre a flôr de seus dias, sem ter nunca sabido para o que nasceu.

Então lembra-se do que fez, e, vendo-se sem mais encantos, faz da lingua uma espada de dous gumes e corta com ella toda e qualquer formosura que brilhe, recordando-se do seu passado tão rico de reminiscencias e do seu presente tão pobre de esperanças.

Albertina já tem despresado dous casamentos por que nenhum dos noivos tem fortuna; isto é, o primeiro foi um titular Russo e pobre, era um barão. O segundo porém é que ella nem sequer podia ouvir-lhe o nome por ser artista.

Educada no meio do fausto e da grandeza, sem todavia ser rica e nem possuir cousa alguma, pensa como muitas que é só no ouro que se encontra a felicidade.

Deixemol-a pois com as suas pretenções á grandeza e tornemos ás duas amigas.

Depois de Isbella ter satisfeito os desejos da nossa pretenciosa, sua amiga travando-lhe pelo braço levou-a de novo a passear no jardim, onde mostrado-lhe os seus ricos vasos de porcelana de Cèvres, que estavão exhalando uma fragancia suave, tirou de um delles umas violetas e disse-lhe sorrindo-se:

— Guarda este ramozinho de violetas, ellas são o emblema da candura e da modestia; puras como tu recendem o mesmo perfume de teus sentimentos.

Na amizade sê como ellas, mas no amor sê como a sensitiva, que se teme até do proprio orvalho que a alenta.

— Agradeço-te, disse Isbella sorrindo-se ingenuamente, é uma lição de amiga e um conselho de quem talvez tenha mais experiencia do que eu. Parece-me que nunca hei de amar, mas se

o fizer algum dia, só a ti confiarei os segredos do coração e os transportes de minha alma.

— Agradeço-te muito, mas ouve, eu só dou conselhos a um coração ainda innocente como o teu; a mais ninguem.

Penso que ainda pouco conheces o mundo e ainda menos os homens. Um coração como o teu, sensivel ao amor, póde-se illudir facilmente. Como um botão de rosa abre-se para receber a gota de orvalho e recebe muitas vezes a peçonha de um reptil, que o envenena e o mata.

Isbella ouvia sua amiga com a mesma attenção que costumava dar a seus pais nos seus salutares conselhos; ia talvez estudar alguma cousa mais nas palavras de sua amiga, quando a voz de Jorge se fez ouvir chamando sua filha para se despedir de Pedro.

As duas amigas osculárão-se e estreitárão-se reciprocamente, dizendo Clarinda á sua querida: adeos, Isbella, até o dia 24.

III

Isbella, a menina educada no seio da paz e da humildade, modesta como a florzinha nascida nos ermos da floresta, longe do murmurio das festas, apartada do bulicio do mundo, vai pela vez primeira entrar no seio de uma sociedade, onde talvez seja ella a unica, cujo coração innocente não se tenha ainda despertado ás sensações de um mundo perigoso, e inteiramente estranho para ella.

Habituada ao ar livre de uma natureza pura, formada por Deos, vai entrar hoje para uma outra toda artificial, formada pelos homens.

A primeira tem o cunho da verdade, a segunda o da mentira.

Criada á luz do modesto lampeão da casa de seus pais, é impossivel que não se offusque ante tanto concurso de luzes.

Qualquer que seja a planta, arrancada do seu para um outro solo, ou vive muito ou morre logo: assim, queira o céo que Isbella atravesse livremente esses escólhos, e, como a planta arrancada á sua primeira terra, possa encontrar em outra a mesma seiva e uma melhor vida.

. . . . . .

Eis chegado o dia da festa em louvor a S. João.

A casa de Jorge está brilhantemente illuminada; no centro do jardim brilha uma cascata de luz; as escadas que dão entrada para o salão estão forradas do mais fino tapete e este juncado das mais variadas flôres e folhas odorosas: ahi, n'uma especie de docel destaca-se um riquissimo lustre suspenso por uma argola de ouro; o salão do baile primorosamente ornado nada deixa a invejar. Um rustico lançado de improviso ahi julgar-se-hia no céo.

São dez horas. Succedem-se os carros uns após outros: chegão os convivas, dá-se principio ao baile.

Meia hora depois entrou no salão uma mulher toda de branco, ou antes um anjo com a plumagem do cysne; todas as vistas se fitárão nella com o mais vivo interesse.

Era Isbella.

Por muito desembaraço que se tenha, qualquer se sente acanhado ao entrar em um lugar pela vez primeira, principalmente quando este é occupado por tanta gente estranha, cujos olhares em um só momento se fitão todos sobre a pessoa que chega.

Ao lançar o primeiro pé no salão Isbella estremeceu e corou; para disfarçar a confusão em que havia ficado, disse algumas palavras a seu pai, e sorrio-se vendo chegar sua amiga, que a esperava anciosa.

Nesse novo mundo ninguem fallava senão na recem-chegada: para os cavalleiros era ella objecto do mais vivo encanto, para as damas, o da mais viva critica. Aquellas que dispunhão de belleza,

ou ao menos de sympathia, achavão-na bella, formosa mesmo; as outras, a quem a natureza ou o tempo havião desbotado e murchado-lhes o encanto, ella podia passar.

— E' moça, dizião ellas.

E Isbella, longe dessa vaidade que desnatura os seres, modesta como sempre, era a mesma para todos, sem que descobrisse a falsidade daquelles labios que lhe affagavão com palavras de doçura, e do fumo espesso da lisonja, que derramava-se alli.

Soou a musica dando o signal para a segunda quadrilha, logo depois um moço bonito, elegantemente vestido, chegou-se a ella e disse-lhe :

— V. Ex. concede-me o prazer desta quadrilha?

A filha de Pedro corou, e seguio ao braço que o cavalleiro lhe offerecêra.

Porque corára ella?

E' natural.

O pudor da virgem innocente é tão susceptivel de inflammar-se, que o proprio espelho em que revê-se sua imagem nas horas do desalinho, a faz enrubecer; depois a presença daquelle homem estranho, que lhe ia tocar, embora de leve, na sua mãozinha ajustada tão bem a uma luva de pellica côr de canna; aquellas palavras pronunciadas com um som tão agradavel, não deixárão de accender a côr pudica de suas faces.

Deixemol-a dansar e encaminhemo-nos para uma sala do interior consagrada aos velhos e moços que não dansão, e só achão prazer no jogo.

Ahi estão duas bancas! joga-se fortemente o *écarté*.

Entre essas physionomias alteradas, só duas se destacão pelo contraste: uma é a de Jorge, perfeitamente calma, a outra a de um moço inteiramente desfeita, que dissipa nesse passa-tempo horrivel os bens adquiridos pelo pai, que talvez tivesse vivido qual outro Ferrabraz (usurario vil, que morrêra de uma *indigestão*,

na casa de um amigo, por nunca ter comido assim) para deixar a um filho prodigo o fructo da sua usura.

O primeiro ganha soffrivelmente e o segundo perde em relação aos lucros do primeiro.

Entre esses que passão a noite no vertiginar dos dedos, vê-se a figura sympathica e respeitavel de um homem de 55 annos, alto, de cabellos grisalhos, barba raspada e de physionomia alegre, assentado pouco atraz de Jorge. E' Pedro.

Esse homem de sãos principios era talvez o unico dos que não jogavão, que observava attentamente as mudanças operadas naquelles semblantes, mais gastos pelas vigilias, do que pelos annos.

Na verdade, para um observador minucioso é esta uma escola terrivel onde se póde colher os typos os mais originaes, e transplantal-os ás furias do Averno; barathro sempre ardente, onde a acção e reacção acompanha os gestos dessas almas presas á ambição do ouro e que mais se assemelhão a espectros do que a homens, arrasta-as para as bordas de um abysmo horrivel, onde as mais das vezes as espera o anjo do suicidio.

As cartas são a patria, a esposa, os filhos, os amigos e a religião do jogador.

Esquecido dos objectos que lhe deverião ser tão caros, elle habita uma outra região, e, como se o seu espirito irradiasse nas immensidades do espaço, chega até a esquecer-se de si proprio.

As cartas são o seu Lethes; ahi elle olvida tudo só para concentrar-se nesse mundo tenebroso.

O jogador é o ladrão de si mesmo.

Se Jorge, por seus grandes capitaes, e pelas poucas vezes que joga, está fóra desse numero, não estão outros; não está esse moço pallido, de feições cadavericas pelas noites veladas á cabeceira de uma mesa profusamente illuminada, ora aqui, ora alli, fazendo disso uma vergonhosa profissão.

Sobre este porém, é que os olhares constantes de Pedro mais

affluem, compadecido sem duvida do futuro miserrimo desse engeitado da sorte; sim, da sorte: rico, porém sem juizo e sem forças para se erguer desse vicio em que havia cahido, e cuja riqueza se vai escoando rapidamente nesse pessimo emprego, roubando-lhe os risos do prazer e impallidecendo-lhe as flôres de suas primaveras, só a miseria núa e descarnada o póde esperar na sua velhice prematura, como um espectro infenso, se um braço amigo o não levantar do abysmo em que cahira.

— Basta! disse Carlos, o jogador, erguendo-se da banca e puchando pelo relogio. Passa um quarto da meia noite: jogo ha tres horas e ainda não marquei um só rei!

Nunca me lembro ter estado assim, nem ter perdido tanto.

— Quanto perdeu? perguntárão-lhe alguns dos companheiros.

— Quatro contos, respondeu-lhes Carlos flegmaticamente, agitando os bolsos de seu collete.

— Então não continúas? interrogou-lhe um velho feio e mal encarado. Podias ter perdido mais.

— Se lhe parece, respondeu-lhe Carlos no mesmo tom, é melhor deixar ficar a roupa.

— Não dizemos isso, se não tens dinheiro eu te empresto; póde ser que *refresques* com a madrugada, e...

— Não jogue mais, Sr. Carlos, disse Jorge, deixando o velho feio suspenso na sua longa conjuncção, eu tambem me levanto; vou dansar uma quadrilha com a filha do meu amigo.

Jorge tomou o braço de Pedro e ambos se encaminhárão para o salão do baile, deixando ficar seus amigos a continuarem no *prazer* da banca.

Carlos seguio para o jardim.

A alegria era completa; o salão rescendia mil perfumes: que athmosphera se respirava alli!

Ao pó dourado das salas, que brilha suspenso pelas vertigens da

walsa, nesse ambiente perfumado de cravos e jasmins, de essencias diversas e variadas, dir-se-hia um templo de deusas, envoltas em nuvens de purpura diaphanas, n'um ether de ambrosias.

Isbella na occasião em que chegava seu pai pelo braço de Jorge era conduzida ao piano pelo cavalleiro, que tivera tido antes a honra de merecer-lhe a segunda quadrilha.

O silencio foi completo: a voz argentina da encantadora Isbella soava forte e harmoniosa.

O coração mais inaccessivel aos affectos, render-se-hia aos magicos accêntos daquella voz divina.

A mulher que canta é mais do que uma mulher, é uma deusa; é mais do que isso: é um anjo. Sua voz arrebata a nossa alma e a eleva a Deos.

Até na sua mesma morte o seu ultimo suspiro é como o som que deixa um musico instrumento, cuja corda afinada estala vibrante na mudez da noite.

Os bravos e as palmas ardentes dos que a havião admirado, forão um voto consagrado á mimosa Eutherpe.

Modesta sem affectação, a filha de Pedro recebeu todas as ovações sem vaidade, antes corando quando o cavalleiro que a tinha levado ao piano, e que de novo a conduzia pelo braço para o lado de Clarinda, disse-lhe:

— Minha senhora, a voz de V. Ex. encanta!

Esse moço a quem lhe daremos o nome de Julio, é um primeiro tenente de marinha, distincto por suas qualidades e intelligencia; filho de boa familia e senhor de alguns bens, que herdara por fallecimento de seus pais.

Quem a miudo frequenta sociedades, mais ou menos em contacto com essas mimosas flôres dos salões, enganadoras como as rosas de Gueldres, ephemeras como as de Malherbe, é difficil impressionar-se vivamente por quaesquer dellas, principalmente

quando se tem viajado como Julio, e como elle tem-se um coração mais propenso a gostar do que a amar.

Comtudo esse moço parece já inclinado a Isbella; porém como a inclinação não é amor, vejamos se elle prosegue ou se recúa.

Emquanto a filha de Pedro todas a buscão ora para tocar e cantar, ora para dansar; porém d'entre todos que a cortejão e rendem-lhe adorações, parece haver um que lhe merece mais attenção, e este é Julio.

Seus languidos olhos pretos ás vezes inquietos buscão ver entre tantos um objecto que ella já começa a anhelar, e que ás vezes desapparece-lhe: é elle, Julio. Porém se nessas occasiões lhe perguntassem o que é que ella com esses olhos feiticeiros busca com anciedade, estou certo que ingenuamente responderia: — Não sei!

Todavia seu coração, mimoso botão de rosa, vai desabrochando-se sem que ella o sinta verdadeiramente.

O botão da rosa desabota-se banhado pelo rocio do céo e pelos beijos do sol, e como elle, o coração da virgem vigora pelo amor.

O amor é o orvalho dos corações; como elle alenta e vivifica.

— D. Isbella, disse Jorge com a affabilidade que lhe é propria, parece-me que é chegada a minha vez; quero ter a dita de ser o seu par nesta quadrilha, que se vai tocar, sim?

— A dita é minha Sr. Jorge, respondeu-lhe Isbella com um doce sorriso.

— Dita de dansar com um velho feio!.... porque?

— Mereci a honra de ser escolhida por vossa senhoria.

— Agradeço-lhe bastante, minha senhora, porém havemos de dansar de *vis-à-vis* com seu pai.

— E eu serei a dama do Sr. Pedro, acudio Clarinda

— Justamente, minha filha.

Julio, que havia pedido a Isbella um passeio ao jardim durante

aquella quadrilha, acabava de passar pelo dissabor de vêl-a sahir pelo braço de Jorge.

E sabeis, leitora, o que é em um baile um passeio com uma dama, principalmente quando junto á este ha um jardim delicioso que permitte ás damas e cavalleiros aspirarem o seu perfume e passearem juntos pelas suas alamedas bordadas de álamos e acácias?

E' sempre a revelação intima de dous corações que se abrem; nada se aprende e no entanto perde-se muito.

Em uma moça como Isbella as palavras de um mancebo como Julio, são sempre perigosas.

O coração de Isbella é um livro em branco. Não é nada commum este livro em muitos corações virgens. A maior parte delles tem o seu escripto com diversos caracteres.

Um livro pois como o de Isbella é um grande achado, e julgar-se-ha sem duvida feliz aquelle que, profanando-o, puder enchel-o até o fim.

O amor nunca cansa de escrever.

Não fallo desse amor que se perde no materialismo da vida.— Flôr almejada emquanto presa ao seu hastil, e abandonada depois de colhida.

Trato desse amor santo, difficil por ser pouco vulgar, que não se alenta senão com o que é bello e puro.

— Minha senhora, que cruel illusão para quem ia merecer de V. Ex. o prazer de um passeio ao jardim, disse Julio indo ao encontro de Isbella, que acabava de dansar.

— Zangou-se comigo, não é assim? bem vio que eu não tive a culpa.

— Bem sei: não me zanguei com V. Ex., queixo-me apenas dessa contrariedade involuntaria, que roubou-me um momento de ineffavel prazer.

— Senhor, só póde sentir ineffavel prazer uma alma pura ás portas da Eternidade.

— Por ventura V. Ex. não inspira esse prazer? Não é V. Ex. a eternidade do amor?

Isbella corára e, deixando morrer-lhe á flôr dos labios uma doce palavra, abaixou os olhos e começou a torcer as pontas do seu lencinho branco.

— Um homem que merecesse de um ser angelico um olhar, um sorriso, emfim attenções, não sentiria esse prazer? de certo. Se elle fosse intelligente attribuiria esses transportes, esse enlevo d'alma ao amor e julgar-se-hia immortal; se fosse rustico tornar-se-hia intelligente: suas ideias brilharião e seu coração renovar-se-hia: quem ama é sempre intelligente—não ha rusticos no amor. Não é assim, minha senhora?

— Senhor, para se merecer attenções de um anjo é necessario estar-se no céo.

São elles puramente espirituaes; disse-lhe Isbella sorrindo-se.

— O mundo tambem tem os seus anjos, minha senhora.

— Profanos; anjos de corpo e alma não são anjos, são peccadores.

— E' o espirito pagando o tributo á materia: isso não oppõe-se a que muitos delles sejão anjos. Aqui estou eu que habito na terra como um dos grandes peccadores e acho-me neste instante puro por ver-me junto a um anjo como é V. Ex.

Isbella estremeceu ao ouvir pela vez primeira aquellas palavras que lhe cahirão no coração como vivas scentelhas.

Erão as chispas do amor produzidas pela força do malho, na incude mimosa daquella delicada compleição.

Quiz levantar-se e não pôde.

Teve medo de si mesma.

Tinha sido por momentos victima da catelepsia do amor.

As pancadas de seu coração assimelhavão-se bem as de um pequeno martello hydraulico.

Julio era tenaz.

A presença de Clarinda aliviou-a, e fêl-a respirar melhor.

O amor tambem asphyxia.

— Isbella, vou te avivar uma historia. Uma moça sem fé alguma nos homens travou amizade com uma outra, que, não obstante a virgindade de seu coração, havia nella uma certa inclinação para o amor, e disse-lhe um dia, colhendo em um vaso do jardim algumas violetas: Toma, minha amiga, ellas são puras como tu; na amizade sê como ellas, e no amor sê sensitiva. Lembras-te?

— Excellente parabola, D. Clarinda, onde a encontrou? perguntou-lhe Julio, sem comprehender muito desse pouco que se havia dito.

— Será parabola para o senhor, não para nós, que a comprehendemos perfeitamente, não é assim Isbella?

Isbella que se havia perturbado com as palavras de Clarinda, tomou-a pelo braço e caminhárão ambas para o jardim, deixando ficar Julio, que por longo tempo meditou sobre o enigma de Clarinda, sem poder decifra-lo como desejava.

— As tuas palavras impressionárão-me, minha amiga, achas pois que eu já amo?

— Perfeitamente, respondeu-lhe Clarinda, com riso malicioso, só o que eu admiro é a sensibilidade do teu coração para o amor, abrindo-se tão depressa ás suas impressões. O amor nascido na noite de um baile, é sempre ephemero, minha amiga; é como a flôr da noite, que exhala o perfume e morre logo que amanhece, ficando apenas o cadaver de uma flôr, como as rosas de Malherbe; assim um affecto como o teu é só alentado e perfumado hoje, e será amanhã o que?... o esqueleto de um amor só suspenso nas azas do pensamento.

— Creio que ainda não amo, disse-lhe Isbella, porém se começasse a amar parece-me que desistiria pela tua linguagem.

— E' o que te parece, tornou Clarinda, o coração uma vez inclinado ao amor é difficil de refrear-se; uma moça como tu deve sómente evitar a occasião, porque chegada ella o coração supera a razão e a victima é certa.

— Como victima ?! perguntou-lhe Isbella admirada.

— Porque seguindo os impulsos do seu coração, só vê no homem que ama tudo quanto é bom e puro, esquecendo-se de que muitas vezes em um leito alcatifado de lindas e viçosas flôres ha por base abrolhos e espinhos aguçados. E elle, o objecto amado, zombando do amor sagrado da virgem, só a busca para desfructal-a.

Quem ama é sempre infeliz, minha Isbella.

— Porque ? minha amiga.

— Porque não ha igualdade no amor, respondeu-lhe Clarinda. Se te sentires com amor bastante por qualquer homem, como por exemplo por Julio, pódes contar como certo que elle não te retribuirá com a força do mesmo sentimento:—rir-se-ha de ti. Admirando eu em toda a natureza, a harmonia e perfeição de seu Autor, só acho que o amor, segredo que elle depositara nos corações humanos, é disforme pela desharmonia e imperfeição. Não ha, não houve e creio que não haverá dous amores, que se identificando, se possa dizer—duas almas unidas em um só coração, dous corações presos á um só espirito.

Ouve: o melhor partido que uma mulher amada póde tirar d'aquelle a quem ama, é a indifferença parcial.

Nem muita susceptibilidade de amor, nem muita demonstração de interesse.

Sempre na estacada, ella deve se deixar amar vivamente, primeiro que diga que lhe ama. Depois que tiver ganho imperio

no seu coração, o retribuirá moderadamente com o seu affecto, embora sinta amor.

Se perguntar se o amas, tu lhe darás um—sim—que não é negativo e nem tambem affirmativo.

E' um—sim—duvidoso, que prova que não o aborreces, mas que tambem não o amas.

E' este o melhor meio que ha para se chegar a obter o coração d'aquelle por quem immensamente nos interessamos.

Chama-se isto, minha Isbella, *tatica de amor*.

O amor tambem tem arte.

Parecer-vos-ha, leitora, um tanto exagerado o typo da nossa Clarinda, não é? Mas não.

Clarinda viveu, ou vive ainda; e onde quer que esteja lembrar-se-ha de nós se chegar a ler o nosso livrinho.

Nós não discorremos com nossas invectivas, narramos factos que se derão, e que ainda existirão nos archivos de mais de uma memoria.

— Muito tenho-te ouvido e admirado, disse-lhe Isbella sorrindo-se, e affagando-lhe uma das mãos, porém julgo que fazes injustiça ao amor; pelo menos a historia nos apresenta heróes e heroinas: Abaillarde e Luisa, Romeo e Julieta, Gonzaga e Marilia e outros muitos factos como estes, provão o contrario do que me acabas de dizer.

— Minha Isbella, a historia biographica é como um quadro onde a penna é o pincel do artista.

Este procura sempre dar ás suas obras um bello colorido para fazel-as melhor sobresahir.

O historiador biographo está no mesmo caso.

Estes que me apresentaste como modelo do amor pela igualdade, são apenas bellas roupagens emprestadas em esqueletos mal articulados, por esses que lhes descreverão a vida

Fizerão de um argueiro um cavalleiro.

São exemplos na verdade de amor e constancia, porém exagerados e aperfeiçoados para estimulo do mundo e dos que amão.

Estes heróes e heroinas o são pela phantasia do seu biographo, mas não pelos corações dos proprios, nem pela realidade de suas acções.

Pelo menos eu penso assim.

— E's muito rigorosa, minha Clarinda, pois não crês nem no amor de Gonzaga com Marilia, que é quasi dos nossos dias? Se elles se não casárão deveis saber mui bem a razão porque.

Clarinda deu uma risada e respondeu-lhe:

— Pobre amiga, como é ainda innocente o teu coração! Pois julgas que o casamento é a prova do amor? principalmente neste seculo onde não é elle mais que um ramo de commercio; onde só existe o interesse; onde o pai (não o nosso) julgando-se senhor do coração da filha, a obriga a desposar um homem a quem ella muitas vezes detesta, e que só o agrada pelo ouro que possue? Gonzaga podia ter amado muito a Marilia, como creio, e nunca (como aconteceu) ter-se casado. Elle viria a ser a final como todos os outros, se as tristezas do carcere, e mais tarde o seu exilio, o não tivessem feito melancolico pela saudade; emquanto ella eu creio que não o amou tanto como dizem, porque mais tarde, segundo tenho ouvido affirmar, ella aceitou os amores de um outro...

Tornemos porém ao casamento. O casamento, minha Isbella, mesmo para aquelles que se amão, é um lugubre esquife: o amor está na illusão, dissipada esta elle cahe no trivial da vida; deixa de ser um sonho para tornar-se uma realidade. O casamento une a materia e separa os espiritos. Elle só póde convir ao bem estar social e nunca ao bem estar do amor.

O amor verdadeiramente puro só frúe a materia pelo gozo d'alma.

E' o bello ideal.

Mas como é rarissimo e quasi que impossivel esse amor, ahi vem esse outro, com um pouco de tudo, que liga e confunde a alma com o corpo.

Então faz-se o casamento, e dura ainda como illusão o mesmo tempo que se leva para aspirar a fragancia de uma flôr.

Dous entes que se amassem verdadeiramente nunca se deverião ligar materialmente.

A vida lhes seria sempre encantadora e o seu amor sempre novo e contemplativo.

O amor, o verdadeiro, acompanha os seus entes até á porta do templo de Deos, assiste a toda ceremonia, preside-os ainda no baile, quando o ha, e recolhe-se com elles ao leito.

Ahi, quando as flôres da grinalda virgem cahem despencadas pelos dedos febris do noivo, o amor vôa então n'um gemido e desapparece para não mais tornar.

Na manhã seguinte resta o que?

Um sentimento que já foi amor e que ainda não é amizade.

Então o que é?

A embriaguez da alma pelo gozo dos sentidos.

Gostaste?

E' uma simples prelecção de amor.

Essa innocencia de Clarinda, salpicada de certa malicia propria á sua natureza calida, assenta-lhe perfeitamente e a faz uma mulher desejada pelo seu todo de graça e donaire.

Tendo feito uma pequena pausa, ergueu-se; e tomando nas suas mãos a mão da amiga, disse:

Accendem-se as fogueiras e vão arder as cabeças de alcatrão em honra de S. João, vamos; vamos ás batatas e ás cannas e depois iremos ás sortes, ver se tu serás feliz em amor e quando te casarás.

Deixemol-as comer as batatas e chupar as cannas, e as esperemos assentadas todas na occasião das sortes dessa noite encantadora e

desse feliz tempo em que maior era a fé e mais agradaveis as festas.

Quantas lendas de amor, quantas historias bonitas e ainda quantas scenas agradaveis não derão as noites de S. Antonio, S. João e S. Pedro, arrefecidas hoje pelo gelo do desanimo, e pelo tedio da descrença!

Já lá vão esses ditosos tempos de risos e folguedos, tão queridos por nossos antepassados e tão despresados pelos nossos presentes, que tudo isso condemnárão ao esquecimento, como se esses queridos Santos tivessem offendido o amor proprio de alguem. Todos parecem estar mal com elles... pobres santos!

— Silencio, meus senhores, disse Clarinda—toca a minha vez de ler. Eis o copo e os dados.

— Sobre que sorte? gritárão todos.

— *Se ha de ser feliz em amor*, respondeu a filha de Jorge.

— Está dito, está dito, disserão todos, e Isbella foi a primeira a jogar os dados.

— *Ternos*, vejamos; olhe o que eu te disse ha pouco, Isbella; é agora. E leu:

« — Se nunca amaste, não ames,
« Foge d'amor, bella rosa;
« Se delle render te deixas
« Ai de ti, virgem formosa! »

As faces de Isbella corárão, e involuntariamente seus olhos encontrárão-se com os de Julio.

Este olhar não fôra perdido para Carlota, que não deixou de notar a mudança da physionomia de sua filha, que nesse volver d'olhos como que pedia a Julio uma explicação do que lhe havia sahido por sorte.

Isso passou, e os dados forão para adiante, e chegárão por sua vez á leitora das sortes, que feixou sobre o — Se ha de ser feliz

em amor — com uma sorte de arromba. Era impossivel que o S. João não estivesse presente.

« — Fallas mais do que se deve,
« Chamar-te-hão tagarella;
« Não te zangues: ama, ama,
« Serás feliz, minha bella. »

Continuárão as sortes sobre outros pontos, e Clarinda querendo vêr se a sua amiga casaria ou não, lançou os dados neste sentido e ainda foi ella infeliz:

« — Não nasceste p'ra casar,
« Foge pois da seducção;
« Moço rico ha de illudir-te
« Sem desejar tua mão:
« Um outro depois virá
« Que alegrias te dará. »

— Não quero mais sortes, disse Isbella zangada; sou eu só quem tira as peiores; não quero mais. Estou cansada.

Quando Isbella levantava-se deu o signal para a ultima quadrilha, e Clarinda deu tambem por acabada as sortes de S. João.

— Dá-se o signal para a ultima quadrilha, disse Clarinda, e é a que o Dr. Castro compuzera para me ser offerecida. Vamos, dansaremos de *vis-á-vi*.

— Mais uma walsa antes da ultima quadrilha, gritárão alguns, entre esses Julio; uma só.

Poz-se a votos e a maioria foi vencedora.

— Toque-se a walsa, disserão todos.

A musica quando bem dirigida e executada com mestria, é sublime e arrebatadora.

Como ultima deveria ser uma walsa forte, era a walsa da despedida.

Julio foi buscar Isbella, enlaçando-lhe docemente pela delicada sintura, flexivel como um junco que cede ao mais leve bafejo de aragem.

Os olhos de Isbella scintillavão.

Qual é a moça que não ama a walsa de preferencia a outra qualquer dansa?

A walsa é febricitante, a walsa mata; mas é uma morte doce, uma agonia que se não sente.

Morre-se em extasis.

O amor do pai é egoista.

Pedro olhava para sua filha que voava, com impaciencia.

Tinha medo que ella não cahisse morta dos braços daquelle avaro que a incitava, quando era justamente ella quem dizia-lhe baixinho ao ouvido: mais... mais!

A walsa era rapida, forte e arrebatadora!

E qual seria ella a não ser alguma dessas walsas de Weber, cheias de vida e fogo!

Todos já tinhão cansado; mas Julio ainda dansava e Isbella ainda parecia ter começado.

Naquelles vortices precipitados, naquella vertigem douda, elles se havião esquecido do mundo e como que voavão para o céo, ambos, em um só amplexo.

De repente a musica parou, e ella escapando-se-lhe dos braços, como um passarinho das mãos de uma criança, para uma cadeira de braços, disse: eu morro!...

A' acção succedeu-se a reacção.

Isbella tinha acordado desse doce lethargo, que ella quizera fosse eterno, onde o espirito tinha-se embalado pela materia, em somno divinal.

Como é grande a mulher que acorda com um mundo no coração!

Oh! amor, obumbra-me na tua immensidade!

Como Deos, tu és o senhor do universo ; como o universo tu te divides em milhões de mundos, que são outros tantos amores.

Se cada mundo tem o seu idioma, seu estylo differente, seus usos e costumes, assim tu tambem te repartes em multiplicados amores !

Só te comprehende Deos e mais ninguem !

Se o universo é a reducção de todas as suas partes em uma só, tu és a reducção de todos os sentimentos do santo, do justo, do bello e do util : és o sentimento divino e incommensuravel !

Sem amor seria impossivel a immortalidade, sem immortalidade seria uma chymera a eternidade e sem eternidade não existiria Deos.

Uma hora depois o salão de Jorge achava-se vazio : as cabeças de alcatrão apagavão-se e as fogueiras quasi extinctas, fomegavão apenas. Erão 3 horas.

IV

O resto da madrugada foi para Isbella de profundas cogitações.

Tinha vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

Havia um começo de tempestade d'aquelle coração virgem : era a tempestade do amor.

As dicertações da sua amiga ácerca desse sentimento desapparecião ante aquellas palavras sonoras de Julio, que parecião ainda repercutirem-lhe dentro d'alma.

Ella ainda sentia os effeitos da walsa.

E as sortes que havia tirado ?

Essas passavão-lhe de quando em quando pelo seu cerebro afogueado como nuvens á face do sol.

No entanto não deixavão de incommodal-a de alguma fórma.

Mas que importancia póde merecer as sortes de S. João, livro propriamente para fazer rir aos que nisso se divertem?

Nenhuma.

Será por ventura o livro das sortes um livro prophetico, ou mesmo sybillino, em que se deva verdadeiramente crer? Não, por certo.

No entretanto alguns factos existem que provão de um modo exacto a sorte futura de algumas creaturas que se têm aventurado á ellas.

Pelo acaso, dirão alguns; e eu perguntarei aos que fallão no acaso, se não é elle o braço occulto da Providencia.

Porém seja ou não assim, o que vale um ponto negro no dourado horisonte d'um presente de amor?

Nada, absolutamente nada.

Assentada ao lado do seu mimoso lavatorio de jacarandá tem ella o braço esquerdo apoiado sobre elle, e a face reclinada na sua linda mãozinha; nesta postura meditou algum tempo: depois ergueu-se; trocou as vestes do baile por uma especie de antigo brial finissimo, que palliava-lhe apenas levemente o bello das fórmas.

Fria era a madrugada, mas Isbella a não sentia á vista das vestes com que se recolhêra ao leito.

Tal erão o estado da sua alma e do seu coração abrasado.

Substituio o mimoso penteado por duas longas transas dos seus bastos cabellos negros, banhados ainda de perfume; pôz o corpo em attitude humilde de quem eleva a Deos o espirito por meio da oração, persignou-se; ergueu-se pouco depois osculando a imagem sagrada do Redemptor, e deitou-se.

O alvo cortinado preso ás cabeceiras do leito deixava ver perfeitamente aquella creatura angelica, ou antes aquella fada vaporosa, pelo voluptuoso das fórmas, á luz tibia de uma lamparina de porcellana.

Era elle como as azas de um anjo pairando sobre a virgem adormecida.

A' posição mimosa que tomára, dirieis antes um ser phantastico, uma visão aerea, ou sombra vaporosa, do que o todo de uma mulher formosa e seductora.

Meia repousada sobre a espadua esquerda e com os labios carminios mal serrados, olhos humidos e cheios de uma volupia doce, tendo o braço curvo sobre o collo de jaspe, pela alvura da roupagem, e a mão conchegada aos seios, como aquietando essas virginias pomas que estremecião ao tic-tac de seu coração; sem a mais leve coberta, assim negligentemente vestida, suas palpebras forão pouco á pouco ennoitando as engraçadas pupillas e o magico poder do somno correu sobre seus olhos a cortina dos mil encantos, concentrando-a na noite do pensamento.

Logo depois um riso angelical entreabrio-lhe a flôr d'aquelles labios virgens, deixando apparecer a alvura de uns dentes perfeitos e iguaes.

Era um lindo cofre recamado de rubins, com um fundo de perolas finas.

Um outro riso pairou-lhe na mimosa boca e o labio superior oscilou por um instante.

Gotta de orvalho tremulando na petala de uma rosa, ou no calice aveludado de um lyrio.

Depois seu rosto ennuviou-se como se um phantasma de máo fado cruzasse entre as imagens da sua phantasia. Pelo jogo apressado da physionomia poder-se-hia ler as tempestades porque estava passando aquella alma.

Uma forte contracção nervosa fêl-a estremecer toda e esta acompanhada de um ai tão queixoso, que facil seria julga-la no extremo alento.

Era a reacção.

A tempestade serenou.

Um terceiro riso veio dissipar-lhe os nevoeiros da imaginação.

A virgem sonhava.

O canto agudo da araponga, presa em uma gaiola por baixo do alpendre que dava para o jardim, saudou a primeira luz da aurora que brotava por entre as fimbrias crepusculares dos horisontes. Isbella abrio os olhos, tomou nova postura e tornou a dormir.

Quando acordou achou sua tia.

Clara é uma mulher já madura em idade, irmã de Carlota, viuva de um major de artilharia.

Era ella prezada por toda a familia, inclusive por sua sobrinha; fôra em seus braços que ella déra os primeiros vagidos.

Isbella se erguera do leito triste e pensativa, a presença de sua tia animou-a mais.

As impressões do baile não se havião apagado: ella ainda pensava em Julio.

— Chegou em boa occasião, disse Pedro á sua cunhada, preparamo-nos para ouvir missa.

— Onde?! perguntou-lhe Clara com admiração, pois tambem se diz missa por aqui?

— E' verdade; um amigo e vizinho tem uma capellinha onde vem todos os domingos o padre Lopes dizel-a.

— Bom, ouvirei mais esta em desconto dos meus peccados.

— Titia já ouvio missa hoje? perguntou-lhe Isbella.

— Já, minha filha, respondeu-lhe Clara, que as mais das vezes chamava Isbella de filha, ouvi a das seis horas na igreja de Nossa Senhora da Candelaria.

— Vamos almoçar, disse Pedro.

Pouco depois todos achavão-se á mesa.

Isbella contentou-se com uma chavena de chá e alguns biscoutos, e pedindo licença ergueu-se e encaminhou-se para o seu toucador.

Quem ama attende mais para o prazer espiritual que para o material.

Crer-se-hia que em certas occasiões essas mimosas e incomprehensiveis creaturas se transformavão em fugazes *Gaunambys* (*), se nossos olhos não fossem testemunhas de tantas outras que desfigurão a illusão de seu sexo.

Uma hora depois appareceu fagueira.

Vê-la era ficar deslumbrado.

A formosura não carece de adorno, é ella a mesma formosura.

Estava simples, porém elegante.

Aquelle corpinho delgado, com cintura flexivel, ficava airoso com qualquer roupagem : tudo lhe dizia bem.

Isbella era um mimo da natureza.

Contemplai, leitora, um perfil como o dessa encantadora menina, com um vestido de gorgorão de seda afogado, tendo sobre o pescoço um lencinho branco de linho, contrastando com o preto da sua veste e o amorenado da sua tez ; umas mãozinhas de fada calçadas em luvas de pellica roxa, tendo em uma dellas um livrinho de resa, forrado de velludo da mesma côr, com um feicho dourado ; ajuntai a tudo isso uns pezinhos que sahem como por encanto d'entre a fimbria do seu vestido, pequeninos e mimosos como se não houvessem crescido mais desde que ella sahio do collegio, e dizei :

Ser angelico, qual o poder que te prende na terra, quando és creatura do céo ? !

V

Erão 11 horas da manhã quando a familia de Pedro transpunha os umbraes da porta que dava entrada para a capellinha.

(*) Beija-flôr, colibrí. O padre José de Anchieta affirma que estes passarinhos se alimentão sómente de orvalho, e que ha entre elles um genero que se gera da borboleta.

O padre subia ao altar.

Isbella ao entrar abrangeu com um só olhar todo o centro da igreginha, e estremeceu.

Este aballo fôra uma muda interjeição.

Arrancou a luva, tirou a agua-benta de uma pia de marmore, persignou-se, curvou seus joelhos sobre o tapete e abrio o seu mimoso livrinho.

Estaria orando? Veria o padre no altar? Pensaria em Deos?...

Não sabemos.

Julio estava na capellinha.

Sendo este moço antigo amigo de Jorge, e este morando já a tres mezes ahi, e dizendo-se missa todos os domingos e dias santos, nunca appareceu para ouvi-la; admira que nesse dia, tendo-se retirado de madrugada, naturalmente cansado pela vertigem do baile, estivesse ahi tão cêdo.

Uma unica pessoa o levára para alli: era Isbella.

E teria elle por ventura certeza de encontra-la?

O coração ás vezes advinha.

Já a missa se havia dito, já todos se preparavão para sahir, e só duas pessoas parecião ainda orar.

Erão Julio e Isbella.

Sem o quererem estavão quasi que juntos; immoveis, na mesma postura.

Quando os espiritos se elevão os corpos se abatem.

Deste estado tirou-os Clarinda, segredando ao ouvido de Isbella.

As faces desta impallidecêrão, e sua amiga dissimulou convidando-a para passarem juntas o dia.

Julio aproximou-se, e estendendo as mãos apertara com a esquerda a mão de Clarinda e com a direita estreitara a mão de Isbella.

Não forão duas mãos que se estreitárão, forão antes dous espiritos que se chocárão.

Julio tinha as mãos quentes como se ardesse em febre, Isbella as tinha frias, geladas mésmo.

Clarinda que nada perdia, aproveitou a occasião para avaliar o amor de ambos, fazendo allusão.

— Que dous extremos, disse ella depois de ter tocado a mão de Julio, Isbella tem a mão tão fria e o senhor a sua tão quente.

E' prova de que não sabe amar e nem ama.

Julio, com aquelle seu modo faceto não se deu por achado da indirecta, ao passo que Isbella ficou cheia de confusão e de pejo.

— Mas eu já lhe disse que amava? E porque diz isto? Perguntara-lhe Julio, sorrindo-se maliciosamente.

— O—porque—não direi já. Só o que affirmo é que quem ama tem sempre as extremidades frias, como Isbella.

— Então quer dizer com isto que D. Isbella ama, não é assim?

Julio assim fallando fictou os olhos em Isbella, e esta fez-se ainda mais pallida.

— Eu não digo que a minha amiga ame, porque não sei; mas que será mais capaz do que o senhor de possuir-se vivamente deste sentimento, não resta duvida.

Quem ama, continuou ella, tem as extremidades frias, repito.

— Porque, diga-me? Perguntara Julio, com vontade talvez de dar-lhe um piparote na orelha para não ser tão indiscreta.

— Eu digo, ficando certo de que fallo genericamente.

O amor, que é verdadeiramente amor, é timido; eleva-se na ausencia e parece abater-se na presença do objecto amado.

As extremidades gelão-se, os labios tartamodeão, e só o coração falla, na sublime linguagem do olhar.

— Bravo! disse Julio.

— O sangue como que despreza as veias e a vida toda se concentra no coração.

— Bonito! tornou elle.

Eis ahi o amor puro.

Pelas mãos se conhece quem ama.

— Muito bem, muito bem! disse Julio rindo-se vivamente, ha tanto tempo que nos damos e só agora é que eu vim saber que a senhora professa a arte dos chiromantes.

— Chiromante, não; a chiromancia é a arte que faz advinhar por linhas; e pelas linhas da palma da sua mão eu nada disse. Eu só fallei do temperamento de quem ama e da temperatura do amor.

E por isso repito, o senhor não ama.....

— Porque tenho as mãos quentes, não é assim?

— E por que tambem falla muito; o amor tem tres cousas.— simples fallas, muito olhar e pouco riso.

Depois de reciproca hilaridade, Julio felicitou-a como a sybilla do amor, o que ainda Clarinda regeitara, seguindo ao braço de sua amiga, que respirou com o final do dialogo.

Momentos depois todos achavão-se na sala.

Emquanto as moças e velhas conversavão largamente e ao mesmo tempo, como é costume, Jorge contava aos seus amigos a historia de sua vida; depois versou a conversação sobre Carlos, e Pedro interrogando-o pela vida e comportamento desse moço, elle respondêra-lhe:

— Meu amigo, Carlos é uma bella alma, sua conducta é boa: tem um unico defeito — joga. Criado com o rigor de um pai usurario, sopiado desde criança, sem ter podido mais ou menos pagar esse tributo que nós todos pagamos quando meninos, vio-se mais tarde, por morte delle, senhor de bons cabedaes e quiz então, em compensação ao tempo que havia gasto entre privações, dar expansão ao seu genio de moço, atirando-se aos prazeres do mundo como quem se despede. Os salões forão-lhe logo franqueados, e elle deslumbrado por tanta felicidade, até então igno-

rada para elle, começou a jogar por instancias de um amigo, que conhecendo a grande herança que lhe tocara, abrigou-se-lhe á sombra, promettendo-lhe em breve o augmento consideravel de seus bens.

E' preciso notar-se que este amor ás cartas nasceu-lhe em S. Paulo, para onde seu pai, á instancia de seu compadre, padrinho de Carlos, o mandara estudar. Vendo-se ahi com uma mesada exigua, não obstante os grandes haveres do pai, procurou no jogo o seu augmento, e, segundo elle diz, foi muitas vezes feliz.

— Elle é formado? perguntou Pedro.

— Eu lhe conto: ao terceiro anno de estudos, quando se preparava para vir passar as ferias em casa dos seus, recebeu uma carta na qual sua mãi participava-lhe o fallecimento repentino de seu melhor amigo — seu pai. Chegado elle tres mezes depois succumbio sua mãi. Unico herdeiro, assentou que seria loucura continuar a estudar, e abandonou a carreira, para mais livremente dissipar os bens adquiridos por seu pai, que Deos sabe o quanto lhe custaria a ganhar o que elle agora esbanja.

Eis mais ou menos a historia desse moço que ainda hontem perdeu quatro contos ao jogo. E' uma cabeça leviana.

— O que eu garanto, disse Julio, é que elle emprega pessimamente o seu tempo: o jogo só serve para embotar a creatura e desgraçal-a.

— Pobre moço! disse Pedro; é uma figura sympathica. Hontem compadeci-me bem da sua sorte....

— Oh! eil-o que chega! disse Jorge com admiração. Fallava-se do senhor.

Julio já aborrecido do dialogar dos dous velhos, aproveitou a chegada de Carlos para encaminhar-se para o grupo das moças.

O amor, quando verdadeiro, intimida; o que ama sente-se infinitamente pequeno junto do objecto amado, que é o infinita-

mente grande. Ha vontade de se fallar muito e no entanto pouco ou nada se diz.

O olhar é tudo.

Tem-se a luz deseja-se a treva, tem-se esta, deseja-se a luz ; isto é, quando se está ausente do objecto amado é tudo um chaos, então supplica-se ardentemente por elle, parece que tudo será pouco para dar-lhe; que uma torrente de phrases harmoniosas será insufficiente para saudar tanta luz ; quando presente, deseja-se-lhe ausente ; os olhos movem-se e os labios emmudecem.

Se a florzinha innocente, colhida aos beijos da madrugada, cahiu-lhe entre os dedos, é feita em pedaços ; se um livro, fica sem paginas : ha prazer em vêl-o despedir-se, ha dôr em vêl-o despedido.

Ha só um unico verso de Camões capaz de satisfazer a tudo isto :

« E' um contentamento descontente.

Tal era o estado de Isbella.

— Quem o attrahiu ? perguntou-lhe Clarinda fingindo-se contrariada.

— A magia dos seus encantos, respondeu-lhe Julio sorrindo-se.

— Deveras ! pois olhe, a conversação não lhe deve agradar.

— Porque, minha senhora ?

— Porque trata-se da volubilidade dos homens, respondeu-lhe Clarinda, sempre disposta para gracejar.

— Nesse caso, disse Julio com affectação e encarando Isbella que acabava de abaixar a cabeça ante o seu olhar de fogo, só sinto não ter aqui os *Ciumes do Bardo* para fulminal-a, apresentando-lhe o contrario do que diz.

— Com a mentira em verso daquelle velho cégo e feio ?

— Com a verdade digo eu, desse a quem a Providencia fechou-lhe os olhos da cara para abril-os com fulgor divino os da alma.

— Pois creia o senhor no pesadelo do poeta; nesse parto filho de algumas horas de tedio, porque não será isso que nos desabonará. N'uma palavra, são ciumes de poeta.

As ultimas palavras de Clarinda forão saudadas por uma completa hilaridade, até por Albertina, que durante o dialogo conservara-se muda, revendo um jornal de modas, o qual era, antes da chegada de Julio, o objecto da conversação.

— Isbella, fallou a filha de Jorge, vamos ao meu gabinete; quero mostrar-te uma cousa, vamos titia.

Todas tres seguirão para o gabinete.

Uma outra visita chegara. Era o Sr. José Pimpolho, commendador e capitalista.

Digamos sem preambulos alguma cousa ácerca do recem-chegado:

O commendador José Pimpolho é um desses mineiros felizes, a quem a natureza negou-lhe intelligencia clara, para dar-lhe dinheiro com abundancia. Nascido em bom tempo, depressa enriquecêra; e, segundo affirmão alguns, foi passador de notas falsas; porém ninguem ousa dizel-o, e passa o Sr. Pimpolho por um homem capitalista de grosso trato.

O passado é passado.

Tem dinheiro e é o quanto basta para ser querido e respeitado.

Apartado do commercio, onde tudo ganhou (assim nos queremos persuadir), vive hoje uma vida concentrada, ou melhor diremos abjecta, em uma bella casa com immensa chacara, na companhia de uma irmã tambem viuva; tendo apenas um filho, seu herdeiro legitimo, que se educa em um de nossos bons collegios.

Inimigo de visitas, vive hoje em casapartindo milho para os pintinhos, fugindo de todos, como se tivesse horror de si proprio.

Eis em leves traços o nosso commendador das duzias.

Deixemol-o vegetar.

— Veio a tempo, commendador, estavamos a espera de um parceiro para o solo, disse-lhe Jorge, e ao mesmo tempo folgo em ter occasião de apresentar-lhe o Sr. Pedro de Mattos, meu vizinho e amigo.

O commendador tartamodeou.

Seguirão-se as etiquetas das apresentações e comprimentos, e caminhárão todos, menos Julio, para uma saleta de recreio, no fundo do jardim.

Julio assentara-se em uma cadeira de balanço lendo o *Jornal do Commercio*. Pouco depois ergueu-se e começou a passeiar ao longo da sala.

N'um desses passeios elle vira dentro do chapéo de Pedro o livrinho de oração de Isbella ; occorrera-lhe uma idéa, e esta fôra de escrever algumas linhas e entercalal-as entre aquellas paginas perfumadas desse aroma mystico, a que um doutor gaiato chamou-lhe com muita graça—cheiro de mulher.

Depois de bem meditar nas consequencias, assentou-se; tirou da carteira uma folhazinha de papel e escreveu estes versos:

Se te não dizem meus labios
Aquillo qu'eu sinto n'alma,
E' que o amor me intimida
Privando-me assim de calma.

Se eu te amo... ah! que te digão
Os ternos olhares meus!
Pensa em mim como em ti penso,
Cherobim—anjo de Deos!

Depois de os haver relido, ergueu-se; lançou um olhar temeroso para o corredor, tirou o livrinho, lançou o papel entre duas paginas, apertou de novo o fecho, osculou-o, tornou a collocal-o no mesmo lugar, e voltou de novo para a cadeira de balanço a continuar na leitura.

Sem duvida perguntar-me-ha a leitora se Julio era poeta, e eu responderei interrogando-a:

— Por ventura não se é poeta quando se ama?

Não é essa interessante menina uma fonte de poesia, uma torrente da luz do amor?

Moço intelligente, senão poeta, com alma de poeta; apreciador das melhores obras de poesia, era-lhe facil, por um desses arroubos da imaginação, ser poeta um dia, ou ao menos plagiario.

De sentinella sempre alerta ao suspiro que lhe havia sahido d'alma para aquelle livro, elle o guardava com os olhos, e mais estes redobrárão de impaciencia quando virão chegar Isbella pelo braço da filha de Jorge.

Teve um momento de arrependimento: quiz disarçar e ir desfazer tudo.

Meditou alguns instantes e resolveu deixar ficar o que fizera.

— A profanação está feita: dê no que der, disse elle. Se ha crime, o indulto imposto á pena será o meu amor. Casar-me-hei.

Assim seria.

Se por qualquer coincidencia Pedro descobrisse o segredo de Julio, ahi depositado só para ser descortinado por Isbella, estou que o joven official de marinha não occultaria a sua leviandade, e attenuaria tudo, pedindo-a em casamento.

Porém a aventura sordio o desejado effeito: o resto do dia foi-lhe todo de aprasivel encanto.

Sómente a sua alegria toldou-se por instantes quando Pedro apresentando sua mulher e sua irmã á Carlos de Azevedo, fez-lhe conhecer sua filha, com quem este conversara alguns instantes.

O amor compõe-se de muito zêlo e de muita illusão, e por isso Julio sentio-se inflammado ao ver Carlos apertar a mão da encantadora menina e com ella trocar alguns monosyllabos; parecia-lhe que só por isso ella deixaria de mimosear-lhe com aquelles olhares furtivos, mesmo filhos de um coração que nunca amou

e que vê-se agora em luta com esse sentimento que ennobrece. que exalta e que é capaz de fazer de um bobo um rei.

A's 8 horas a familia de Pedro se despedia da de Jorge, attendendo ao cansaço da vespera, e Carlos a acompanhara.

Isbella tirara o seu livrinho, e Deos sabe com que saudade dera ella o adeos de despedida ás suas amigas, e apertara, nesse transporte vivo do coração, a mão de Julio.

O official de marinha chicoteando o seu fogoso cavallo desappareceu pouco depois, deixando após si uma nuvem de pó.

Dir-se-hia mais o correio de um ministerio em crise, do que um marinheiro namorado.

VI

O ouro foi e será sempre o objecto do mais attento cuidado dos homens. Se é a fonte dos prazeres terrestres, tem sido e é tambem um abysmo para aquelles, que esquecidos dos principaes deveres sociaes, chegão mesmo a arrojarem-se ás torpezas medonhas do vicio, só para obterem essa terra de melhor qualidade, na phrase do douto Padre Vieira.

Esse desejo ardente, ou antes esse frenesi desordenado, tem sido geral em todas as nações do globo e em todas as camadas sociaes.

E d'ahi vem que, o pobre fascinado com as grandezas do rico, busca a todo transe o faustoso viver do opulento, não se lhe dando para isso de sacrificar a propria honra, comtanto que a esperança o embale na rêde chymerica de seus sonhos dourados, e mais tarde venha o desengano atiral-o de encontro os agudos farpões da realidade.

O ouro é de uma attracção poderosissima. Por elle vemos correrem-se os ferrolhos do carcere, dando liberdade ao condemnado;

vemos os juizes curvarem submissos a fronte e olvidarem a verdade; vemos os reis baixarem dos thronos; o crime triumphar da innocencia; o vicio supplantar a virtude; o lar domestico profanado, e finalmente, vemos a virgem deslustrar seus beijos e mergulhar nos ladoçaes do vicio, a auréola da virgindade.

Chave de todas as portas, só não abre as da Eternidade.

Mas onde vamos nós com esta tirada? Por ventura o que temos a dizer tem verdadeira relação com isto? Não, por certo

Nosso fim é apresentarmos as esperanças de Pedro de mistura com os seus projectos de casamento, e é muito natural que um pai, principalmente nas circumstancias deste, trate do bem estar de sua filha, preparando-lhe um futuro.

O que não deixamos porém de censurar, não obstante o seu caracter honrado, é que Pedro de Mattos sentisse palpitar-lhe o coração por esse moço desde o momento em que seus olhos forão testemunha do seu desalinho, na noite da partida em casa de Jorge, e isto depois que lhe disserão que Carlos era um joven rico, que sacrificava os seus haveres no baralhar das cartas, sem duvida por falta de outros prazeres, mais proprios á sua idade.

Ainda não é tudo.

A leitora estará certa que Carlos retirara-se para o jardim depois de ter jogado e perdido quatro contos na noite da partida em casa de Jorge, porém ignora ainda que Pedro depois de haver dansado de *vis-à-vis* com seu amigo, fôra procural-o, e o sorprendera n'um caramanchão, inteiramente apartado das luzes e apenas aclarado pelos raios da lua, em completo desalinho e com feições de louco; e que ahi tiverão o seguinte dialogo, que eu passo a descrever para melhor intelligencia vossa.

— Permitta a minha indiscreta curiosidade, disse-lhe Pedro, o que faz aqui tão só, Sr. Carlos?!

— Penso na desgraça que me espera se eu não mudar de vida; reflicto neste maldito vicio que herdei não sei de quem, e que é

o sorvedouro de meu dinheiro; penso finalmente que me acho velho aos vinte e seis annos sem ter em nada desfrutado a vida.

— Não lhe pareça. O seu estado promette muitas felicidades se as suas reflexões o poderem tirar da orla desse abysmo que o deverá tragar, se o arrependimento o não arrancar della; livrando-o de semelhante gosto, pessimo em todo o sentido da palavra.

O jogo, Sr. Carlos, tem sido origem de immensas desgraças; é um cancro que corróe todas as fibras para mais tarde deixar a victima no lodo da miseria, sem achar uma mão bemfeitora que o erga. E sabe o senhor que cousa é a miseria?

E' semelhante a lepra, da que todos fogem horrorisados com temor do seu hediondo contagio. Um homem como o senhor, criado ao abrigo de todas as necessidades, possuidor de bons cabedaes, estranho até hoje ás ancias da pobreza extrema, quando por qualquer infelicidade cahe nesse paul nojento, soffre mil vezes mais que aquelle, cujo nascimento humilde, mais ou menos fêl-o conhecer os espinhos da miseria; este, quando é lançado á indigencia, padece muito menos que esse outro, que no meio sempre da abundancia, tem de um dia abraçar-se ao phantasma horrivel da miseria e da fome!

E áquelles que outr'ora o procuravão como amigo, fogem para uma vez, e voltão o rosto com indifferença, quando encontrão o infeliz aquem elles ajudárão a leval-o á ruina.

Sem duvida me perguntará com que direito eu vim procural-o neste retiro para lhe dar conselhos, e eu lhe responderei que cinquenta e cinco annos de pratica do mundo e uma natural sympathia pelo senhor dão-me direito para descrever a um joven inexperiente, os invios trilhos da vida.

— Pelo contrario!.. Não tenho a honra de saber seu nome.

— Pedro de Mattos, interrompeu-lhe este.

— Sr. Pedro, o interesse que V. S. toma por mim com tanta sinceridade, me penhora summamente, e longe de me conspirar

contra as suas praticas, filhas da verdadeira eschola, como é a do mundo, eu ufano-me de com transporte apertar-lhe a mão, e saudal-o como meu amigo.

— Honro-me bastante com a sua amizade, Sr. Carlos, porém maior honra me caberia, perdoe-me, se as palavras e os conselhos deste velho tivessem valor bastante para purgal-o desse mal que tanto o damnifica.

Carlos abaixou a fronte e nada disse. O velho continuou:

— A sua idade é a dos sonhos: quando se tem só vinte e seis annos, como o senhor, e se dispõe principalmente de dinheiro, a vida é bella, é mesmo um Eden; e o homem tornando-se superior ás pequeninas cousas do mundo, desfructa todos os prazeres affagado pelas illusões.

O que quer dizer um moço como o senhor fugindo aos encantos de uma sociedade escolhida, prisma encantador dos jovens intelligentes, só para concentrar-se como um velho embotado a quem os vicios e as desillusões mergulhárão-lhe no frio desengano do mundo, n'uma banca de jogo?

Diga-me, não gosta de musica, de dansar e nem da agradavel companhia de moças affaveis e espirituosas?

— Confesso-lhe que não sei mesmo do que gosto; sei que tudo isso é bom, porém nada me diverte.

A minha vida até hoje tem sido um fardo incommodo e pesado.

Falta-me uma unica cousa para eu ser feliz — o gosto.

Ha em mim um como que tedio para tudo, e até mesmo para as cartas.

Fujo muitas vezes dellas, mas sou arrastado á ellas por uma força superior a mim.

Assento-me para jogar, se ganho quero me erguer e fugir, porém a ambição, tão rara em mim fóra desse inferno, me attrahe e eu continúo; se perco, redobra-se-me a anciedade, quero re-

cuperar o perdido e chego sempre ao estado em que me acabou de ver.

Será talvez isto um mysterio para V. S., porém não o é para mim: esta cousa indefinida é muito commum á vida do jogador.

— Talvez que algum desgosto, ou alguma paixão desordenada o tivesse lançado nesse abysmo, não?

— Não, senhor. Só quero crer que tudo isso proveio da minha educação e nada mais.

Educado sempre debaixo das vistas de um pai severo e economico demais; sem divertimento algum, tendo apenas por distracção um passeio aos domingos e dias santificados para irmos juntos á missa; sem relação alguma com meninos da minha idade, pois até á casa vinhão os mestres; só na companhia de meus pais, ignorado de tudo, tive mais tarde, assim mesmo com grande sacrificio seu, de ir estudar os preparatorios para a academia de S. Paulo, onde mais tarde matriculei-me. Ahi, trez annos depois, recebi a noticia da morte de meu pai; corri a consolar minha mãi, e mezes depois vi-a tambem fallecer, quasi que em meus braços.

Vendo-me senhor de soffrivel herança, e tendo-me já alargado bastante em S. Paulo (onde comecei a jogar, para ver se deste modo augmentava mais a escassa mesada que tinha) assentei de abandonar tudo para gozar livremente do que até então me tinha sido vedado.

Eis como tem sido a minha vida.

— E' verdade, Sr. Carlos, uma educação como a que o senhor recebeu é pessima em tudo. Porém ouça-me: faça um esforço sobre si mesmo, volte as costas ás cartas; pense na vida como ella é; rehabilite-se para a felicidade, e para vir a ser um dia esposo e talvez pai.

O lar da familia é agradavel e bello, tem espinhos que ferem, mas tambem tem doçura que encanta e torna o homem feliz e

bem com Deos, quando este conhece que é na esposa e filhos que devem convergir todos os seus cuidados, todos os seus pensamentos; e assim, quando ao senhor lhe chegar a idade da verdadeira reflexão, pensará com repugnancia no seu passado, e abençoará com lagrimas de gratidão ao velho que lhe lançou nas ulceras de um vicio execrando, os primeiros balsamos da consolação.

Despreze este mal que é a fonte dessa sua descrença aos vinte e seis annos, pois ainda é tempo.

Um pouco de sacrificio, e terá chegado á regeneração.

Sabe que a nossa casa dista daqui uns sessenta passos, e quando se achar aborrecido chegue até lá; encontrará nella alguma pobreza mas uma hospitalidade franca e amizade sincera.

A minha familia é composta de tres pessoas, e estas são minha esposa, minha filha, a quem amo bastante, e eu.

Vamos ao salão e eu lh'a apresentarei

— Meu amigo, ha de permittir que hoje não receba esta honra: estou muito embotado para ser agora apresentado a uma familia como a de V. S. Amanhã não vem á missa na capella do nosso amigo?

— Pretendo, se quizer Deos.

— Pois então será depois da missa que me ha de caber a honra de ser levado por V. S. a conhecer sua digna familia. Agora vou direito para a casa; tenho o cavallo a minha espera, e garanto-lhe que vou mais satisfeito depois que as palavras de V. S. derramárão em mim o balsamo da consolação.

Estas palavras tão amigas e sinceras repercutirão em meus ouvidos como o echo severo e pesado da voz de meu respeitavel pai.

Pedro agradeceu-lhe com um comprimento respeitoso.

— Pois já retira-se?

— E' verdade: tenho grande dôr na cabeça e espero que o galope do meu animal me allivie; é este o remedio unico que eu faço.

— Então adeos, Sr. Carlos, até amanhã... ou parece-me que até logo.

— Sim, até logo, passão trinta e cinco minutos de uma hora, disse puchando pelo relogio; e como dous intimos amigos se despedirão.

Carlos veio para cidade e Pedro entrou no salão.

Ora, é muito natural que qualquer homem se interesse pela má sorte de outrem, prodigalisando-lhe beneficios, já por meio de conselhos brandos, já por meio de obras, que possão ou que ajudem a levar o malfadado á conversão de seus erros e vicios; porém tudo isto podia ser bom, excellente mesmo, se esssa philantropia fosse a filha espontanea do coração e da sensibilidade, mas é que nisso só transluzio o interesse aos lampejos de uma esperança longinqua.

Muito lhe assentaria esse acto de religião e virtude, se elle não tivesse uma filha pobre e Carlos bastante dinheiro.

Fazendo neste ponto talvez injustiça ao seu caracter são e puro, somos obrigados a dizer que elle não se commoveria tanto pela sorte do jogador, se este fosse um pobre, que sacrificava ao jogo o fructo exiguo do seu trabalho.

Mas é que deste todos fogem: e se além do defeito de ser pobre outros lhe chegão para maior cumulo de miseria, o mundo o despreza com desdem e a sociedade o despedaça como abutre: este devora a presa com a dureza do bico e com o aguçado das unhas, e aquelle com a total indifferença e escarneo, que importa no mesmo, senão peior ainda.

Pelo que se vai seguir, conhecerá a leitora se é ou não verdade o juizo que ácerca delle fazemos nós.

. . . . . .

Depois que Carlos se despedira de Pedro, sem ter querido aceitar o convite deste para entrar, elle conversando com sua mulher lhe dizia:

— Carlota, ha cousas no mundo que quasi se não explicão: acreditas que eu tenho uma viva sympathia por esse moço?... pois tenho.

O jogo é o seu unico defeito, e este espero em Deos que elle o deixará se continuar a frequentar a nossa amizade; e se assim fôr que bello esposo para a nossa Isbella, não é assim?

— Deixai disso, Pedro, respondeu-lhe Carlota, Isbella ainda não pensa em tal. Casar uma mulher contra a sua vontade é a peior cousa que se lhe póde fazer.

— Pois julgas que eu tenho o estupido valor de obrigal-a a casar?! Fallo-te assim no caso de ser do gosto della; sabes mui bem que eu sempre fui contra aos casamentos forçados.

Emquanto o dizeres que ella ainda não pensa em tal, não é assim; as nossas vidas ameação ruina, e devemos desde já procurarmos dar-lhe um futuro, que ao fecharmos os olhos quem della cuidará?

Eu sei porque o digo, e penso em casal-a o mais breve que me fôr possivel.

Pedro ergueu os olhos ao céo e suspirou, batendo no coração e dizendo tristemente: tudo está aqui! tudo está aqui!

— Deos tem tudo preparado, e á sua guarda eu ponho o futuro e a felicidade de nossa filha.

Carlota assim respondendo-lhe em tom um pouco amuado, encaminhou-se para a sala do interior, e Pedro entrou no seu quarto.

Pouco depois servia-se o chá.

Isbella nada quiz, e, recebendo as bençãos de seus pais, pedio-lhes licença e seguio para o seu aposento.

O quarto de uma virgem é sempre bello, e por isso digamos alguma cousa desse nicho, permitta-se-nos a expressão, onde repousa a virgindade.

Ao fundo deste, logo perto da janella que deita para o jardim, vê-se uma cama mimosa, e mais mimosa ainda pelo anjo que nella se espreguiça, sempre cuidadosamente preparada; do tecto pende uma cordinha de linho, sustentando as azas desse anjo, que adeja sempre sobre ella, alvas como a plumagem do cysne ou da garça; no chão, aos pés desta, um tapete, onde está retratada a figura de um cãosinho que recebe gostoso e como que agradecido o peso daquelle corpinho flexivel, que lhe dão uns pesinhos de fada; logo a dous passos deste, o lavatorio já citado com todas as pertenças, tão indispensaveis ás moças e com *especialidade* ás velhas pretenciosas e namoradeiras, as quaes, pela maior parte, fóra de um *toillete* ver-se-iáo sem mais *encantos* para agradar; um espelho oval, com moldura dourada; duas cadeiras, uma imagem de marfim do Senhor Crucificado; um guarda-vestidos, e, pendentes das paredes alguns quadros historicos, e entre elles os de Abâillarde e Luiza.

Eis o simples mas elegante aposento da gentil filha de Pedro de Mattos.

Isbella ao entrar dera um suspiro, um desses ais queixosos que o coração solta quando a alma geme. Arrastou para junto do seu toucador uma cadeira; abrio uma caixinha de madeira preta, ou por outra, uma de papelão grosso imitando ao ébano; pegou nas suas Horas Mariannas, e, na occasião de collocal-a dentro della vira a pontinha de um papel do lado de fóra, abrira-a, e com espanto encontrara ahi a poesia escripta por Julio em uma das folhas da carteira; leu-a, releu-a, e nessa confusão da alegria e do pejo, do amor e do medo; rio-se, levou-a aos labios e baptisou-a com as lagrimas ardentes do coração, dizendo e tendo os olhos fitos na imagem:

— Meu Deos! bem vedes que eu não sou culpada: destes-me um coração propenso para o amor e uma alma pura para sentir e gozar.... protegei-me, Senhor!

Porém como sem oscillar e sem interrogar a si mesma adivinhou ella o autor dos versos?

O coração lh'o disse.

A não ser elle ninguem mais seria capaz de cousa tão bonita, diria ella.

Cabe dizermos aqui como disse Victor Hugo:

« Oh! como é certo que o ente amado se torna Deos. Crer-se-hia que Deos lhe tinha inveja se o Pai de tudo não houvesse evidentemente feito a creação para a alma, e a alma para o amor.»

Abrio de novo o papelzinho, collocando-o assim sobre o livro, e tomando uma posição meditativa levou alguns minutos em muda contemplação; depois tomou-o, e osculando-o pela segunda vez, exhalou seu peito um suspiro ainda mais d'alma que o primeiro, e levantando-se fôra depositál-o debaixo do travesseirinho, como para mais se avisinhar de seus sonhos e dos seus pensamentos.

Descansou seu livrinho no leito da caixa de papelão; fez a oração do costume, e cerrando o cortinado fez entrar sua alma no jardim dos sonhos.

Oh! quanta visão encantadora, quantas imagens lédas não povoarião aquelle cerebro de quinze annos e não se sepultárão no mysterio da noite!

Aos primeiros lampejos da madrugada de um dia formoso, ataviado das galas ridentes da natureza, ella já se achava á janella de seu dormitorio, com as tranças espreguiçadas do seu longo e basto cabello negro por sobre o seu branco vestido.

Só uma mantinha de lã posta sobre a cabeça a resguardava do vento frio da madrugada.

O hymno alegre das aves, saudando a aurora que desponta; o

cicio das auras balsamicas affagando os arvoredos, osculando as florinhas, e o canto vibrante e monotono da araponga, erão para ella, poetisa do amor e da natureza, o seu enlevo d'alma.

Meia hora depois ella achava-se sentada no banco da gruta. E ao concerto das harmonias da natureza, tirou do seio um papelzinho e começou a lêl-o.,

Era a poesia de Julio, lida sempre e nunca acabada ; lida á luz tibia da lamparina e da luz duvidosa da madrugada.

Feliz producção aquella, que dormindo sob os doces pensamentos de um anjo, acordara nos seios castos de uma virgem !

— Poeta... e eu não sabia ! Disse ella baixinho, e continuou. Eu amo tanto aos poetas ! E se elle soubesse... amar-me-hia talvez mais do que me ama !

A' estas palavras succedera-lhe longo tempo de meditação ; já o sol começava a dourar a grimpa dos arvoredos quando ella erguendo-se tomara nas suas delicadas mãozinhas um pequeno regador, enchera-o com a agua da cascatinha, nascida dentro da gruta, e fazendo as vezes de jardineira seguio a mimosa Flora a banhar com elle os seus predilectos lyrios e violetas.

Feito o seu serviço de todos os dias, retirou-se mais cêdo que as outras vezes para receber as bençãos de seus pais; e puchando para junto da janella uma cadeira de balanço, abrio o livro de Paulo e Virginia, producção de B. de Saint-Pierre e principiou a ler.

Com esse livro tão innocente e tão agradavel ao coração que ama, occupou-se o dia inteiro.

Isbella não era como o commum das mulheres que lêem um livro só para verem o enredo, e, pelo gosto de dizerem já li ; e que só amão os romances e os dramas onde os heróes pelejão, matando ou morrendo. Ella aprecia o drama e o romance de familia, dando tambem valor á linguagem e comprehendendo perfeitamente as figuras e o jogo das palavras.

A leitura terna a commovia ás lagrimas, e ella divagava sobre o assumpto que a sensibilisara, com alma e com intelligencia.

Deixemol-a com o seu dilecto romance.

VII

Quinze minutos depois apeiava-se Julio á porta de casa, então na rua de D. Luiza.

Um escravo tomou conta do animal e elle subio.

A casa em que Julio residia era assobradada e de apparencia elegante; pertencia esta a uma tia viuva e rica, com quem Julio habitava.

De visita ahi achou elle uma familia.

Julio saudou a tia, e comprimentando as visitas, com quem já tinha alguma liberdade, assentara-se em uma cadeira perto do piano; soltara algumas palavras como que forçado a isso, e mergulhou-se em profunda meditação como se sua alma o tivesse abandonado, para se ir concentrar em extasis pelo objecto que o tornava taciturno.

— Em que pensa, capitão? Perguntou-lhe o Dr. Bento, vejo-o tão mudo.

— Ah! respondeu-lhe Julio como que despertando, pensava... em cousa alguma.

— Sem duvida em algum novo amor, disse-lhe uma espirituosa dama que só tinha um defeito e não pequeno, além do nome, não obstante a perfeição dos dentes — o ser feia.

— Engana-se, minha senhora, nunca senti e nem sinto amor algum.

— N'aquelle coração voluvel, disse a tia de Julio sorrindo-se, será muito difficil, D. Julia, o amor achar altar e luz que o aclare: não é inconstante, é voluvel.

— Obrigado pelo elogio que me faz, minha tia.

— Ah! é assim! disse-lhe a dama, que só pelo nome espantará, ou causará o riso de todos quanto delle souberem. E para dizel-o, leitora, é preciso animo e folego: ah!... lá vai!

Julia Echidonia Agatha Coracundosa Paes Taes Lás Leiros de Abreu.

Que tal, nem uma princeza!

Não podendo ser admirada pelos dotes da natureza, que tão escassos lhe forão, busca salientar-se pelo nome, que bem estendido, dará uma vara de comprimento.

E quem sabe se Julia não achará pela originalidade do nome um noivo para as suas delicias!

Tudo está no agradar.

A proposito:

Conhecemos um moço, aliás intelligente, que amou e desposou uma deidade de quarenta e cinco annos, porque, dizia elle— Ella tem uma tal graça no cuspir, que eu me esqueço dos annos e da sua nenhuma formosura, só por aquelle encanto com que doou-lhe a natureza em compensação do mais que lhe falta. E' totalmente fóra do commum de todos quantos eu tenho visto cuspir.

Optimo incentivo para as moças e velhas a quem a natureza não lhes concedeu os dotes da formusura!

Minutos depois o doutor retirava-se levando comsigo sua irmã Julia Echidonia; as luzes da sala apagárão-se, e Julio maldizendo taes visitas entrara para o seu quarto, e Generosa, sua tia, seguira para a sua capellinha a fazer as orações do costume.

De joelhos sobre uma larga almofada de veludo roxo, levava essa senhora de cinquenta e seis annos uma boa parte da noite em frente a um oratorio rico e brilhantemente illuminado que, se alguem a pudesse contemplar assim, na mudez de suas orações, diria a imagem de alguma santa em extasis aos pés da Mãi sagrada

do Redemptor, e nunca uma mulher de mais de meio seculo, e o que mais admira, pelo seu estado valetudinario.

Bello tempo era esse em que ambos os sexos, depois de certa idade, apparelhavão a alma para entregal-a a Deos, olhando com fria indifferença para os prazeres ephemeros e transitorios bens da terra. Hoje, a mulher de dez lustros, tem por altar um rico toucador onde se enfeita ainda para merecer agrados e travessuras de olhos dos moços, (que as chasqueão e desfrutão-lhes o dinheiro, quando ha, e riem-se ainda a bom rir), desputando formusura ás moças com o mais elevado requinte de inveja.

Se um velho gamenho, com consciencia e sem esqueleto de illusão, se mirasse seriamente á um espelho, estou certo que rir-se-hia de si proprio e jámais dar-se-hia a igual desfrute, evitando assim um grande escandalo á natureza.

Hoje quem é que reza?

Ninguem.

Se apparecesse á face desta sociedade mentida e apparente uma nova Generosa, serviria de irrisão ao mundo e de ludibrio ás proprias da sua idade.

E no entanto dizem que é este o seculo do progresso.

Progresso que separa o homem de Deos, esquecendo a religião, não é mais que a decadencia do universo á luz tibia dos erros, dos vicios e das paixões!

Estes enganos carados ou illusões da vista, como disse Vieira, são os que fazem crer o homem na senda do progresso e da civilisação.

Porém que feições alteradas pela raiva nós vemos na leitora velha e namoradeira!... Perdoai-nos, senhora, nada mais diremos que vos offenda. Fallemos de Julio.

Já de trajo mudado o veremos em uma grande, larga e antiga cadeira de canna da India, talvez mais velha que elle duas vezes, recostado, e com a mão direita amparando a fronte e com a outra

sustentando um grande cachimbo turco, seu companheiro dilecto de viagem, de onde tira largas e compassadas fumaças.

E' um sultão *meditando* em amor.

De momento á momento elle suspira. Seu suspiro, bem longe de ser o suspirar commum do homem, é lento e queixoso; dir-se-hia antes um coração que geme ao toque mysterioso de uma mão invisivel, que o affaga apertando. E' o amor.

O ente que ama é superior a tudo: compondo-se sua alma do que é bello, só em Deos conhece superioridade, e admira-o mudo.

Julio ama. Mais alguns dias em contacto com o objecto amado bastará para amal-o sempre.

A fraqueza do coração, ou talvez a ausencia, o poderá arrefecer, mas nunca fazel-o olvidar totalmente a mulher amada.

O amor uma vez alimentado póde mingoar, mas nunca perecer. E' sello que deixa um traço indelevel no coração, que só a morte o extingue. E semelhante ao cancro que uma vez enraizado póde ser extirpado, mas nunca de todo apagada a cicatriz que deixa.

Se se ama, e um obstaculo vem se opôr, como impenetravel barreira ao coração, lá vem um dia em que a alma recorda-se com tristeza do objecto amado, e então o coração geme, chorando saudades.

Bem ou mal, ama-se sempre.

Depois de ter meditado largo tempo ácerca de Isbella, elle ergueu-se e começou a passeiar ao longo do quarto, ora torcendo o bigode negro e espesso, ora arregaçando o cabello.

O mundo é mesmo assim: quem diria que Julio, indifferente sempre a esse pasmatorio ridiculo, como chamava elle ao amor, quando nos grandes salões das altas sociedades estrangeiras, turiferando tanta belleza peregrina, ostentava o amor apparente, ora a uma, ora a outra dama, semelhando a borboleta que adeja de flôr em flôr, viria afinal a possuir-se vivamente por Isbella,

sentindo dentro em sua alma aquillo que até então lhe era verdadeiramente estranho ?

O futuro, só este lhe prognosticaria o santo e o sublime sacrificio do amor.

Quem ama sente a necessidade de um fiel confidente para os seus desabafos.

A espansão é um doce alivio para o coração que ama; quem não póde faze-lo sente uma suffocação e fica como que asfixiado.

Quereis consolar a quem ama? fallai-lhe sempre no objecto amado, sem contrarial-o, e ficareis com um amigo que será capaz nesses arroubos de enthusiasmo de despejar as algibeiras para vos servir.

Julio sentia esta necessidade: mas como fazêl-o se seus amigos rir-se-hião delle, lembrando-lhe a descrença e o escarneo que elle votava ao amor ?

Mas não ; só ri-se de quem ama quem nunca amou, ou só sentio borbulhar-lhe n'alma a flôr de uma esperança descrida, mirrada aos bafejos impuros desses amores communs e triviaes ao homem gasto pelos deleites, para o qual toda a sublimidade do amor é uma chimera de mão gosto. Mesmo assim muitos eu hei conhecido que chegárão a amar e purificar-se dos seus erros passados.

E quem não ama ?

Todos amão: o amor é um tributo que mais ou menos se paga, e ai d'aquelle que o tem de sentir ao declinar da vida !

O amor n'um moço é virtude, n'um velho irrisão.

Ninguem censura um moço por amar e no entanto critica-se um velho namorado. O primeiro busca a vida e o segundo a morte.

Dous conhecemos que nos escarnecerão quando amavamos e que mais tarde tiverão de rir-se de si proprios, dando o mais ridiculo dos desfrutes, principalmente por ser um delles casado e pai de cinco filhos !

Um novo mundo despontava na imaginação de Julio: sol, lua e

estrellas bordavão-lhe o céo de su'alma ; só faltava-lhe uma cousa. Mas que cousa é que lhe faltava ?

Ar.

Ha dous grandes mundos no universo : o de Deos e o do homem. O de Deos é o mundo inteiro da creação, reduzido á perfeita unidade pela sua sabedoria infinita ; o do homem o amor.

Julio esteve por momentos a ir despertar sua tia para lhe dizer que amava e que era feliz, porém oscillou e parou á porta.

— Mas o que vou fazer ? Interrogou a si proprio, chamar-me-ha de louco. E demais é tão tarde !...

Voltou e sentou-se na cadeira onde antes havia estado ; deitou o cachimbo sobre a mesa e escondeu o rosto nas mãos : parecia dormir.

Se neste instante qualquer pessoa entrasse e de subito chamasse, Julio, elle responderia Isbella !

Tal era o estado de Julio, tal é o estado do coração que ama.

VIII

São passados quinze dias depois da missa em casa de Jorge : Pedro passeia pelas alamedas de seu jardim, Carlota prepara uns ramos de flôres que lhe pedira uma vizinha para ornar o seu oratorio, e Isbella sentada em uma cadeira, á sombra de uma palmeira, lê um romance de Mme. Staël, intitulado « Corina ».

O sol doura com seus ultimos raios o cume do Corcovado, as auras fagueiras da tarde roubão ás flôres o perfume e como que vêem derramal-o nas tranças sedosas dos seus cabellos, que ondulão aos seus vespertinos beijos; as avezinhas soltando seus ultimos pepilos voão em busca de seus ninhos. Prestes está a hora tetrica e solemne do crepusculo.

Era um sabbado.

Um cavalheiro apeiou-se á porta do jardim.

Isbella estremeceu e deixou fechar-se o livro.

— Oh! Sr. Carlos, dá-nos muito prazer, póde entrar. Disse Pedro comprimentando-o e levando-o affavelmente para junto da familia, que se havia erguido para receber o visitante, que se enclinou reverente ante a velha que colhia flôres e a moça que com a sua chegada tinha interrompido a leitura do seu bem encadernado livro.

Mais uma cadeira para o recem-chegado e todos sentárão-se.

— Na verdade, disse Carlos, deve ser bem feliz quem habita um lugar como este, onde se goza da natureza sem se absorver o pó da cidade, amolecendo os ouvidos com os ruidos de milhares de vehiculos differentes.

— Acha que sim? perguntou-lhe Pedro com sorriso de satisfação pelo elogio á sua pittoresca habitação.

— E' verdade. Se eu tivesse familia seria por aqui que sem duvida escolheria para residir. Mora aqui ha muitos annos?

— Tantos quantos tem minha filha. Ha quasi dezeseis annos.

— Com effeito, é muita constancia! Deve amar muito a estes lugares, minha senhora, não é assim? perguntou a Isbella.

— Muito, mas acho-o triste de mais.

— De dia, fallou Carlota, ainda se tolera, mas de noite é insupportavel, senhor; parece que a gente vive cinquenta legoas retirada da cidade.

— Ah! minhas senhoras, é que tudo cansa. E' que os muitos annos de moradia aqui têem feito VV. EEx. aborrecerem um lugar que tanto encanta.

— Todos aborrecem a rua de S. Clemente, mas eu não só gosto da rua como sou amigo do santo. E para que o nosso amigo não comece tambem a achal-a insipida, minha filha nos dará o prazer

de alegrar-nos com o seu piano e a sua voz. Gosta de musica, Sr. Carlos?

— E quem não gostará della, quando é ella que nos incita os nervos e nos arrebata a alma... ah! eu amo a musica!...

A estas ultimas palavras todos erguerão-se, e Isbella olhou para Carlos, satisfeita de ter achado um coração que parecia sentir como o seu.

Ficando por ultimo, ella levara aos olhos para a lua que despontava radiante, e dera-lhe um suspiro, como pedindo-lhe o levasse a Julio, por quem ella pensava sempre, sem poder esquecel-o nunca.

— Tu és o astro das ruinas, és pallida como eu, e bella como elle... terás tambem coração, oh! deusa dos poetas, amiga de minha alma?... Disse e entrou.

A casa de Pedro é simples, mas elegante; é pobre, mas decente. Nella não se vê o luxo que exalta, nem a pobreza que amesquinha.

E' modesta como os donos que a habitão.

Sua mobilia de jacarandá solido, está provando um passado mais risonho que o presente, mostrando um tratamento que já teve, quando figurou como traste da moda, e que agora servindo ainda como se fosse moderna, attesta assim a sua respeitavel antiguidade.

Um grande quadro emmoldurado de D. João VI; um outro do ministro immortal de D. José I (marquez de Pombal), o seu proprio, representando o ter sido tirado quando muito moço, e que ninguem diria sêl-o, a não ser elle mesmo, tão desfigurado está com o original presente; e eis os ornatos todos que se vião nas paredes da sua modesta sala, forradas de um papel que as vestia com a graça de seu tempo, e que hoje seria sem merecimento, e provaria até o máo gosto do forrador.

Languida e pensativa, deu Isbella tres voltas no seu banquinho

de rosca, e assentou-se ao piano com a graça da mulher a quem a natureza e a arte dão o poder de attrahir os que a olhão, os que a contemplão, e ainda mais os que a amão.

Com essa graça sem affectações, e com esses gestos que a natureza dá e que o gosto apura, a mulher vence tudo.

Ha muitas que nada inspirão porque nada são, e que logo á primeira vista se lhes descobrem defeitos de uma educação mais do que mediocre e de uma intelligencia mais do que vulgar, e que por um desejo de quererem imitar vão fazer á força o que só se consegue por meio do gosto e da arte.

Nas mais insignificantes cousas se avalia a mulher.

Ao saltar um pequeno rego, por exemplo; no desviar as barras de seu vestido de uma sargeta molhada e no ter de caminhar por uma rua enlameada, a mulher dá logo idéa do que é.

Por isso se diz, que pelo rodar de carroagem avalia-se de quem vem dentro.

A que para saltar um rego agarra nos seus vestidos como quem suspende uma porção de roupa que lhe cahio aos pés, com um grosseiro movimento, deixando mais por ignorancia do que por habilidade apparecerem-lhe as pernas até quasi aos joelhos, pondo á mostra umas plantas aterradoras; a que dá um movimento arrebatado ao seu vestido para desvial-o da agua espalhada pela calçada, e que não o molhando de um lado o vai sujar de outro; que caminha sobre a rua enlameada como quem pisa sobre brazas, com mais medo do que cautela, suspendendo a sua vestia e olhando para os pés como uma boneca de fogo, faz logo crer uma mulher roceira sem educação e sem expressão, afugentando daquelles que a olhão a sympathia que podia inspirar, se tivesse aprendido a andar na cidade e a ter delicadeza no segurar melhor seus vestidos sem amarrotal-os, de um modo tão anti-poetico, que mais depressa faz corar do que rir.

Aquella que passeia e que sabe pegal-os com a graça de uma

pariziense de bom gosto, que sabe dar um pulinho igual o da pombinha depois de seus beijos amorosos, afrontando a lama que se oppõe, o rego que tem de atravessar; occultando com arte umas pernas que talvez podessem servir de modelo para algum estatuario, por instincto de pudor, mas deixando em compensação apparecer um pezinho mimoso, que geme gostoso n'um sapatinho bem feito, e volta sem que as fimbrias de seus vestidos attestem o *zelo* municipal, essa sim; é um anjo, um sylpho; uma sombra que resvala e que nesse seu resvalar parece que nos leva presos e que em troca nos dá amor.

Isbella é assim.

Assentada, dissemos nós, no banquinho de seu piano, fez-se ouvir executando uma peça de Thalberg e terminou com themas de Bellini.

Os delicados dedinhos daquellas mãos tão dignas d'um sceptro, voavão travessos sobre o branco teclado com tanta harmonia e gosto, que dir-se-hia que sua alma lhe havia passado para elles.

Carlos a encarava mudo, como se nunca tivesse ouvido cousa alguma que se parecesse com aquellas notas tão puras e tão repassadas de sentimento.

A presença do anjo, o vôo rapido de suas lindas mãozinhas e os sões encantadores que ella fazia nascer debaixo de seus dedinhos, extasiárão ao joven mancebo, que ainda ha poucos dias era tão indifferente a tudo quanto via de puro e bello.

Nunca sentira-se assim arrebatado e nunca tinha achado mulher que tanto o sensibilisasse, nem ainda um anjo puro, que lhe viesse acordar aquelle coração que parecia morto aos vinte e seis annos.

Fôra ahi, á luz de um candelabro e de mais duas velas nos castiçaes do piano, que elle a estudara vivamente, que elle a amara mesmo com esse amor inspirado de momento e creado por um suspiro, por um ai, por uma nota.

Pedio desculpa por nao poder cantar e ergueu-se recebendo

um comprimento affavel do moço, que fôra retribuido com um sorriso cheio dessa expressão angelica, que lhe valeria mais do que um discurso de Cicero, ou um canto de Lamartine.

Depois que ella desapparecera da sala, Carlos elogiara a Pedro o thesouro que Deos lhe havia concedido e a bella educação que elle lhe tinha sabido dar, como pai zeloso e intelligente.

Nesse momento o feitor de Jorge trazia uma carta, que convidava Pedro e sua familia para um pouco de palestra e uma partida de gamão.

Isbella alegrou-se: ir ver Julio, (ao menos suppunha ella não obstante o não ter visto passar), ter de estremecer de prazer ao toque de sua mão macia; a mão que lhe escrevera aquelles versos que ella os trazia no pensamento, se não os trouxesse no seio; ouvir-lhe a voz doce e harmoniosa; ler em seus olhos a linguagem do coração, era o que bastava para alegral-a e fazel-a feliz.

Quando não se tem certeza de que se é amado, principalmente a mulher, ha sempre uma desconfiança do desdem ou da indifferença do objecto amado; porém Isbella tinha certeza de que era amada, ao menos deveria suppôr á vista da producção de Julio; por isso não contava nem com a indifferença nem com o seu desdem.

Pouco depois Jorge recebia Pedro, e Isbella abraçava Clarinda.

— Conversemos no jardim, disse-lhe Clarinda, a noite convida.

Ambas descerão e forão sentar-se n'um sofá de conchas á direita do portão.

Momentos depois ouvio-se o tropel veloz de um animal, e logo apoz este um homem apeiar-se e prender as redeas ao gonzo do portão.

— E' Julio, disse Clarinda.

O coração de Isbella alegrou-se: era nelle que ella pensava, e começava a entristecer-se.

Julio como não as tivesse visto ia seguindo quando sua amiga, sem querer, disse-lhe:

— Chame-o.

— Boa noite, Sr. Julio, disse-lhe Clarinda, assim perde o *rumo*.

Julio comprehendeu logo a indirecta de Clarinda.

— Ah! minhas senhoras, perdão! Ia tão distrahido que nem as vi.

— Fazemos idéa: mas ouça, os officiaes de marinha devem ter boa vista, e mesmo olhos de lynce.

Julio rio-se e mudou logo de conversa.

Clarinda era caustica.

— A noite com quanto esteja bella, está fria, disse Julio; porém se as Naiades presidem ás fontes e as Napeas os bosques, as nymphas dos jardins adorão a Diana, não é assim, minhas senhoras?

— Como está poetico!...

Isbella sorrio-se e atirou docemente com as tranças para as costas.

Clarinda continuou:

— O senhor que está hoje para comparar-nos com as nymphas mithologicas, diga-me, quem é o deos do mar?

— Neptuno, respondeu-lhe este com simplicidade.

— E do amor?...

— Julio começou a rir e disse galhofando e seguindo, é Clarinda a deusa do amor!

Clarinda obrigou-o a voltar.

Querendo este assentar-se entre ellas, Isbella ergueu-se, ao que sua amiga oppoz-se, dizendo-lhe:

— Não saia daqui, Isbella, deixe-o ficar mesmo de pé, o Sr. Julio quer crescer ainda. Não tenha pena dos homens porque elles não têem pena de nós.

— Tenho notado, disse Julio sorrindo-se, que a Sra. D. Clarinda é tão contra os homens ; isto faz-me crer...

— Acabe.

— Que...

— Sou inimiga de pontinhos, falle sem reticencias, dou-lhe licença.

— ... já soffreu alguma ingratidão de algum futuro noivo.

— Engana-se : nunca fui tola ; succumbiria de raiva se tal acontecesse. Fallo delles porque não creio nelles.

— Pois faz mal, continuou Julio, ha homens constantes e honrados assim como ha mulheres fieis e virtuosas e vice-versa.

— Todos os homens são máos. Só mudão na fórma, no fundo são sempre os mesmos. Não creio nelles.

— Pois ouça-me, eu sou um dos que lhe deve merecer attenção e louvor.

— Porque ?

— Porque acho-a bella, espirituosa, affavel, intelligente e...

— E...

— .... amo-a como se póde amar a um ser que reune em si todos os predicados do bello.

— Ah ! quer *carambolar* por tabella !...

Julio percebera de novo o dito de Clarinda e começou a rir pelo bem acertado da resposta á ironia do seu encomio ; Isbella rio-se, porém o seu riso fôra simples. Era a primeira vez que ouvira semelhantes palavras.

Não tinha ainda visto sua amiga jogar o bilhar com Julio, ou seu pai.

Depois da espirituosa resposta á Julio ella ergueu-se, deu o braço á sua amiga e virando-se para o official de marinha, disse-lhe.

— Agora assente-se ; póde melhor conversar com a lua e segredar com as flôres.

— Então queria que eu ficasse como um poeta descrente, sentado ao clarão da lua e a segredar com as flôres as tristezas do coração ?

— E' verdade. Ha dias para cá eu vejo-o tão melancolico.... olhe por mim não é. Imite aos antigos, e faça uso da nepenthes, que é excellente para dissipar a melancolia.

Isbella corou, e Julio conhecendo que o dialogo se adiantaria talvez com prejuizo para o seu amor, tratou de mudar de conversa.

— Offereço-lhes o meu braço, disse.

— Agradecemos-lhe, cavalheiro.

Ellas parárão junto dá escada que dava entrada para a sala, e Julio entrou.

— Não gostas deste moço, Clarinda ?

— Porque ?

— Porque parece-me que o tratas com certa prevenção.

— Não ; damo-nos ha muitos annos. Julio me conhece desde menina.

— Pois eu julguei que houvesse da tua parte algum estremecimento para com elle.

— A liberdade que tenho é que me dá direito para assim gracejar, mais nada.

Assim fallárão as duas moças e entrárão.

Na verdade a liberdade de Clarinda para com Julio, adiante de quem não tivesse conhecimento da intimidade de ambos, como Isbella, dava lugar a suppol-os prestes a um serio rompimento, porém não ; elles davão-se e até muito : quando a sós conversavão como dous irmãos ; só entre moças é que Clarinda preparava-se, como ella mesma dizia—com uma varinha magnetica para dar-lhe quando começar á minha vista a querer se mostrar Lovelace.

O genio desta moça é incomprehensivel ; ao passo que parece irascivel e má, é docil e agradavel. E' um typo de mulher pouco

commum. Quem com ella tratar á primeira vista fica perplexo, sem saber como julgal-a.

Caçoista sempre, fica ás vezes tetrica e pensativa; derepente ergue-se, corre ao piano, toca e canta: está apaixonada, dir-se-ha, porém não; no mesmo instante ri e brinca como uma criança.

E' moça de repentes.

Já Isbella não é assim: gosta mais da solidão—é mais pensativa.

Ha nella uma tristeza indifinida.

A's vezes os modos estouvados da sua amiga a incommodão.

A sua alegria é passageira.

Quando ellas entrárão na sala, Julio conversava com Carlos; estes dous moços pouco se davão, ou por outra, Julio achava Carlos um tanto impostor. Talvez se enganasse.

Ha genios concentrados e seccos.

Carlos tinha este genio.

— Conhece aquella moça? perguntou Carlos á Julio, que está ao lado da D. Albertina?

— Pouco, porque?

— E' uma moça bem interessante e bem educada.

— Conhece-a?

— Ha poucos dias. Esta tarde tive o prazer de ouvil-a tocar: é uma moça perfeita.

Julio corara.

A amizade deste com Pedro incommodou-o

Isbella corria perigo.

Casar Carlos com Isbella e elle ficar preterido fôra o pensamento que atravessara, como um relampago, a alma do apaixonado mancebo.

— Conversemos ali, disse Julio, levando-o para uma das janellas. Mas conte-me, como travou o senhor tão depressa amizade com o pai daquella menina?

— E' natural; por uma sympathia reciproca.

— Ella parece-me ser pobre.

— Mas a que vem isto?

— Não me disse ha pouco que ella é bem educada?

— Certamente.

— Já vê, pois, que uma moça pobre muito bem educada só póde servir para adorno de uma sala rica. Quasi sempre acontece que os moços ricos procurão noivas que tragão dote.

— Não são todos, Sr. capitão; ha homens que procurão tambem a educação como base principal da felicidade: eu sou um desses. Tem ella os dotes principaes da verdadeira riqueza?

— Quaes são elles?

— Os sentimentos de honra e de dignidade.

— Creio que sim.

— Pois então é o que basta para ser feliz e achar um homem que saiba e possa sustentar a educação que ella recebeu.

— Pelo que ouço, o Sr. Carlos é capaz de a fazer feliz.

— Por que não?! Nunca pensei em casar-me; no meio sempre das minhas estravagancias a idéa do casamento bem poucas vezes me affagou, mas confesso-lhe que com esta menina casar-me-hia, se ella e seus pais quizessem.

Estas ultimas palavras entrárão como um farpão no coração de Julio.

Em outra qualquer occasião, e com um outro amor que não fosse este, elle rir-se-hia de Carlos; mas é que as insinuativas deste o abalárão até os ossos.

Julio amava sinceramente.

Quem o observasse attentamente, se compenetraria desta verdade.

Sorrio-se elle, mas sorrio-se com o sorriso amargo do despeito e do ciume.

Isbella assentara-se ao piano e começara a cantar uma modinha muito terna, predilecta de sua amiga.

— Que voz agradavel, disse Julio, e é muito triste aquelle canto. E' amante do sentimentalismo, Sr. Carlos ?

— Muito; aquelle canto triste diz bem com a melancolia daquelle semblante. Não sabe mais de um dote que ella possue ?

— Qual é ?

— E' poetisa.

— Poetisa ! como sabe ?

— Adivinhei-o.

— Como assim ? interrougou-lhe Julio com olhos de impaciencia e com gesto de despeito.

Carlos rio-se sem nada responder-lhe. O canto tinha cessado e elle caminhara para junto de Clarinda e assentara-se entre esta e a mimosa Euterpe.

O official de marinha virou-se para a janella e começou a pensar com os olhos fitos na lua.

— Em que pensa, capitão ? perguntou Margarida, esposa de Jorge.

— Em cousa alguma, minha senhora, respondeu friamente Julio, e lançou um olhar de raiva e de ciume para Isbella, que acabava de rir-se por um dito de Carlos.

Aquella flamma ardente fôra cahir-lhe no coração como uma scentelha viva; ella comprehendeu logo tudo e emmudeceu.

Disfarçou um pouco e ergueu-se apoiada ao braço de Clarinda e Albertina.

Carlos tornou para junto de Julio.

— Está tão triste, Sr. Capitão, o que tem ?

— Nada, respondeu-lhe este seccamente.

— Acho-o hoje fóra do commum.

— E' o mesmo que lhe acontece; nunca o vi tão alegre como agora, disse-lhe Julio com ironico sorriso, trocámos os nossos papeis.

Carlos comprehendeu, ou fez-se desentendido e caminhou para junto de Pedro.

Julio ficou meditando.

Ha dias aziagos para quem ama.

Pelo simples facto de ter Isbella fallado alegremente com Carlos e este ter-lhe elogiado os dotes que lhe dera a arte e a natureza, bastou para que Julio crêsse na volubilidade da pobre menina.

E' immensamente egoista o coração amante!

O mais innocente sorriso a outrem basta para que o ciume accenda a sua fogueira nas dobras do coração.

Mil juizos desfavoraveis fez Julio da candida Isbella.

E ella pensaria com effeito em amar a Carlos ou a outrem?

Não.

Seu coração estava tão longe delle, assim como sua alma estava perto de Julio.

Quando as moças voltárão Isbella assentou-se perto de Julio, que a encarou friamente; puxou pelo relogio e ergueu-se.

— Onde vai? perguntou-lhe Clarinda.

— Retiro-me.

— Já!

— São horas.

— A mais tempo, tornou-lhe Clarinda, não deixa saudades.

— Disto tenho eu certeza, minha senhora.

— O que é, capitão? perguntou-lhe Margarida, já se retira!

— Já, minha senhora.

— Espere para tomar chá.

— Agradeço-lhe muito; retiro-me porque me acho incommodado.

— O que tem?

— Pouca cousa; não merece cuidado.

Julio comprimentou a todos em geral e retirou-se sem apertar a mão de pessoa alguma.

O immortal Castello-Branco diz que o homem que ama é um tolo sublime.

Isbella comprehendera tudo: fez-se pallida e pensativa.

Acabava de sentir aquillo que nunca sentira.

Se estivesse só choraria.

Uma outra no seu lugar rir-se-hia; ha mulheres que riem com as lagrimas do amante que chora.

Clarinda seria uma dessas.

— Meu Deos, elle se esquecerá de mim?!

Fôra esta a interrogação muda que ella fizera a si propria.

Aquelle coraçãozinho de rola acabava de ser esmagado pela indifferença cruel de um amor, queimado na pyra ardente de um ciume sem causa.

Estes estremecimentos de zelos são os irmãos legitimos do amor.

O amor sem o ciume é impossivel.

Não fallo desse ciume que torna o ente possesso, e que se converte por instantes em tumulo da razão, e que é tão frequente em certos seres, cuja educação os puzerão ao nivel das féras, trato desse zelo gostoso que encanta, que enlanguece em vez de enraivecer, e que aplaca as dôres incitando as lagrimas.

IX

Logo depois da ausencia de Julio Isbella metamorphoseou tão rapidamente a sua alegria em tristeza, que Clarinda suspeitara logo a origem da sua melancolia, e tentara á força de rogos arrancar a ingenua confissão de seus affectos com Julio; porém Isbella, que já de sobra conhecia a sua amiga, cujos sentimentos

de amor estavão inteiramente opostos aos seus, negou com firmeza, pretextando ligeiras dôres de cabeça, e sahio logo depois do chá.

Aquella tão rapida mudança de Julio; aquelle olhar de indifferença lançado sobre ella na occasião que fallava com Carlos, e sobretudo a maneira precipitada por que se erguera quando ella avizinhava-se delle, retirando-se sem lhe apertar a mão, como não era de costume, a fez cogitar toda a noite, sem que pudesse verdadeiramente descobrir a causa de tão estranha mudança.

« Será por que eu ri-me quando conversava com Carlos!

« Seria porque hontem não appareci de tarde no portão sabendo que elle estava no jardim de Clarinda?

« Seria finalmente por eu ter feito involuntariamente alguma cousa que o tivesse por isso desgostado? »

Era assim que Isbella interrogava-se, sem saber em qual destas hypotheses deveria firmar-se.

Na manhã seguinte ella acordara mais triste que nunca: pallidas as faces, pupillas dilatadas e uma orla arroxeada em cada palpebra, bem annunciavão os estragos de uma noite de vigilia.

Sua mãi conhecera logo a mudança que se operava naquelle semblante, e perguntara-lhe se havia passado mal a noite.

— Não tive somno, mamãi, forão as suas unicas palavras.

— Porque?

— Eu sei! Tornou ella, papai não diz que ás vezes passa assim?

Pouco depois sahirão todos para a missa em casa de Jorge; e a esperança de lá encontrar Julio socegou-a mais.

Quando Pedro chegou á capellinha vio sómente duas velhas orando.

A familia de Jorge ainda não havia apparecido.

Um criado da casa fez soar a sineta, annunciando aos vizinhos que o padre ia sobir ao altar.

— Vierão muito cedo, disse Jorge, chegando com a familia.

— Chegámos ha um quarto de hora, disse Pedro, apertando-lhe a mão.

Cumprimentárão-se as moças, e Clarinda virando-se para Isbella disse-lhe ao ouvido:

— Sonhaste com elle?

Isbella rio-se corando e nada disse.

Nessa occasião muitas pessoas entrárão; Isbella olhava anciosa para todos, julgando ver assomar de improviso o objecto dos seus cuidados.

Em vão esperou-o ella, Julio não appareceu.

Disse-se a missa e todos se retirárão, ficando apenas as familias de Pedro e a de Jorge.

Clarinda travando do braço de sua amiga, conduzio-a para fóra da capellinha e disse-lhe.

— E elle não veio!...

Estas palavras forão pronunciadas com tanto sentimento (ao menos achou-as Isbella) que misturando com o riso da magoa uma lagrima de dôr, respondera:

— Não faz mal!

Se o amor puro sensibilisa um coração rustico, o que fará ao coração intelligente, meigo e terno por natureza?

Sublimisa-o eternisando-o!

— Então sempre adivinhei, não é assim? Perguntou-lhe Clarinda.

— O que?

— O teu amor com Julio.

— Perdôa-me, Clarinda!...

— Não tenho de que te perdoar, só sinto que não me achasses digna de participar dos teus segredos, ou por outra, do teu amor, quando assim m'o havias promettido.

— Zangaste-te comigo? Eu occultei de ti os meus sentimentos porque não sabia ainda se o que em mim se passava era amor... eu nunca havia amado, e depois... temia ouvir de ti uma risada de escarneo igual ás que dais quando se falla em amor... perdôa-me Clarinda!

— Pois bem, ja sei de tudo e não rir-me-hei de ti nem do teu amor; respeito tanto os teus sentimentos como quereria que respeitassem o meu: só o que te previno é, que não demonstres a Julio do quanto é capaz esse amor, por que quasi sempre o objecto amado ri-se de quem por elle chora, chegando mesmo a abusar da pureza e intenções do coração amante.

Subamos, Isbella, o sol está muito forte.

As duas moças entrárão na sala.

— Mas eu acho, disse Isbella, que elle não será capaz de abusar do meu amor.

— Não penses assim, amiga, nos homens não ha que fiar; elles têem o privilegio dos vampiros que sugão o sangue sem causar dôr; depois eu já começo a desconfiar do seu amor pelo teu amor; torno a dizer-te como já te disse ha tempos—não ha unidade perfeita no amor:—podem começar com a mesma força, mas depois um delles declinará, e ahi eu creio que primeiro fallecerá o delle.

N'uma palavra, Julio é homem que chora, cautela.

— Então faz mal chorar?

— Eu sempre ouvi dizer que o homem que chora não dá muito boa idéa de si, e assim deve ser; e demais eu já o vi soluçar por causa de um cãozinho que lhe morreo.

Na verdade, as lagrimas são mais da mulher; são a sua unica arma para as almas sensiveis.

Sem ellas ella pouco valeria.

A mulher quando chora pede consolação, e dessa nasce a ventura.

A mulher sem lagrimas é a fonte sem agua.

Por muitos encantos que esta tenha é sempre uma cousa esteril, e a esterilidade a ninguem aproveita.

Se o homem impera pela força, a mulher deve imperar pelas lagrimas.

O homem quando quer grita, a mulher quando pede chora.

O homem que chora inspira compaixão, a mulher que chora inspira amor e ternura.

O homem que chora abate-se, a mulher que chora eleva-se.

O homem mesmo no meio dos maiores perigos, deve ser calmo e reflectido.

Quaesquer que sejão os embates de sua alma, a serenidade de sua physionomia transluz a nobreza dos seus sentimentos e a sensibilidade de seu coração; nessa mesma passibilidade, filha dos espiritos fortes, se póde ver as tempestades por que passa. E ha na aridez desse semblante, tanta ou mais expressão, que nas lagrimas da mulher.

No homem assim ha heroismo, e na mulher sublimidade.

— Pois eu julgava, disse-lhe Isbella, que era muito natural as lagrimas nos homens, conforme o grão de sensibilidade de cada um.

— Não, não; não penses assim. Cautela com o teu amor, Isbella; quem te falla é tua verdadeira amiga e deseja tanto a tua felicidade como a sua propria.

— Diz-me uma cousa, Clarinda, por que seria que elle ficou mal comigo?

— Pois ainda não descobriste?

— Não.

— Hontem não me disseste que Carlos havia estado em tua casa? pois foi por isso; teve ciumes julgando que tu o esquecerias por causa do outro. Julio é um tolo e promette ser um marido cioso, e por tanto perigoso.

— Talvez elle não volte mais a ver-me, quem sabe, Clarinda?

— Não te importes com isso, elle voltará e te continuará a amar, ouviste?

— Não vás tu o exacerbar mais.

— Deixa estar que aquelle mimo de crystal não hade estalar nas minhas mãos, descança.

— Adeos, Clarinda, papai me chama, adeos; acho-me mais consolada, a ti só devo a minha alegria, és tão boa!

— Passa o dia comigo.

— Não, não posso; vou acabar um bordado. Dá-me um abraço... um beijo... ah! vou tão satisfeita, Clarinda, adeos, adeos!

Pobre coração que assim te alegras por que és ainda bafejado pela innocencia, Deos te meça os passos, salvando-te do abysmo.

X

Como é doce um desabafo para o coração que ama; não é só uma consolação, é tambem uma necessidade.

Isbella, pois, sentia essa necessidade, satisfêl-a e respirou mais livremente.

Rarifizerão-se as nuvens negras que lhe circumdavão o coração, esse vaso que começava a regorgitar os mysterios de que se havia enchido, e ella sorrio-se alegremente, como a garça dos desertos lagos sacode de si o orvalho da madrugada, e vai em leito de crystal aquecer-se aos primeiros raios do sol.

O resto desse dia ella passou-o mais satisfeita do que pensava, apenas algumas leves sombras de tristeza vierão por instantes intibiar os horisontes de sua alma.

Na manhã do seguinte dia, estando ella no jardim, vio um

menino accenar-lhe com a mão, ella caminhou para elle e recebeu uma carta.

— Para quem é ? perguntou baixinho e exitando em aceital-a.

— E' para a senhora mesma, respondeu o menino, quem manda é o Sr. capitão Julio.

Isbella corou, e voltou-se para ver se alguem a estaria observando ; porém ninguem a observara.

Despedindo-se immediatamente do portador da missiva, fôra lel-a no banco da gruta.

Com as faces em fogo e com os dedinhos em gelo ella quebrara-lhe cuidadosamente o sello, e temerosa do menor ruido, volvendo de quando em quando ao redor de si aquelles olhos feiticeiros, que ás vezes se amortecião e outras vezes se avivavão com a graça da mulher a quem a natureza brindou com os dotes da formosura, receiava sem duvida que algum dos passarinhos que lhe adejavão em torno, arrebatassem no biquinho aquella pagina do coração, que ainda lhe era mysterio.

Apertou-a entre os dedos e leu :

« Isbella.—A indifferença com que me tratas é assás poderosa para enlouquecer-me. Temeria dizer-te que ha tres noites que vélo passeando ao longo do meu quarto, se com isso eu não provasse a firmeza e lealdade do coração.

« Tu foste a estrella que aclaraste por momentos os desertos caminhos do romeiro do infortunio para deixal-o depois só e sem guia tateando nas trevas; foste o santelmo, que na phosphorecencia de sua luz, annunciou-me a calma dessa tempestade que em mim rugia forte... foste, mas já não és ! Não imaginei nunca quando te amei, que terias a duração do meteóro ; julguei que me amarias sempre com a candura e singeleza de uma alma que não mente e de um coração que não se eleva pelo brilho ephemero de um montão de ouro ; julguei-te pura como te havia sonhado nessas noites ermas de tédio e de impurezas. Se feliz, Isbella, e deixa-me,

louco de sonhos, adormecer sorrindo ante essas visões mentidas do espirito, que jámais eu verei realisadas... deixa!

« Felizmente acabo de ser nomeado immediato de um vapor, e espero partir em breve; talvez os ares e as flôres de um novo clima fação cahir sem vida os espinhos agudos da saudade, origem do teu desprezo, adeos. »

— Ingrato! Disse ella limpando com a ponta do seu aventalzinho preto as lagrimas que lhe saltavão.

Apoiou o cotovello na perna, e escondendo o rosto na mão, meditou algum tempo, tendo a carta presa na outra.

Enxugou de novo as lagrimas e releu-a com pausa.

Ao chegar ao ponto em que elle diz que vai partir, ella parou e disse com a alma nos labios:

— E eu morrerei!

Terminada a leitura deixou-se ficar ainda por algum tempo assentada, immovel e com os olhos fictos em uma flôr.

Era a estatua da meditação.

Parecia que sua alma desligando-se da materia tinha ido justificar-se perante Julio, e que aquelle corpo mudo esperava a volta do espirito para reanimar-se.

Os raios do sol já penetravão na gruta, erão oito horas; mais que nunca ella se havia demorado ahi.

Um longo e fundo suspiro quebrou o encanto d'aquella mudez; dir-se-hia a alma actuando de novo n'aquelle celestre involocro.

Ergueu-se, banhou as faces na cascata da gruta, para disfarçar desse modo os soffrimentos das dôres, e sahio com passos tardos, como um anjo da solidão, e entrou no seu aposento.

Abrio uma caixa pequena de ébano, marchetada de madreperola e lançou dentro a carta de Julio; fechou-a e guardou no bolso do seu vestido a chavinha dos seus segredos.

Pobre menina, já tão cêdo começa a soffrer!

Quem diria que ella, a ingenua, como lhe chamavão seus pais; essa flôrzinha mimosa, essa engraçada bonina, que não tinha segredos nem para si; que nada occultava porque tudo era innocencia, que nada escondia por que sua alma era pura como a açucena, candida como o jasmin e virgem como seu coração, chegaria a ter consciencia do seu crime santo, e guardaria cautelosa, no bolsinho de seu vestido, a chave do seu thesouro, para que vistas profanas e mãos impias ali não penetrassem!

Só o coração lh'o diria, se ella o interrogasse vivamente.

Ella esperava anciosa a tarde para poder mostrar á sua amiga o que havia recebido e tomar com ella um parecer.

Sua tristeza chamou a attenção de sua mãi, que a interrogou assim:

— Ha dias vejo-te tão triste, o que tens, menina?

— Triste? eu sempre fui assim; não tenho nada, mamãi.

— Nada! ahi ha cousa: nunca te vi assim; já quasi que não comes, levas só a pensar como uma velha; sempre triste, escondendo-te pelos cantos...

— Não tenho nada, mamãi, a senhora não sabe que sempre foi este o meu genio?

— Está bom; mas... queira a Deos. Disse Carlota sorrindo-se em ar de simples reprehensão.

Isbella enrubecêra levemente e fôra assentar-se perto da janella e começara a bordar as chinellas para seu pai, as quaes não tinha podido acabar no domingo, como desejava.

Depois de uma manhã tetrica e pesada, chegou a tarde, tão almejada para ella.

— Papai, eu quero ir onde está Clarinda, o senhor me leva?

— Minha filha, não estáes tão bem aqui, o que vas lá fazer?

— Pedir-lhe *os riscos de um bonito bordado* que ella tirou.

— Pois vamos, disse Pedro, sempre prompto aos rogos da filha.

— Clarinda, disse-lhe Isbella rindo-se, quero que affirmes a papai a mentira que eu preguei, no caso que elle te falle nisso. Eu disse-lhe que te vinha ver para me dares os riscos de um bordado que havias tirado.

— Já aprendeste a mentir, Isbella?

— A isso forçou-me a grande necessidade de fallar-te, mostrando-te uma carta que recebi delle esta manhã.

— Oh lá! Novidades, não é assim?

— Sim, porém novidades horriveis para mim. E tirando do bolso do vestido a missiva, deu a Clarinda, dizendo-lhe:

Dize tu, minha amiga, o que devo fazer, se responder ou não.

— Como está terno e poetico, disse rindo Clarinda, digão lá que o amor não leva a creatura ás fontes da Castalia.

— Não comeces a gracejar, Clarinda, lê e dá-me conscienciosamente o teu parecer sensato.

— Guarda os teus insenços para elle, ouviste? o turibulo entre nós perde a belleza e o perfume.

Clarinda leu e releu a carta, e virando-se para ella, disse-lhe:

— Então, o que tem isso? Estaes alegre ou triste?

— A tua pergunta, se não é lisongeira, não merece resposta.

— Porque?

— Porque não é possivel quem ama alegrar-se com semelhante carta.

— Como te enganas, esta carta é a melhor que podias receber: muito ciume de mistura com muita poesia, é o que é. E' ella o annuncio da paz; não é mais que o éco de um trovão.

— Será verdade, Clarinda!

— E' exacto; não respondas cousa alguma. Se uma moça como nós soubesse o perigo que corre escrevendo a um homem, nunca o faria.

A moça solteira, que tudo tem a perder, não deve escrever

cartas de amor, expondo nella os cuidados de sua alma e o estado de seu coração.

Mamãi, continuou ella, vai mandar amanhã o feitor fazer-lhe uma visita da nossa parte, e eu aproveito a occasião e escrevo-lhe um bilhete; não creias que elle parta, tudo isso não é mais que para sondar o teu coração.

— Não sei!

— Garanto-te que o é.

— O que é que lhe vás mandar dizer?

— Saberás depois.

— Não me compromettas, Clarinda, já hoje mamãi mostrou-se desconfiada, extranhando a minha tristeza e fastio para tudo.

— Eu sei o que faço. Já desabafaste, não é assim? Já contaste-me os teus suspiros e vasaste em minha alma parte de tuas magoas, agora vás te rir sem duvida do que te vou contar e mostrar tambem.

— O que é?!

— Eu te conto. Sabes que todas as manhãs vou assentar-me naquelle banco de gramma que está perto do portão lendo o *Jornal*, não é assim? pois hontem chegando ahi encontrei suspenso entre os botões de cravos que tenho em um vaso, um papel humidecido pelo orvalho, apanhei-o e vi que era uma carta; abri e li. Quem quer que seja tem alma de poeta se não é poeta; lembrei-me logo de ti, queres lêl-a?

— Ah! com muito gosto, disse Isbella admirada.

— Tomai-a, a letra é optima, tu que és poetisa a acharás excellente.

Isbella leu:

« Anjo ou fada, silpho ou divindade, quem quer que sejaes, por piedade dizei-me, quem sois vós?!...

« A flôr nascida em tarde de arrebol pede ao céo uma gotta de

orvalho, e eu só vos peço um amor puro e innocente, como esse que germina de um coração casto de virgem.

« Seja no baptismo sagrado dos vossos affectos, que o desventurado da sorte possa encontrar a regeneração dos seus peccados.

« Se o laço indissoluvel do matrimonio não plantou entre nós a barreira do impossivel, vem, meu anjo, vem trazer-me a taça dessa ambrosia, como antidoto ao fél negro da desgraça, que o destino inexoravel me fez sorver no calice das lagrimas !

« Se sois a virgem como eu hei sonhado nessas noites de tranquillo somno, em que as visões esparsas do pensamento se embalão nas leves azas da phantasia, deixa, meu anjo, deixa que eu te abrigue, oh ! lyrio do poeta, como um anjo de luz e de harmonia, nos seios puros de minha alma.

« Duas palavras vossas lançadas a furto sobre uma tira de papel e postas ao relento, affagadas pelas auras da noite e bafejadas pela fragrancia das flôres, bastarão para a minha eternidade.

« Vossa idade, vosso estado, o lugar da vossa verdadeira residencia, e com o vosso os nomes de vossos pais, é só o que almeja deste mundo um triste, cuja vida prendeu aos vossos encantos.

« Se tudo isso não fôr como eu imagino, illudi-me, porque eu já começo a vos ouvir fallar assim :

« Meu pai é Deos, minha mãi é Nossa Senhora ; o primeiro protege a quem ama e a segunda ampara e fortalece o coração. A minha patria é o céo, onde vivo com meus irmãos — os anjos ; na terra não tenho lugar certo : ás vezes vago perdida nos desertos e adormeço ao som das cascatas, beijada pela lua ; outras vezes choro na escarpa de algum monte, ou na quebrada de algum rochedo. Chamo-me estrella, a minha idade é a das flôres e o meu estado é o da virgem. Cumpro neste mundo uma missão, essa missão é o amor e esse amor és tu ; confundidas que sejão nossas almas, voarei comtigo, librada nas azas de um archanjo, á patria do meu nascimento ao.... céo.

« Eis o que desejo ouvir de vós, oh! silpho, oh! anjo, oh! divindade! »

« T.... »

— Bonito! disse Isbella depois de a ter relido.

— Então, que te parece? perguntou Clarinda rindo-se. E' linguagem de apaixonado, não é assim? E' um tolo, algum idiota.

— Tu lhe respondes? Mas não o chames de idiota, Clarinda, tu és má.

— Eu não; pois eu lá vou responder a um amor que eu não conheço, a um homem que eu não sei quem é, a um doudo talvez?! a um T.

— Coitado, e talvez elle te ame tanto!

— Não creio.

— Quem sabe se não é para titia que elle escreveu, tornou Clarinda ao ver chegar Albertina.

— Se lhe parece! Não sou eu que me vou assentar todas as manhãs no banquinho de gramma, lendo o *Jornal*.

— E mesmo, quem sabe, D. Albertina? disse Isbella.

— Não, não; comigo se é perde o tempo e as palavras: não quero namorados com privilegios de phantasma, apparecendo-me á meia noite.

A linguagem de Albertina era filha do despeito pela escolha do apaixonado mysterioso.

Clarinda caminha para receber das mãos do Janeiro o seu lindo botão de desenove primaveras, ao passo que Albertina vê perto o outono, mostrando-lhe a rosa já pallida dos seus replectos trinta annos; era por isso que ella começava a servir de modelo ás *virgens cilibatarias*, e a sentir ciume quando alguem se apresentava turiferando os altares de alguma beldade, tornando-se indifferente aos seus requebros e languor.

Pobre alma que envelheceste aos loucos caprichos de teu coração, Deos te allivie as penas do martyrio e te apresente como

exemplo á tantas outras que, como tu, escolhem um marido, como um ignorante um bilhete que lhe ha de dar a sorte grande.

Depois dos segredinhos e risadas, tão communs ás moças quando reunidas, Isbella despedindo-se de sua amiga lhe disse:

— Tornando ao serio, Clarinda, não te esqueças do que me prometteste; não vás agora por amor do mysterioso olvidares tua amiga.

— Tranquilisa-te, Isbella, amanhã dar-te-hei conta de tudo.

— Olha, disse Albertina fazendo crer a Isbella o contrario do que dizia, risque da lembrança o juizo que fez de mim ácerca do mysterioso. Credo, Deos me livre!

XI

Clarinda enganou-se quando affirmou á sua amiga que era falsa a partida de Julio.

Julio parte.

Na noite seguinte a da estada de Isbella com a filha de Jorge, o official de marinha apparecera, já sciente da carta que lhe mandara Clarinda, que dizia assim:

« *Meu sobrinho.*— Estou de tudo inteirada no que sempre pensei a seu respeito e a respeito de Isbella, desse pobre coração virgem e innocente que teve a desgraça de amar; digo desgraça, porque os falsos affèctos dos homens não estão nunca na altura sublime da alma candida de uma virgem que ama e que sabe manter-se, mesmo cercada de espinhos, na posição difficil que o amor a colocara. Já vê pois que fallo da filha do Sr. Pedro de Mattos, moça que o seu futuro me interessa tanto como o meu proprio.

« A injusta accusação que o senhor lhe fez, não deve nem mais por um só instante fluctuar no vosso conceito, porque de qualquer maneira ella cahe negra n'uma alma pura como um lyrio, e

que jámais será capaz de fazer brinco de um sentimento que ella religiosamente concebeu, e que, máo grado meu, reputa-o santo e puro, como o sonhara. Isbella tem tudo a perder, Sr. Julio; e uma moça nas condições della é tão facil desconceituar-se, como é facil a violeta murchar desde que se sinta bafejada por um halito impuro.

« Isbella ama-o muito: ella sente-se ferida não só no seu affecto como no seu amor proprio, desde que bruscamente o senhor se erguera para retirar-se, imaginando-a capaz de amar mais de uma vez.

« Esses affectos duplos são só communs aos homens. Tudo é falso. Isbella ama tanto a Julio assim como os anjos amão a Deos.

« Li a carta que o senhor lhe escreveu e fiz ver-lhe, que chorava e buscava no isolamento de suas cogitações um coração que lhe adoçasse as magoas, como o cégo um guia que lhe desvie do precipicio, que era falsa a sua partida e que muito em breve eu faria estabelecer a paz entre esses dous *estados* tão ricos e fecundos de tudo quanto ha de bello, desde que exista a perfeita harmonia, para mim tão impossivel em dous corações; não me deixe pois ficar mal, eu lhe supplico: porém não creia que eu lhe mendigo affectos para minha amiga, que cheia de todos os encantos, seria mais feliz amando a Deos e a seus pais.

« Sua tia

« Crilanda. »

Já vê a leitora que Clarinda nem só se intitulara por conveniencia tia de Julio, como anagramatisara o nome para não ser por outrem conhecida, o que bem lhe assenta o escrupulo que teve, não obstante a nenhuma reserva nos nomes que declinou.

— Gosto de o ver assim obediente, disse Clarinda a Julio, recebendo-o logo na entrada; um sobrinho assim vale tudo.

— Garanto-lhe, disse-lhe Julio seccamente, que a tia não vale a delicadeza do sobrinho.

— Deveras? Zangou-se?!...

Julio não respondeu e caminhou para Margarida, que recebeu-o com alegria, interrogando-o assim:

— Se não o tivessemos mandado relembrar a nossa estima decerto que o senhor não nos viria mais ver, não é assim?

— Não, D. Margarida, a gratidão, amizade e consideração que me prendem a esta familia, só poderão cessar com a morte; não appareci, eu lhe digo: primeiro, estive doente; segundo, fui chamado com instancia para immediato do vapor *** que deve partir daqui a tres dias.

— Parte! disserão todos a um tempo.

— E' verdade, e já vêem que seria pagar com indifferença e nenhuma consideração a muita amizade que se dignão conceder-me, se eu hoje deixasse de aqui vir.

— E' verdade? Perguntou-lhe Margarida.

— Garanto-lhe que não estou gracejando, e senão verá; vim aqui sómente para despedir-me e receber as ordens de todos para aquillo que permittirem minhas forças e boa vontade.

Margarida contemplou-o por algum tempo sem dizer palavra, e Clarinda estava pallida e muda, até que elle quebrando a mudez tornara:

— Entristeceu-lhes a noticia?

— Muito, disse Margarida, muito. E para onde vai?

— Não sei; a viagem é de instrucção: seguimos com muitos jovens guardas-marinhas: creio porém que não será por estes oito mezes que nos tornaremos a ver...

Os olhos de Julio deixárão ver uma lagrima, ao passo que todas deixárão ver muitas.

Nessa occasião entrárão Isbella, seu pai e Jorge, que ao ver Julio exclamara:

— Pensei que tinha morrido, ou que estivesse mal comnosco!

— Nem uma, nem outra cousa, Sr. Jorge, já dei á sua senhora as razões por que não tenho vindo vizital-os, e hoje aqui vim para despedir-me; saio no dia 5 do corrente.

Isbella encarara de prompto para Clarinda, que erguera-se para recebel-a.

Alegre e timida, coberta de confusão e de pejo, Isbella apertara tremula a mão que Julio sorrindo-se lhe estendera, e fôra assentar-se entre Clarinda e Albertina.

— Para onde? Perguntou-lhe Jorge.

— Ainda não sei, espero voltar breve, se por lá não ficar; vou còm um bello cortejo de jovens esperançosos em viagem de instrucção.

— Desejo que seja feliz e que não se esqueça da gente.

— Isto nunca, Sr. Jorge.

— Eu tambem, disse Pedro, hei de estimar que goze e seja feliz.

— Muito agradecido. Hão de permittir que me retire já, pois ainda vou despedir-me de mais familias minhas conhecidas, que amanhã não terei tempo.

Algumas lagrimas, muita despedida e elle sahio; na occasião porém de apertar a mão de Isbella lhe deixou ficar uma carta, que quasi foi vista, pelo desalinho da moça, que se sentia partida por tamanho golpe.

Tomando o braço de Clarinda disse:

— Então, minha amiga, elle nunca me amou!

Clarinda que até então tinha ficado como perplexa, disse:

— Ri delle, Isbella.

— Elle deixou-me na mão esta cartinha, disse Isbella tristemente.

— Vejamol-a, vamos ao meu quarto.

A carta não tinha sello.

— Queres que a leia? Perguntou Clarinda.

— Lede-a, eu já não tenho segredos para ti, e nem mais nada que ocultar-te ; eu sei que morrerei em breve.

Isbella chorava.

— Isbella, não te mostres fraca assim : uma mulher mesmo amando como tu amas, deve ser tão forte na adversidade como firme na ventura. Que elle não te amou eu sempre o disse, e se soubesse que estavas chorando por elle, rir-se-hia de ti; enxuga as tuas lagrimas ; os homens são todos assim. Vejamos o que diz a carta.

« *Isbella*.—Escrevo-te para te pedir perdão do juizo máo que fiz de ti, julgando-te capaz de um amor além do meu... peço-te de joelhos ! Creio hoje, mais que nunca, que tu me amas; e crê que parto levando-te na minha alma. Hoje, mesmo que eu quizesse deixar de o fazer não podia, por muitos motivos.

« Se algum naufragio não me fizer cadaver boiando no oceano, serei teu d'aqui a oito mezes, quando muito.

« Tens resignação para esperar tanto tempo, Isbella ?.. se tens espera ! E' na ausencia que o amor verdadeiro se purifica ; é nesse crysol do infurtunio que os corações attingem a sublimidade do amor.

« Só te peço que ás noites, quando te recolheres ao leito, lembres-te de mim, e envies a Deos as tuas orações, ungidas de amor e fé.

« As preces da virgem voão á Virgem, tres vezes santa, e della sobem a Deos, e Deos as ouve e as abençôa.

« Adeos, Isbella, até a volta.

« Teu esposo
« Julio. »

Isbella dera um longo suspiro, ou antes um gemido, e começarão de novo as lagrimas a borbulharem-lhe dos olhos.

— Não chores, Isbella ! Eu creio agora que elle te ama. Esta carta é sincera ; e se assim é, que te custa pois esperar oito, ou

dez mezes, uma vez que elle venha depois compensar-te todas essas atribulações, tão proprias na vida de quem ama. Tens tu força bastante para esperal-o ?

— Se tenho ! Elle me saberá desprezar, mas eu saberei morrer por elle.

— Pois bem, disfarça agora as tuas lagrimas, que titia ahi vem, anda ; saiamos.

As duas moças atravessárão um corredor, aclarado apenas pela luz frouxa de um lampeão, e forão sahir ao jardim, onde a aura da noite seccou-lhe o pranto, serenando-lhe a physionomia, sem que todavia applacasse-lhe as dôres do coração.

— Agora, Isbella, banha teus olhos na bacia deste repucho para que não possão desconfiar que tu choraste; principalmente tua mãi, que sem duvida te mede os passos, e que já começa a desconfiar alguma cousa, segundo dizes.

— Meu Deos! disse ella com os olhos no céo, que seja-me preciso até occultar de minha mãi as lagrimas que verto quando eu tenho necessidade de chorar sempre, ajoelhar-me a seus pés e pedir-lhe conforto, escondendo minhas lagrimas em seu seio !

Assim fallando curvou-se e satisfez a lembrança de sua amiga.

XII

São decorridos cinco mezes.

Pedro soffre de uma aneurisma no coração e tem sempre occultado o mais que póde de sua familia a enfermidade que em breve o levará ao tumulo, já pelo grande amor que lhe tem, já por que quer poupar afflicções á filha por quem immensamente se desvela e por quem sabe que é immensamente desvelado.

No entanto a molestia cresce e a morte se aproxima, a passos largos.

Soffre e cala.

O seu todo annuncia grave enfermidade e a todos diz que os seus incommodos não merecem cuidados.

Ha quinze dias que a familia de Jorge fôra passear á Petropolis, sem que pudesse, como Clarinda queria, levar Isbella em sua companhia, pelo estado máo de seu pai.

Pedro está de cama.

Dias depois que enfermara Carlos o fôra vizitar e não o largara mais.

Instou com Pedro para que escolhesse um medico, e este exitara ; até que os rogos da esposa e do amigo, e mais que tudo as lagrimas e as supplicas da filha, o fizerão entregar a Carlos a escolha do facultativo, porque, dizia elle:

« E' em gente que eu não creio e que nunca os busquei para mim ; a meu ver elles só servem para abreviar os dias do enfermo, depois de o ter martyrisado com os malditos causticos, remedios de um travo horrivel e tirarem sangue como um bando de vampiros famintos : façáo o que quizer. »

No dia seguinte, vizitava-o o Dr. Silva pai, que depois de o ter examinado bem, declarara a Carlos que a molestia se achava bastante adiantada e que elle o não poderia salvar.

— Doutor, disse Pedro a sós com o medico e o amigo, peço-lhe por tudo que existe de sagrado, que não assuste minha familia, o desgosto della me abriria mais depressa o tumulo ; eu sei que o meu estado é pessimo, não é assim ?

— E' serio, porém eu o espero salvar em breve, disse o medico.

Pedro suspirou, e cabeceando tristemente disse :

— Seja franco, doutor, e diga-me com consciencia o que sente acerca da minha vida. Acho-me como nunca. Sou christão e por isso quero morrer com Christo. Quero Sacramentar-me. A morte

por si só não me espanta, temo menos della que da sua consequencia.

— Seu estado é máo, disse-lhe o medico; ao certo nada posso lhe affirmar, por que a medicina não é infallivel; nós somos apenas enfermeiros, o medico é Deos.

Eu vou fazer o que a sciencia manda e ensina. Independente de tudo póde satisfazer o santo desejo de sua consciencia.

Quando o doutor acabou de fallar entrou Isbella, que pallida e tremula, lhe perguntou anciosa:

— Papai o que tem, senhor doutor? E' molestia de perigo?

— Não, minha senhora; em pouco poderá estar melhor.

Na physionomia de Isbella houve a irradiação da alegria: ella rio-se.

Despedio-se o medico deixando ficar uma receita que recommendou fosse preparada em pharmacia limpa e cuidadosa.

O resto do dia passou o doente um pouco melhor; osculou a fronte da filha e disse-lhe.

— Minha Isbella, vai tocar um pouco, anda; o nosso amigo ha de sem duvida reparar nessa tua sequidão, não é assim? Disse interrogando o moço, que respondera-lhe:

— Ainda não notei isso em sua filha, meu amigo; e mesmo que assim fosse eu a desculparia pelo seu estado e o muito amor que ella lhe tem.

Isbella rio-se e respondeu.

— E' verdade, Sr. Carlos, a doença de papai me tem incommodado tanto que talvez involuntariamente eu passe por descortez para com o senhor, porém não repare, ouvio? Se o faço é sem o mais leve desejo de offendel-o.

— Pobre filha, disse Pedro interrompendo os comprimentos do moço, pensa em outra cousa; a enfermidade de teu pai crescerá com os teus soffrimentos. Vai tocar, filha.

Carlota abrio as portas do quarto e Isbella assentou-se ao piano.

Duas vezes triste, ella fizera gemer o branco teclado ao leve toque de seus dedos vaporosos, com o mesmo sentimento da rolinha que geme na soidão do bosque o esposo que levara a sorte, o ninho que levou-lhe o vento.

E Carlos? E' facil imaginal-o.

Triste como um pensador de ruinas, que folhea no pensamento o livro das tradicções, ou utupista do bello, emprestando ás antigas lendas os sonhos das suas visões, elle encara Isbella, não como a mulher do mundo, mas sim como o anjo do céo, que elle vê sem tocar e ama mudo, por que talvez a revelação de seus mysterios desvede-lhe o paraiso que elle admira extatico, embora o coração lhe diga que elle nunca lhe poderá colher a flôr que o orna—enlevo de sua vida.

Pouco depois entrava na sala um portador que vinha de Petropolis saber noticias de Pedro e entregar uma carta a Isbella, que mandava Clarinda.

A carta dizia assim:

« Minha Isbella.— Primeiro que tudo desejarei que ao receberes esta estejas mais tranquilla pelas melhoras de teu pai, que permitta Deos em breve se restabeleça e venha comtigo e tua mãi respirarem os ares puros desta nova terra de amor e poesia.

« Não te rias de me ouvir fallar assim.

« Não ha um só dia, minha boa amiga, que eu me não lembre de ti com saudades e com sentimento de não ter-te a meu lado.

« Petropolis não se descreve, vê-se e admira-se a natureza que ri e chora sempre, tão sensivel é ella.

« Digo ri e chora sempre porque ora chove, ora faz sol; mas tudo isto acompanhado dos encantos com que enriqueceu-lhe a mão mimosa do Divino Artista. Aqui acharias tu novas flôres, e por tanto novos pensamentos para o teu cerebro de poetisa.

« Os amores de lá morrem aqui, minha amiga; e os daqui voão a Deos nas azas desses colibris phantasticos. Aqui tem outra har-

monia o concerto das aves, mais verdura os bosques, mais poesia as fontes sussurrando na espessura destes valles sempre ridentes, e mais encanto o céo, a lua, o sol e as estrellas; parece-me que o sol aqui não arde como lá, que as estrellas tem um brilho mais sereno, a lua a face mais pallida.... admira-me, estou tambem poetisa!

« Isbella, um dia aqui e terás esquecido Julio.

« Não te digo nada, o mysterioso continúa a seguir-nos; ha tres dias que recebi delle uma carta repassada de amor e melancolia; tu sabes o que penso ácerca dos homens, e por isso não creio no que me diz elle. E' sem duvida algum aventureiro que vio em mim a riqueza que sonhara, e talvez a victima para seu holocausto... ha de lhe ser difficil. Todavia, fallo-te com o coração de amiga, que começo a sentir alguma cousa por esse — invisivel — como lhe chama ultimamente titia; mas quero crer, pelo que em mim se passa, que tudo isto é curiosidade e não amor.

« Dizer-te que o aborreço seria mentir-te, e sinto de alguma fórma alegrar-se o coração quando affago a esperança de conhecel-o um dia.

« Só Deos descortina o futuro, Isbella, e se não morrermos Elle e o tempo nos darão o que fôr nosso.

« Esperemos, não é assim?...

« Tu esperas Julio, e eu... espero não sei quem!

« Acceita um abraço meu entre os muitos que te manda minha familia, e transmitte-o á tua mãi.

« Tua amiga.

« CLARINDA. »

Isbella leu e releu a carta que lhe escrevera a amiga, acreditando já que ella amava, e que portanto poderia melhor avaliar o seu sentimento.

Tudo é assim: Clarinda dizia que não acreditava nos homens e que por isso não se casaria, salvo se houvesse algum que lhe

inspirasse por tal maneira que a obrigasse a reformar os sentimentos que possuia ; no entanto pela carta que ella escreve a Isbella, bem se vê que começa a amar.

Aquelles que dizem que não amão, são justamente os que mais procurão o amor.

E quem não ama, se o amor é o unico bem da vida e a maior felicidade que Deos lançou no coração dos seres sensiveis ?

Todos amão. Desde o mais insignificante animalzinho até o homem o mais obstinado.

Se ha algumas vezes tedio no amor é porque esse amor desceu ao materialismo bruto, e deixou de ser amor para ser volupia ; não a volupia doce de dous espiritos que se comprehendem, de dous olhares que se diffundem ; mas sim a volupia dos sentidos, o puro desejo da carne.

Quem tem predilecção por flôres tem predilecção por amor.

As flôres têem uma certa relação mysteriosa com o amor, que não é dado difinil-o, senão sentindo-o.

Quem diz flôr, diz tambem amor.

E por isso quando colhemos alguma o nosso maior desejo é dal-a, com certo ar significativo.

E a prova é que quem ama tem sempre escriptinhos perfumados e flôres seccas e mirradas, emblemas de amor que foi, ou de amor que é.

Quem ama diz ás vezes :

Eu não a posso fallar e nem tão pouco escrever-lhe, mas se lhe pudesse ao menos dar essa flôr !...

E é verdade

Ha na flôr que se recebe do objecto amado uma certa revelação tacita, que só o coração comprehende.

E bem se exprimio o celebre Pascal quando disse:

— O coração tem as suas razões, que a razão não conhece.

Portanto Clarinda havia de amar ainda.

Era tão amiga das flôres, impossivel seria que o não fosse do amor.

A resposta á missiva de Clarinda acabava de ser dada.

Além das amofinações que lhe causavão os soffrimentos do pai, o mais é facil imaginar o que diria a carta.

Muitas queixas de amor, muita saudade... e eis tudo.

. . . . . .

Vão cessar as alegrias, vão desapparecer os encantos dessa risonha habitação ante o manto negro e pesado da morte!

Pedro já quasi que não falla!

Quem de vós talvez, leitora, não terá assistido a um desses quadros de dôr intima, de lagrimas e soluços, de desalinhos e afflicções?

São elles o ultimo acto da scena da vida, desta vida tão querida e tão desejada, e que nada vale por que nada é!

Quando se ouvio, ainda de longe, o som triste e compassado da campainha, todos olhárão-se mudamente, e Isbella cahio de joelhos ante a imagem do Redemptor, e começou de novo esse pranto que nunca secca, essa dôr suprema que não acaba senão para começar.

Era a visita de Christo que chegava, esse unico conforto das almas christães, esse balsamo divino que nos infiltra n'alma o fogo ardente da fé, a crença viva da immortalidade!

E que alegria misturada de uma veneração profunda não nos infunde ella!

Como é feliz a alma que se desprendendo das prisões da carne, depois de haver recebido Christo, vai exultando de gloria para o seio do seu Creador, no mundo da Eternidade!

Pedro acaba de receber a Unção-Estrema—com a serenidade do justo que espera calmo o ultimo alento da vida, a ultima lagrima da despedida!

Carlos o encara mudo, Carlota soluça baixinho como que

temendo que as suas lagrimas o vão acabar de matar; e Isbella pallida e chorosa tem a cabeça escondida no travesseiro de seu pai. Elle passa a mão já fria pela cabeça da filha e beija-lhe as tranças.

Ninguem ousa quebrar aquella mudez senão as lagrimas dos que chorão.

— A minha ultima abenção, minha filha, disse-lhe com voz sumida!...

Um grito se ouvio. Era o de Isbella.

De uma compleição nimiamente fraca e nervosa, ella não pôde resistir por mais tempo, e um ataque veio tirar-lhe os sentidos, como para não deixal-a assistir ao ultimo suspiro do seu verdadeiro amigo.

— Meu filho, disse Pedro apertando convulsivo a mão tremula de Carlos, eu vou morrer... porém vou satisfeito por vos deixar neste mundo!... Velai por minha filha... fazei-a vossa irmã, ou antes vossa...

Os soluços embargarão-lhe a voz quasi que imperceptivel.

— Meu amigo!... eu saberei guardar o thesouro que me confia...

— Pedro, e tua velha esposa, o que será sem ti, já quasi que a morrer tambem... ah! leva-me comtigo!

Pedro não respondeu e apontou para o céo.

— Eu, disse elle—só temo a morte pela saudade de deixal-as...

Um ultimo esforço sobre si mesmo, e a morte extinguio-lhe a luz.

Pedro era cadaver!

Descrever as scenas que então se passárão, não nos é possivel; imagine-as a leitora, se puder.

Só as deixará de avaliar aquelle que nunca passou noite inteiras à cabeceira de um pai moribundo, ou de uma mãi agonisante.

XIII

Os ares de Petropolis mudárão as idéas da nossa inimiga dos homens e do casamento.

Parece que afinal achou ella um ente que lhe reformou o coração e o modo de pensar.

E qual é a moça que não deseja casar-se, ou pelo menos não aspira a esse nobre e santo dever social?

Nenhuma.

E quando haja alguma que assim diga, diz o que não sente, e mente a si propria.

Das duas uma:

Ou não acha marido, ou se elles apparecem-lhe não lhe são do agrado, por que não os deseja ella esses, e quer então os que a não querem.

Uma desse typo é Albertina.

A mulher que veio ao mundo e depois de ter vivido sofrivelmente desapparece solteira, é a arvore inutil que nasceu, cresceu e morreu sem ter nunca sabido para o que vegetou.

A missão da mulher é sublime quando depois de criada e educada toma um marido legitimo e faz-se esposa e depois mãi.

A que não nascesse para isso (que todas nascem) deveria tomar habito e fazer-se irmã da caridade, esses anjos por fóra e demonios por dentro.

Melhor diriamos — virtudes simuladas.

Clarinda casa-se.

Jorge mudou-se e fixou residencia em Petropolis.

Uma unica cousa a incommoda, e é a ausencia de sua amiga.

Isbella abysmada em suas dôres não podia e nem devia assistir a tanta alegria, que longe de a consolar, viria augmentar-lhe os soffrimentos.

O muito prazer na presença de quem muito soffre é como um insulto á dôr que se sente, uma irrisão á magoa que nos devora.

Digamos alguma cousa ácerca do joven noivo.

Bernardo, eis o seu nome, é um moço de vinte e tres annos e bacharel; chamão-lhe já doutor, e por isso o chamaremos tambem nós.

E' bonito, pobre, compõe versos e escreve folhas soltas; eis tudo.

Tomou gráo e fez-se pescador.

Fez da penna um caniço e com uma isca de suspiros, lançou-o n'um rio.

O peixe era *dourado*, e agradou-lhe immensamente.

Depois de muito mysterio, de muita queixa e promettimento, agarrou-o por uma vez.

Feliz doutor.

Clarinda amou-o pelos versos e folhas soltas!

Começou-lhe a felicidade por ter encontrado uma moça rica que o amou simplesmente pelos versos.

E' cousa de espantar, porque no seculo presente (mormente entre nós) são rarissimas as mulheres que aprecião os homens pela sua intelligencia.

De ordinario ellas não curão disso senão do quanto elles possuem, ou lhes podem dar.

Uma Leonor de Tasso, é hoje tão impossivel como seria impossivel um diamante do tamanho de um ovo de ema.

Esquecia-nos dizer que não ha regra sem excepção, e bem póde ser que a amavel leitora seja uma dessas excepções á regra.

Quando todo empertigado apresentou-se ao velho pedindo-lhe a mão da filha, este olhou-o de revez, e nesse olhar a soslaio, elle encarou para a filha que chegava, a qual sem o véo antigo que fazia as noivas cobrirem o rosto em signal de modestia, respondeu-lhe de fronte erguida e jovial:

— Aqui está o Sr. Dr. Bernardo que veio pedir a papai a minha mão de esposa, e é muito do meu agrado, esperando que será tambem de sua vontade o aceital-o para seu genro.

Se isso fosse no tempo de Abrahão e dito pelo gentil Rebeca, o que lhe faria Bathuel?

A' vista de uma tal imposição quasi, o velho virou-se para o moço e disse-lhe friamente.

— Aceito-o tambem para meu filho já que é da vontade de minha filha.

Cheio de confusão e contentamento retirou-se o doutor promettendo voltar sempre, até que o seu futuro sogro destinasse o feliz dia da ditosa união.

Jorge julgava levar alguma nova á sua consorte, mas surpreendeu-se ouvindo esta dizer-lhe que já sabia e que esperava por isso todos os dias.

Muito vale uma mãi!

Clarinda regorgitava de indizivel jubilo, ao passo que sua tia mostrava-se enfadada, dizendo.

— Eis no que derão os escriptinhos do mysterioso; fraco gosto tiveste, Clarinda; um homem que não é bonito, com feições de mico da Bahia, e demais pobre como Job... Deos me livre de me casar assim!

A má inveja é um dos peiores sentimentos do coração humano.

O que possue este máo sentimento não só aborrece os que o ouvem como castiga-se a si proprio, de um modo cruel.

O invejoso por condição vive sempre ralado de paixões, com tedio de si mesmo.

E' um ente miseravel e abjecto, que se torna mais digno do desprezo do que da compaixão dos semelhantes.

Albertina é assim.

Invejando despeitada a sorte da sobrinha, desdenha de Ber-

nardo, dizendo o que não sente ácerca delle, sómente por espirito mesquinho de contrariedade.

Bernardo tem um unico defeito para ella, e é o de a não ter preferido á Clarinda.

Albertina é a raposa de fabula.

Um barão a amou (diz ella), e ella não quiz casar-se com elle por que sem ser viuvo já tinha dous filhos *amarellos*.

O barão era rico... era barão.

Quando depois de se ter arrependido da negativa que lhe dera, escreveu-lhe pedindo-lhe que a viesse sollicitar de novo a seu cunhado, o barão estava casado.

Mas ella não diz isso, só diz que foi quem o desprezou pela vida desregrada que tinha.

Mais tarde um outro apparecêra pretendendo a sua mão.

Os extremos tocão-se.

O primeiro foi barão, o segundo marceneiro, porém um marceneiro estabelecido e bem conceituado.

Cheia de colera e ferida no seu desmedido orgulho, respondeu-lhe abertamente que o não queria, e que elle antes de a pretender deveria ter-se conhecido primeiro, medindo a distancia que havia entre um marceneiro e uma mulher de posição.

Adiante de tanto arrojo e positivismo disparatado, o homem corou até o branco dos olhos e retirou-se sem ousar dizer uma só palavra.

A acção fica com quem a pratica, diria elle.

Do barão ainda ella hoje falla, quando se lhe pergunta se é por gosto que se conserva solteira, com certo ar de desdem e gravidade.

Do marceneiro, pelo contrario; morreria de dôr se em publico lhe dissessem que ella tinha sido pedida em casamento por um homem de officio.

E, sem ser a leitora, quantas Albertinas não vivem entre nós!

Quantas, que tendo gasto o melhor da sua vida em ridiculas pretenções e estultas preferencias, vêem acabar por fim nos leitos dos hospitaes?...

Da vaidade nasce o vicio e com este caminha a perdição.

A mulher vaidosa é puramente um traste de luxo; e o que é um traste de luxo senão um objecto dispensavel?

Dessas presumidas enche-se o mundo e engolfa-se o vicio.

A mulher pobre, criada e educada com certos prejuizos tolos e perigozos, é sempre desgraçada.

Sem nada mais do que o fumo da vaidade e os seus sonhos á grandezas, aspira logo um casamento elevado, habitação sumptuosa, carro, criados, sedas e brilhantes.

Um visconde, um barão, um conselheiro, um doutor, eis o que ella deseja e sonha constantemente.

Um artista, um filho do trabalho, modesto e laborioso, é para ella cousa que cheira mal.

O que acontece pois, é que os grandes não a querem, e por fim nem grandes nem pequenos; e, como ave perdida, acaba por seguir os primeiros illegitimamente, deixando ainda assim os segundos que a buscão com honra e honestidade, dando-lhes um nome.

Prejuizos de educação, e nada mais.

Já ninguem póde com o doutor, que antes do tempo já fuma charutos de Havana, e traz seguro ao nariz o seu *pince-nez* de ouro.

São raros os Bernardos sem bernardices.

Seus amigos e collegas já lhe achão differença em tudo.

Bernardo já não quer ser pobre.

Já o gosto para as grandes cousas vai-lhe nascendo rapidamente.

Só com o cheiro do dinheiro tem adquirido novos modos e gestos.

Não falla senão na sua linda noiva, e pensa no quanto lhe dará o pai.

Se não fosse indiscripção ridicula, elle já teria perguntado em quanto montaria o dote.

Não falla senão no — eu.

Já é um heróe o tal doutor.

Quatro mezes depois do pedido chega o dia do consorcio.

Tudo é festa e alegrias tudo.

No acto de celebrar-se o casamento Albertina rio-se e Clarinda corou, acotovelando e segredando com o noivo.

Este fez-se pallido e tirou as luvas.

O muito prazer embriaga.

Bernardo tinha-se esquecido de que ninguem casa-se de luvas.

Clarinda está casada.

A sua theoria falhou-lhe na pratica.

Destas heroinas ha muitas.

O seu platonismo era só por conveniencia.

Ultimamente ella já pensava como os inglezes, que dizem que o amor platonico é uma platonica tolice.

Quando não se ama descreve-se o amor, e quando se ama não ha tempo para descrevel-o.

O que antes é defeito é agora virtude.

O amor é infinito como a Eternidade, grande como ella, e como ella indescriptivel.

Antes de amarmos notamos faltas, sensuramos actos, estigmatisamos defeitos; depois de amarmos tudo se desfigura, tudo se decompõe.

Clarinda estabelecia regras ao amor porque não amava.

Antes de Bernardo ter se declarado a Jorge, pretendêra um lugar, o qual lhe fôra promettido, para poder assim melhor sobresahir na sua arrojada empreza.

Dizemos arrojada empreza porque elle era um moço pobre, que desejava uma mulher rica.

Porém nada disso foi preciso.

Mas o ministro que não quiz faltar á sua palavra, nomeou-o logo depois de casado juiz municipal para um lugar retirado.

O que o doutor antes achava digno, depois achou insignificante. O lugar para onde fôra despachado era pouco compativel com a sua posição independente.

O dinheiro, faz o homem e este nem sempre faz o dinheiro.

Depois seu sogro manifestou desejos de passear á Europa, e elle alimentou-o.

A' sombra sempre amiga da felicidade, vivem os dous conjuges como ternos pombinhos.

Já Clarinda não pensa em sua amiga.

Longe da vista, longe do coração.

Só a idéa de viajar á Europa, passear a Paris, o que sempre tanto anhelou, vizitar o *Pèr-la-Chaise*, como ella dizia, oscular a lousa fria e já carcomida pelo tempo do seu poeta dilecto, do seu immortal Filinto Elysio; derramar uma lagrima intima no tumulo de Abailarde e Luiza, ajoelhar-se em frente, fazendo o retrospecto da vida desses dous martyres do amor; ornando suas estatuas de lyrios e saudades; admirando a paciencia e resignação desses a quem o mundo os condemnou e a morte absolveu-os, unindo-os eternamente; fazia esquecer a sua pobre amiga, que talvez a esta hora esteja em luta com a adversidade, e não sonhe como ella as doces illusões de uma vida sem cuidados.

Deixal-os partir.

A felicidade que nunca os desampare.

O que vale é que quando voltarem Bernardo virá um francez purista, e talvez, como acontece a muitos, esqueça-se da sua lingua e não falle senão o edioma de Racine.

Deos os proteja.

Do Capitolio á Rocha Tarpeia vai a distancia de um passo.

XIV

Quem pelo correr do anno de 1850 passasse por Catumby, viria n'uma dessas casinhas de muito modesta apparencia, á direita de quem entra (as quaes ainda existem hoje no seu mesmo estado), duas mulheres assentadas ao redor de uma mesa cosendo com avidez, até mais de meia noite.

A primeira dessas é uma velha magra, de feições cadavericas, vestida de preto, que trabalha de oculos.

A outra é uma moça pallida e bella, que cose apressada: na physionomia abatida dessa moça, que quando muito terá 17 annos, bem se póde ler o soffrimento impresso por alguma dôr occulta.

Quem condoído dessas duas creaturas curioso parasse em frente, notaria que ás vezes um vago suspiro escapa dos labios da velha e que lagrimas furtivas rolão pelas faces lividas da moça, e se vão perder na costura, que tem no collo.

São dous typos da pobreza honrada, duas victimas resignadas que lutão com os assaltos da miseria, inimiga irreconsiliavel da virtude.

São mãi e filha.

Quasi sempre um moço de bella apparencia, unico que alli entra, faz-lhes companhia.

E' a alegria da casa, se é que póde haver alegria para quem tem perdido tudo e mais nada espera do mundo.

Um riso amargo ás vezes entre-abre os labios pallidos da moça.

Mas nesse riso ha dôr que se mistura e que se não difine.

— Isbella, diz-lhe o moço, em tom de supplica, ha tres mezes que aqui resides por vontade, e que pareces soffrer mais ainda.

Todos os esforços que tenho empregado para te fazer feliz, tu regeita-os sempre, não sabendo que assim offendes a quem só vive para ti.

Ha em ti de certo tempo para cá uma tristeza indifinida, um tedio que te enlouquece tanto, que será capaz de matar-te... E por que será, Isbella?...

— Não sei!... Respondeu-lhe esta tristemente.

— Ha um anno que teu pai é morto; ha um anno que me repercurte sempre nos ouvidos as suas ultimas palavras, as quaes eu já por vezes te tenho contado sem que te resolvas a cousa alguma; ha um anno que te offereço a felicidade e tu a desprezas sempre; ha um anno finalmente que soffres muito e principalmente ha tres mezes que uma mudança sensivel se tem operado em ti, sem que nada me reveles, sem que me abras o teu coração. Tu choras! Sempre lagrimas, e eis as tuas respostas, que longe de me consolarem augmentão-me os soffrimentos.

Onde está tua mãi?

— Queixa-se de dôres de cabeça e foi deitar-se, disse limpando o pranto que lhe motivavão as palavras de Carlos, repassadas de amor e melancolia.

— Tu não me amas, Isbella?

— Muito.

— E porque me tratas assim?

— Porque....

— Acaba.

— Ha uma tristeza em mim que eu a não difino.

— Tu soffres muito, não é assim?

— Muito.

— Porque me occultas então os teus soffrimentos?

Não sabes que eu te amo até ao sacrificio?

— Sei.

— E então?

— Um dia saberás de tudo.

— Então não me amas, não é assim?

— Repito-te que muito.

— Mas então que qualidade de amor é este que eu não comprehendo?

— Algum dia o comprehenderás... Eu te amo como irmão.

— Só?!...

— E que amor será melhor do que esse? Papai antes de morrer chamou-te de filho e disse que eu seria tua irmã, e eu o tenho sabido cumprir. Esquecer-te, nunca; aquelle que fechou os olhos ao meu melhor amigo neste mundo, poderá morrer para todos, menos para mim.

— Agradeço-te. Mas, ouve: teu pai antes de espirar não pedio-me só que eu me fizesse teu irmão, disse mais. Fazei-a, fallou elle, vossa irmã, ou antes vossa..., e a palavra esposa, que bem se subentende, morreu-lhe nos labios antes de ser pronunciada.

— E' que Deos, disse ella, tapou-lhe a boca, suffucando-lhe a voz, para não pedir-te aquillo que não tinha nascido para mim. Tudo neste mundo está escripto. Ha na nossa vida mysterios que se não explicão, factos que se não diffinem. Os livros nada dizem ácerca, só o mundo nos deixa sentir os effeitos dessas causas mysteriosas, sem que tambem nos explique cousa alguma desse inigma indecifravel aos olhos ignorantes da humanidade. Aquelle que pretender decifral-o será julgado louco.

Hoffman passou e passa por um dos maiores visionarios, e no entanto só Deos é quem sabe se elle não enxergava mais do que os outros homens.

A intelligencia da mulher é sempre mais apoucada que a do homem, e por isso eu sinto difficuldade em exprimir-me, e conheço não poder expressar-me como desejava.

— Exprimes-te perfeitamente, Isbella, disse Carlos, batendo com a ponta dos dedos sobre a mesa, admiro-te quando fallas, e acho muita verdade em tudo quanto me dizes. Conheço que tudo em nós é mysterio. Que vivemos sem saber explicar o que é a vida, e morremos sem nada poder dizer da morte.

Que ha mysterios no berço assim como os ha no tumulo, eu tambem o penso, presumo tudo isso; mas o que eu de todo ignoro é o mysterio do teu amor.

O moço carregou com força nestas ultimas palavras.

Ella corou, abaixou a cabeça e elle continuou, como parecendo mudar de assumpto, perguntando:

— Mas diz-me, Isbella, porque tu e tua mãi nada querem aceitar de mim, e vivem a trabalhar sempre para poder viver? Que mãi e que irmã são estas que desprezão os serviços do filho e do irmão?

— Nós não desprezamos os teus serviços, Carlos; nunca o dissemos e nem tão pouco o diriamos. E' que ainda Deos nos dá forças para trabalhar, e assentamos que quando se póde ganhar não se deve pedir. E depois a obrigação desse filho e irmão não se limita a sustentar-nos, por que ainda a Divina Providencia não nos desamparou de todo.

— Pois bem, Isbella, isso em ti é uma virtude pouco commum, mas não sabes que esse trabalho constante em breve te roubará as forças e que te prostrará n'um leito, e que tua mãi já cansada dos annos não poderá resistir assim por muito tempo?...

— Nessa occasião então receberemos a tua esmola com as lagrimas da gratidão.

— Esmola! Para que me offendes?! Que mal te fiz eu para que assim me trates?!

— Offendi-te? Então perdoa-me. Eu sou incapaz de o fazer. Pensei que te havia respondido bem.

— Respondeste bem, porém offendeste-me, talvez sem querer.

— Então perdoas-me, não é assim? Tu és tão bom!...

— E eu terei animo para deixar de o fazer? Não sabes que eu só vivo para ti, não obstante a indifferença com que sempre me tratas?

— E' represalia e está no teu direito fazel-a.

— Como represalia?! Não é verdade o que eu acabo de dizer-te?

— Não.

— Pois algum dia se quer já pagaste de alguma fórma o muito amor que eu te tenho?

— E's injusto fallando assim. Tu sabes que eu te amo. Sempre o digo.

— Um amor de compaixão, um riso de complascencia, e nada mais.

— E de que te serve o meu amor?

— De felicidade eterna para mim, de gozo para a minha alma, e de socego para o coração que não o tem desde o momento em que eu te vi.

Um suspiro foi a resposta de Isbella.

Carlos continuou:

— Não te compadeces de mim, não compensas os soffrimentos deste coração que geme só por ti, que vive ainda por que ainda tu vives, falla, Isbella!

Diz ao menos que sim, embora seja para enganares-me depois!...

Queres fazer a minha felicidade? Não te bastão as minhas supplicas, a minha constancia inabalavel?

— Tu não és feliz?

— Não.

— Então o que basta para seres feliz?

— O teu amor, Isbella!

— Pois não o tens?

— Não, não o tenho; eu quero amarte só; quero que sejas minha, só minha... sim?

— Não te comprehendo, Carlos.

— Quero-te para minha esposa.

Isbella corou e nada lhe respondeu, e continuou a trabalhar.

— Responde, Isbella?

— Não posso.

— E por que?! Não me achas igual a ti?

— Superior mesmo.

— Ah! isso não! Pelo menos somos iguaes. E então?

— No céo... um dia... As lagrimas de Isbella embargárão-lhe a voz.

— E porque o não serás aqui, á face de Deos e dos homens?!

— Porque não póde ser, disse-lhe tristemente e com a cabeça baixa, apoiada sobre a mesa.

Ambos emudecerão por alguns instantes.

Carlos parecia respeitar o mysterio daquella alma. Passou a mão pelos cabellos e com a outra accendendo o cigarro na luz frouxa da vela, disse:

— Vai tocar, Isbella, ha muito tempo que eu te não ouço.

— Tocar!... Depois que papai morreu eu só o abri uma vez para fechal-o logo. Já nem conheço mais o teclado.

Aquelle que tantas vezes causou a alegria da casa e a minha felicidade; que me acompanhava nos dias alegres e felizes de minha vida, não deve fazer-se ouvir agora, quando eu só sei chorar!

Meu piano!...

Carlos olhou para Isbella e apressado limpou uma lagrima que lhe havia arrebentado dos olhos, para que ella não fosse testemunha da magoa profunda que lhe causárão aquellas tristes palavras.

Agarrou no chapéo e na sua bengalinha de onicornio e estendeu a mão a Isbella, dizendo-lhe:

— Adeos, vou como sempre.

— Já? Até quando?

— Até amanhã. Recommenda-me á tua mamãi.

Isbella acompanhou-o até a porta e Carlos sahio.

Assentada de novo, a trabalhar sempre, ella pensava em Carlos com o coração nos labios.

Ella amava-o, não tanto como o poderia amar antes de Julio, por que o amor legitimo é um só na vida.

Arrependia-se talvez de não lhe ter dado o seu primeiro amor, porque sem duvida teria sido mais feliz.

Ninguem descortina o futuro.

Mas, me dirá a leitora sensivel, porque não aceita ella o amor de Carlos, fazendo-o seu marido.

E nós diremos que Isbella tem suas razões, que mais tarde não serão tambem ignoradas pela leitora.

Eis pois o estado em que viemos encontrar a familia de Pedro de Mattos.

A sua historia desde o fallecimento do seu principal chefe, tem sido bem amarga.

As duas escravas que possuião forão vendidas para pagamento de dividas, e os excassos recursos que Pedro havia deixado forão desapparecendo com as despezas do luto e as obrigações diarias.

Conhecendo que já lhes seria impossivel o fiel cumprimento dos alugueis dessa chacarinha onde nascêra Isbella, onde fôra feliz; onde a morte arrancara-lhe o seu melhor thesouro e onde a desgraça viera por seu turno ennuviar-lhe a fronte de virgem, despencando-lhe as flôres da virgindade; assentárão de procurar uma outra de menos preço e viverem do seu modesto trabalho, ajudadas por uma exigua pensão que lhes havia deixado Pedro.

Carlos tem feito tudo para que Isbella e sua mãi acceitem os seus offerecimentos, e ellas se têem sempre furtado a essa nova prova de nobreza e cavalheirismo.

Nada querem receber, porque nada têem para compensar favores de tal natureza.

Carlos é a virtude personificada.

E' um homem como ha poucos.

Elle ama Isbella como é possivel amar.

São as chammas vivas de um primeiro amor que lh'as offerece puras, sem que todavia sejão aceitas por Isbella, talvez a máo grado seu.

Tudo a entristesse hoje.

Sua vida só compõe-se de muitas lagrimas, que allivião-lhe as muitas dôres, que só Deos as sabe e ella as soffre resignada, como o anjo da paciencia.

O fél lhe vem de cima e ella o traga mudamente, e bem diz a mão que o dá.

O seu mesmo piano, o seu querido companheiro do amor e da melancolia, desafinou-se com a falta, ou antes com a saudade dos dedinhos que o agitavão.

Triste como a sua querida dona, já não tem as mesmas vozes... tudo se tem mudado!

Quem em certas horas da noite pudesse estar de pé á porta do seu quartinho, ouviria baixinho entre soluços esses intimos desabafos, tão proprios de quem soffre e cala.

Ouçamos ao menos estes:

« Tudo acabou para mim! Que passado e que presente! Clarinda está casada e parte feliz com seus pais e esposo para a Europa.

« Deos a continue a fazer feliz!

« E eu!

« Pobre infeliz, que só espera a morte para a sua rehabilitação.... Sim, rehabilitação!

« Pobre Carlos, infeliz moço!

« Elle ama-me; e posso ou devo acceitar o seu amor? !...

« Que importa ao lyrio morto os orvalhos da manhã!

« Elle crê em mim porque ainda me julga a Isbella dos quinze annos!

« E para que enganal-o mais, meu Deos!

« Abrir-me-hei um dia, e vazarei no delle todo o fél deste coração, para lhe cicatrizar as chagas do seu, que o meu amor lh'as abrio.

« Elle me voltará a face e fugirá para sempre com horror de mim... mas não! Elle chorará comigo, porque é bom, e me enchugará as lagrimas! Não me quererá mais para sua mulher, mas consentirá que eu lhe chame sempre de irmão!...

« Elle não póde viver sempre assim, e será amanhã, á luz pallida da lua, assentada na lagem de algum tumulo, que eu lhe direi tudo... sim, tudo!

« Se fôr máo e fugir de mim, melhor; eu já ficarei no meu lugar, e ninguem terá o trabalho de me carregar!

« E Julio?! Ah! Julio, Julio... e que mal te fiz eu?!... Não te bastárão as minhas lagrimas, não te condoêrão as minhas supplicas, não comprehendeste o meu amor, e te esqueceste da misera orphã, que a tres mezes tinha perdido seu pai... Deos te punirá!...

« Bem me dizia Clarinda, e agora é que eu avalio tudo!...

« Os homens são voluveis e máos!

« Bem me dizia ella que não acreditava nos homens... »

Um pranto copioso acabou o desabafo, e os soluços despertárão sua mãi, que a encontrou banhada em lagrimas.

— Sempre assim, meu Deos! Disse Carlota. Não soffro acaso como tu soffres, filha, e no entanto vès-me chorar assim?

Deos nos deu e nos tirou, paciencia! Estranhas a miseria, porém lembra-te de Deos, filha, e não maldigas a mão que nos humilha para experimentar a nossa fé!

— Pobre mãi, que tudo ignora! Disse Isbella.

XV

Ha tres dias que Carlota chora sem cessar.

Ha tres dias que nessa pobre casinha tudo é triste e pesado.

Dir-se-hia que as azas da morte pairavão sobre ella; é que Isbella revelou os seus intimos segredos á sua mãi, para poupal-a de maior desgosto quando seus proprios olhos fossem testemunhas da desgraça de sua filha, dessa a quem ella julgava pura como quando sahira de seu honrado ventre.

Ha dôres tão intimas e magoas tão profundas, que as lagrimas não bastão para minoral-as!

A resignação sublime dessa mãi que soffre assim, sem animo de exprobrar a filha, sem uma palavra de maldição, sem um gesto de raiva ou de odio; apertando de quando em quando contra o seio descarnado a filha desgraçada, bem prova a educação que recebeu e o grão subido de religião que tem.

Bemaventurados são os que chorão, por que serão consolados.

Carlota comprehendia bem essas palavras do sermão da montanha, e por isso vingava-se em chorar.

Apertada em seus estremecidos braços, dizia-lhe Isbella, pallida e desgrenhada:

— Perdôa-me, mamãi, não é assim?... Eu quero a vossa benção, eu vol-a supplico de joelhos!...

E ella lhe respondia:

— Se Christo perdoou aos que o crucificárão, por que não te perdoarei eu, filha!... Eu não te condemno, mas choro a tua desgraça!...

Corramos um véo sobre essas duas creaturas infelizes, a quem o braço cruel da fatalidade as pretende submergir no profundo abysmo das dôres, e vamos assistir, em um quarto do Hotel de Europa, ás reflexões de Carlos e o seu estado de abatimento.

XVI

Mergulhado em profunda meditação, com as faces pallidas, olhos pisados, cabellos em desordem, annuncios de uma noite perdida, não á mesa do jogo, como outr'ora, por que os conselhos de Pedro e ainda mais o amor de Isbella, o tinhão de todo regenerado, mas em reflexões profundas, o acharemos nós.

Aquella tenaz obstinação da moça, aquelle desapego ao casamento, principalmente quando este lhe poderia trazer a felicidade, não só pelo que possuia o moço, como pelo muito amor que lhe tinha; aquella tristeza, ou antes hypocondria, e ultimamente um como que abandono de si mesma, o fazião reflectir e acabar sempre por dizer suspirando:

« Ella chora por que soffre e soffre por que se vê a braços com cuidados que nunca os teve, e nem ainda os teria se fizesse de mim melhor conceito.... Pobre Isbella!

« Mas, continuava elle, porque não quer ella se ligar a mim, desfazendo por essa fórma os nevoeiros que a circumdão, as necessidades que a obumbrão? Será pela sua nimia susceptibilidade capaz de pensar que se humilha por ser muito pobre e casar-se com quem mais tem?! Se assim não é, por que será então?!

Um outro pensamento vinha atravessar-lhe a alma e elle o expellia de si como um crime, como impureza da sua imaginação.

Tal é a credulidade de Carlos, tal é a fé do coração que verdadeiramente ama!

Victor Hugo diz, referindo-se ao amor.

E' tão impossivel germinar nelle um pensamento indigno como a ortiga n'um pincaro gelado.

Uma grande luta havia no amago d'aquella creatura: era a luta do coração com a razão.

A razão com a sua luz divina como que mostrava n'um relampago do pensamento a verdade do que existia, mas o coração para logo se erguia impetuoso, e com o fogo vivo da paixão offuscava a luz que lhe vinha de cima, e logo apoz a chuva d'alma tornava a restabelecer a harmonia dessa innocencia, que elle sonhava.

Mas nessa luta tenaz as duvidas vierão estabelecer um equilibrio.

Era a oscillação.

Aquelle—não posso—dito com os olhos baixos; aquelle—algum dia o saberás e o comprehenderás... Eu te amo como irmão.

E mais que tudo aquelle—no céo... um dia!... deixava ver que um motivo forte havia, que como barreira insuperavel, se erguia ante o seu amor.

Carlos era intelligente de mais para o comprehender, sem que todavia o pudesse explicar.

E nessa profunda cogitação elle tinha gasto uma noite inteira e parte de um dia.

— Hoje decide-se a sorte de minha vida, disse, erguendo-se da posição em que havia estado. Não posso continuar assim... eu tambem soffro muito!

XVII

São sete horas da noite. Mostra a lua a sua face pallida. O espaço está limpido e puro; uma branda viração agita a folhagem dos arvoredos, e já tudo é deserto como se tivesse soado meia noite.

Tal era o estado de Catumby em 1850.

De uma pequenina casa sahirão um homem e uma mulher, que traja um vestido preto com um palitosinho branco e tem soltas as longas tranças dos seus cabellos negros.

Minutos depois paràrão à porta do cemiterio de S. Francisco de Paula.

Algumas palavras forão ditas ao administrador, ou a quem suas vezes fazia, e ambos entrárão.

Diriamos alguma cousa ácerca desse terreno recentemente transformado em cemiterio, segundo a era de que fallamos, se não receiassemos fatigar a paciencia da leitora benigna com descripções desta ordem.

Depois de vagarem por entre os tumulos, ambos sentárão-se no marmore frio de uma sepultura, juntos de dois cyprestes, que como mudas sentinellas guardavão o seu posto de honra.

Já deve conhecer a leitora que essas duas creaturas estravagantes são Carlos e Isbella.

Ella não ousava fallar e no entanto havia muito que dizer.

O lugar seria proprio para uma confissão de lagrimas e dores? Parece-nos que era, e o mesmo pensou ella.

— Queres ficar aqui, Isbella?

Apraste esta morada tetrica e medonha?

— Estou vendo, disse tristemente, qual d'entre tantas será a sepultura que me está reservada... Eu gosto tanto de um lugar como este! Casa-se tanto comigo esta doce solidão, que eu quizera poder ficar aqui já, se Deos assim permittisse.

Deixa que eu diga com o cantor dos *Suspiros Poeticos*, este archanjo dos poetas.

« Como me apraz dos mortos o remanso!
« Como dos myrtos sepulcraes o aroma
« Faz o prazer gostar da Eternidade!...
« Oh! grata habitação! Oh! paz suave! »

— Não falles assim, Isbella, tu és ainda muito criança para já quereres a morte, basta a idéa de que ella te chegará um dia, e praza ao céo que seja depois que eu já tiver desapparecido da face deste mundo, que eu o préso porque te amo muito.

Isbella apertou entre as suas a mão de Carlos e disse-lhe suavemente, no tom de uma supplica intima:

— E sabes a quem tu amas?...

— A um anjo que me foge sempre e por quem eu amo louco, e que me opprime sempre, por que se teme da minha felicidade e pensa que eu não serei digno de fazel-o o idolo de minha alma, o altar puro de minha unica ventura na terra.

— E se esse anjo, a quem tu o chamas, te dissesse que a fatalidade plantára entre ambos a barreira do impossivel! O que lhe dirias tu?

— Eu diria que não ha barreiras do impossivel aonde existem um amor puro e uma vontade de ferro.

— E se esse pretendido anjo, tornou-lhe ella, com sorriso de dôr profunda, te dissesse que te não podia amar porque já tinha amado, e que não podia pertencer-te porque envenenou-se sorvendo a peçonha de um reptil no calice de uma flôr! O que lhe responderias tu?

Carlos sentio o frio da morte perpassar-lhe os membros todos até ir tocar-lhe ao coração.

Tartamodeou confuso e disse tremulo:

— Eu esmagaria a serpente que lançára veneno no coração da virgem, e procuraria depois salvar o anjo com as lagrimas do meu amor.

— E se essa serpente tivesse desapparecido e fossem tarde as tuas lagrimas para a salvação desse anjo?...

— Morreriamos ambos! Interrompeu-lhe Carlos.

Duas lagrimas rolárão-lhe pelas faces e elle encostára a fronte no hombro frio da moça.

— Queres que eu te conte a historia desse anjo, como tu o chamas? Tens animo para ouvil-a sem maldizel-o... sem apostrophal-o?...

— Tenho! Eu quero sabel-a e nada me reserves. Respondeu-lhe Carlos estoicamente, mudando de posição.

Isbella fallou-lhe assim:

— Antes de eu te conhecer, Carlos, conheci primeiro um outro homem na mesma casa onde depois te vi.

Era uma menina como me viste na casinha de nosso pai; tinha então só quinze annos. Meu coração sensivel começava a sentir falta de alguma cousa, e essa cousa era o amor.

Amei. O dia que se passava sem vêl-o era um dia de martyrio para mim. Minha mãi chegou a desconfiar do meu abatimento sem que verdadeiramente lhe descobrisse a causa.

O amor cresceu até onde podia crescer. Eu já não tinha forças para governar-me quando elle partio, promettendo em breve voltar para fazer a minha felicidade. Já então eu te conhecia como amigo de meu pai. Durante cinco mezes de ausencia eu já me sentia vergada ao peso de uma saudade immensa, incapaz de descrever-se.

Minorou mais esse soffrimento do coração com a rapida enfermidade daquelle que te chamou filho nas ultimas palavras que pronunciou.

Não ignoras como fiquei quando elle morreu; parecia-me impossivel deixal-o partir só.

E como feliz eu fôra se elle me tivesse levado comsigo!

Um suspiro, e continuou.

Tres mezes depois chegava elle de uma ausencia de oito mezes.

Procurou-me e soube de tudo que se havia dado. Chorou comigo a morte do meu melhor amigo, e pranteou comigo as dôres que me dilaceravão ainda.

Um mez depois perguntou-me se eu era capaz de um sacrificio.

Disse-lhe que era.

Esforcei-me para fazel-o entrar e apresentar-se á minha mãi,

recusou-se com palavras banaes, que eu as não comprehendi logo para poder avalial-as mais tarde, a máo grado meu.

Tres pancadas maçonicas com o cabo do chicote na janella do meu aposento, serião o signal dado para eu apparecer-lhe.

O sacrificio com effeito era grande e quasi que impossivel, se o meu amor não estivesse acima delle.

A noite era bella como a de hoje. A luz do meu quarto erão os reflexos da lua, que coavão atravez da claraboia.

Acabava de soar meia noite n'um velho relogio da casa.

Eu tinha o corpo meio reclinado no leito e com o braço apoiado no travesseiro e a face na mão, esperava tremula pelas pancadas symbolicas.

Ellas se fizerão ouvir pouco tempo depois.

Eu não dormia.

Quiz erguer-me e não pude. Parecia sonhar.

Soárão de novo e eu levantei-me. O meu estado nessa occasião eu não vol-o descrevo, porque não me é possivel fazel-o.

Só sei que caminhei para abrir-lhe a janella como o padecente nos ultimos momentos de sua vida caminha para o seu algoz.

Era a victima resignada ao sacrificio imposto por um desgraçado amor.

Esse homem tinha sobre mim uma influencia estranha, que me arrastava sem eu sentir, que me dominava sem eu querer.

Exercia sobre mim o mesmo imperio do magnitisador sobre a somnambula.

Seu olhar me dominava cegamente, o contacto de sua mão me estremecia toda.

Como um verdadeiro marinheiro saltou e disse, vendo-me pallida e fria, como a lagem deste tumulo:

Minha querida Isbella, o que tens tu?!

Nada, respondi-lhe tremula.

Seus braços prenderão-me a cintura, e um beijo de fogo me escaldou os labios.

Quiz gritar e não pude, quiz fugir e cahi de joelhos.

Tive medo e chorei!

. . . . . .

A lua occultou-se por entre nuvens e o quarto ficou em trevas!

Era a alma de meu pai que se tinha posto ante á face da lua para contemplar a filha que acabava de desfolhar-se, como a rosa que sentindo-se ferida pelo insecto, deixa cahir de si as pétalas que a ornavão.....

O pranto suffocou-lhe a voz, e o moço limpava-lhe as lagrimas sem cuidar do suor frio que lhe inundava a fronte.

Isbella era uma dessas mulheres que sabem chorar e que conhecem o valor de suas lagrimas para desarmar a mão que as vai bater.

E deste amor, continuou ella, ou antes desse crime onde a victima inerme succumbio á voz da seducção, existe o fructo aqui... eu vou ser mãi!...

O moço extremeceu todo; olhou-a espantado e abaixou a fronte.

Carlos, por piedade me perdôa! disse ella ajoelhando-lhe e osculando-lhe as mãos geladas e tremulas.

Despreza-me com compaixão, mas não insultes a desgraçada com palavras de maldição!...

Falla, meu amigo, eu te supplico de mãos postas... não é assim que se implora o perdão?! Dize ao menos que te compadeces de mim... ah! sim?...

Dize que eu sou indigna do teu amor, mas consente ao menos que te continue a chamar de irmão!

Eu contei-te a minha historia porque sentia necessidade de fazel-o, para que não alimentasses por mais tempo um amor que era perdido, um desejo que era impossivel! Por Deos, por Deos te peço, falla-me, Carlos!

Eú já tenho sido muito castigada, e Deos me tem punido até nas cousas as mais pequeninas.

Eu te conto :

Desde que esse homem máo me desgraçou, eu nunca mais senti alegria, e como que tudo me abandonou. Logo no dia seguinte a minha querida araponga não quiz mais comer nem cantar; encolhida, com a cabeça escondida nas pennas e o bico no peito, olhava-me descontente, como condoída de mim e da sorte que me esperava; o seu breve de esmeralda, que a natureza lhe lançou ao pescoço, a côr dilecta da esperança, tornou-se preto... ella tinha-se vestido de luto !

Triste, fechava os olhinhos como para me não ver mais, e estremecia toda, como se sentisse frio !

Tirei-a da gaiola, concheguei-a ao seio, bafejeia.... mas tudo foi em vão !... A tristezinha morreu !

Uma rolinha que vinha todas as manhãs pousar e gemer em frente á janella do meu quarto, eu tambem não a vi mais !

Até *pepito* conheceu o meu estado, e deitado sobre o tapete da minha alcova, morreu tambem, assim como crestárão-se os meus canteiros de violetas.... tudo me tem abandonado, Carlos, só me falta agora abandonares-me por tua vez !... Falla, meu amigo, diz-me que me perdoas, já que de tudo sabes ?!...

Como quem desperta de um pesadelo horrivel, e que sorrindo troca as illusões pela realidade, tirou o chapéo, e, passando a mão pelos cabellos, pondo-os em desordem, perguntou com voz serena, erguendo-a docemente.

— Acabaste ?

— E querias ainda mais ?!

— E o nome desse monstro ?

— Julio de * * *.

Carlos cabeceou e disse.

— Eu cheguei a desconfiar delle algumas vezes! E tua mãi? Perguntou apressado.

— Pobre mãi! Sabe de tudo ha poucos dias. Senti forças para expôr-lhe o meu estado, poupando-lhe maiores dissabores quando tivesse de ver o fructo da filha do erro e da seducção.

— E o que é feito desse miseravel?

— Não sei.

— O esperas ainda?

— Não, eu só espero a morte.

— Porque não o esperas... elle ainda póde voltar e... te fará feliz, não é?

— Zombas de mim? Tens razão!

— Como zombar de ti! Pois já perdeste a esperança de que elle ainda volte para emendar o erro que commetteu?

— Já. Isbella respondeu com a cabeça baixa. Se fosse de dia Carlos teria podido ver o rubor naquellas faces macilentas.

— E porque dizes isto?

— Ah! poupa-me de mais esta explicação. Mostro-te as provas, sem que te possa dizer uma palavra ácerca disso.....

Isbella tirou do bolso do vestido um papel e entregou-lh'o. Era uma carta.

E á luz da lua elle leu em voz baixa o que se segue. Isbella começou a chorar.

« Minha querida senhora:—No meio de lagrimas bem amargas e com o pensamento em Deos Nosso Senhor, escrevo-lhe para lhe dar uma noticia cruel, que eu daria de boa vontade estes ultimos dias que me restão, para não ser portadora della.

« Não vou pessoalmente á sua casa pelo meu estado de doença e as minhas dôres rheumaticas, que me privão de tudo, menos de pedir a Deos o perdão dos meus peccados e a sua Divina misericordia para essa pobrezinha, a quem um louco desgraçou!

« Trata-se de Julio de * * *, infelizmente meu sobrinho, nessa

hora em que vos escrevo; não obstante a dureza dos dedos que traçam estas linhas tremulas.

« De nada eu sabia, e nem sequer tive nunca a honra de vos ver e menos de vos conhecer, quando recebi uma carta vinda de Corrientes, onde Julio faz-me uma tocante pintura do que vos fez, participando-me que se havia casado ahi quasi á força, com a filha de um estanceiro, pedindo ao mesmo tempo exoneração do serviço da armada.

« Termina rogando-me pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo (de que eu sou muito devota) para que eu vos ampare e á vossa velha mãi, dando-vos o que vos fôr necessario para viverem abrigadas das miserias deste valle de lagrimas.

« Eu vos espero, minha filha; nutro por vós um vivo interesse....

« A victima de meu sobrinho!

« Ah! como eu vos amo, minha querida filha, vem, vem a meus braços! Os beijos de uma velha, que tambem será vossa mãi, vos aliviarão de alguma fórma as dôres de vossa alma.

« Vossa nova mãi

« Generoza de Castro. »

« S. C., 12 de Janeiro de 1850. »

Com evangelica resignação dobrou de novo a carta e entregou-lh'a, perguntando-lhe com brandura:

— Já compriste a vontade de Generoza?

— Não, não a comprirei.

O que iria fazer lá?

— Pensaste bem.

Ambos caminhárão tristes e pouco depois chegárão á casa.

Isbella entrou e Carlos parou á porta.

— Não entras? Perguntou-lhe Isbella.

— Não. São dez horas e eu preciso ir já.

Isbella chegou-se á janella e disse-lhe em voz baixa:

— Eu já te causo tedio, não é assim?..,

Carlos sem nada responder beijou-lhe a mão, e comprimentando Carlota, começou a andar.

Imaginemos, se nos é possivel, o estado desse infeliz moço, que acabava de esmagar no peito todas as flôres de seus encantos, sentindo varrerem-se-lhe da imaginação os sonhos das suas queridas esperanças, — as doces illusões de seu espirito!

Que noite horrivel não lhe seria essa?! O que daria elle para que tudo fosse um sonho, ou antes um gracejo della?

Isbella estava mais leve; sentio-se mais livre

Esse desabafo era uma necessidade que ella sentia e que lhe pesava como chumbo; fêl-o e respirou mais livremente.

XVIII

Ha cinco dias que Carlos não apparece. E ha seis noites que Isbella contou-lhe a historia triste de sua vida.

Pensa que elle a esquecêra tambem e novas tristezas se apoderão della, e ao mesmo tempo resigna-se e dá-se por feliz que elle a tenha esquecido, porque não o póde amar como se fôra ainda a Isbella dos quinze annos.

Pensa no filho que tem em si e lagrimas silenciosas rolão-lhe pelas já sulcadas e desbotadas faces.

Ha tristezas que convidão cantos.

Isbella abrio o piano e depois de contemplal-o muda, assentou-se.

Correu os dedinhos pelo teclado e tirou sons harmoniosos, filhos de um sentimento real.

Alguem parou á porta, e ella com a alma nos labios cantou com voz a mais sentimental os seguintes versos, tão repassados de dôr e de melancolia:

Já sem viço pendeu de meus dias
Essa flôr que a desgraça murchou ;
Vago sonho de imagens já frias
Os suspiros da triste apagou.

Tudo hei visto no mundo perder-se,
Desfazer-se aos caprichos da sorte ;
Até mesmo gemendo á desdita
Vejo afflicta nas sombras a morte !

Negro crepe se enluta nesta alma,
Que a saudade o martyrio estampou ;
São meus cantos o écho sentido
Dessa lyra d'amor que estalou !

Ri-se o mundo me vendo a carpir,
Zombou elle do meu suspirar ;
Mas o mundo só sabe mentir
E só elle me soube enganar !

Quantas flôres mirrárão-se n'alma !
Quanta palma crestou-se d'amor !
Quantos sonhos de lédos encantos
Entre prantos vergárão-se á dôr !

Ai ! saudade, mimosa saudade.
Doce amiga de quem já gozou....
Vem lembrar-me esses tempos já findos,
Essa aurora d'amor que acabou !

O porvir já a mim não me abrasa,
E' phantasma, é chimera — illusão ;
O passado comigo se casa,
Que o presente é extincto volcão !

. . . . . .

Aquella voz tão queixosa, quebrada assim na solidão, attrahio mais alguem que passava.

O que havia parado primeiro empurrou o postigo, e pondo a cabeça para dentro, disse:

— Muito bem! Muito bem, Isbella!

— Ah! és tu, Carlos?... Disse, como quem desperta de um sonho cheio de encantos e depara com a realidade que gela e que desillude.

O moço entrou.

Isbella ia fechar o piano quando elle obstou, dizendo-lhe:

— Alguma cousa mais, Isbella, eu te peço! O teu canto faz-me bem.

— Eu já não sei cantar!...

— Pelo nosso amor te peço, sim?

Isbella rio-se e repetio com voz ironica — pelo nosso amor te peço!—

Tangeu de novo o piano e pouco depois recitou:

Pedes-me hoje de alegria cantos
Quando só prantos deverei verter?
Não póde rir-se, nem viver contente
Quem já descrente só bem quer morrer!

Flôr educada nos vergeis da vida
Cedo esquecida para o chão tombou;
Frescor não teve de celeste orvalho,
Solta do galho de pezar murchou!

Fragil menina, que em maternos braços
E em puros laços para o céo sorria,
Só divisando entre cortinas d'ouro
Rico thesouro que o porvir daria!...

Mudou-se o fado: no rumor das salas,
Ao som das fallas se embalou... dormio!
E quando tarde despertou, já tudo
Bem frio e mudo sem prazer sorrio!

Então descrente, sem porvir, sem nada,
Abandonada dos festins do mundo,
Corou de pêjo; envergonhada e triste,
Chorando existe n'um scismar profundo!

E essa pobre pelo amor perdida,
Já sem guarida para o fado seu;
Essa que soffre e se maldiz da sorte,
Que pede a morte sem cessar.... sou eu!

Deixa que a triste que gozou de amores
Succumba ás dôres, do martyrio á luz!
Terei orvalhos por sentidos prantos
Nos braços santos de uma tosca cruz....

E tu, lá quando merencoria a lua
C'o a face nua te fallar de amores,
Relembra aquella que te amou chorando
E vai cantando derramar-lhe flôres!

. . . . . .

. . . . . .

O modo porque forão recitados estes versos, as doces inflexões que ella lh'os dava; com a voz tremente e os olhos lagrimosos, quem poderia conter-se sem derramar lagrimas de dôr?! Ninguem por certo.

Carlos chorou.

Elle tinha vindo alli aquella noite para restituir a felicidade extincta d'aquella familia, ao menos pensava isso.

Chamal-a de novo á vida do riso e do prazer, sepultando no esquecimento profundo um passado que não lhe pertencia, rehabilitando a victima innocente do embuste e da seducção, era a decisão que tomara Carlos, depois de alguns dias de serias reflexões.

O coração triumphou da razão.

E aceitaria ella as decisões de Carlos, que se propunha ainda

a fazel-a feliz?... Se é que póde haver felicidade para a mulher que tropeçou e cahio, e ergue-se com as brancas flôres de sua grinalda virgem salpicada de lodo.

Vejamos.

Fallava-lhe elle, depois de um discurso em que pintava o seu e o estado della:

— Tenho decidido ainda fazer a tua felicidade, Isbella! Amo-te muito! Se o meu amor tivesse nascido dias antes da confissão ingenua que me fizeste, póde ser que eu não te procurasse mais ver depois della; porém agora é muito tarde!

— Esquece-te disso, Carlos; um amor como o meu não póde convir a um homem como tu. Tu dás-me o teu primeiro amor, puro como tu mesmo, e eu o que te darei, quando tudo já é morto em mim? Dá-me só o teu amor de irmão... eu serei feliz com elle!

— O passo que déste foi involuntario, uma outra qualquer succumbiria como tu succumbiste. E depois o modo sincero porque expozeste-me o teu estado, o que te havia acontecido, mais accendeu em mim o desejo de possuir-te, de ser teu esposo!

— E' que és muito bom, Carlos; é que o meu estado inspirou-te compaixão e tu dizes que te accendeu ainda mais o amor, eu sei. Se o mundo todo fosse composto só de homens como tu, eu talvez não merecesse ser condemnada, porque nem mesmo estaria como estou. Mas a sociedade é tão má, é tão inexoravel para a mulher que cahe, que nada a desculpa e nada lhe attenúa a falta que commetteu, embora seja a misera arrastada ao altar do sacrificio, pelo seu proprio algoz.

Esquece-te de mim; tu não pódes dizer o que verdadeiramente sentes. O amor te desvaira. Eu tambem já amei como tu.

— Isbella, o meu amor não é paixão; não o confundas: a paixão é que desvaira, o amor não. Eu digo-te o que sente o coração.

— Bem o creio. E com o que sente a razão? O coração tambem illude, a razão não.

— Pois seja assim, disse Carlos com soffreguidão, segurando com ambas as mãos a mão de Isbella—amo-te com a razão, com o coração, com a vida inteira!... Estais satisfeita?

— Não posso e não devo aceitar o amor que tu m'o dais, e o qual eu não mereço.

Ouve: uma mulher como eu rehabilita-se só á face de Deos, á face do mundo não!

— Mas que importa o mundo se eu quero-te para mim só, Isbella!

— Ah! não digas isso! Tu mesmo que assim me fallas hoje, terias mais tarde, se eu me ligasse a ti pelos laços do matrimonio, de arrependeres-te de me haveres desposado; e então seria tarde; e, longe dessa felicidade que sonhas, o desgosto te viria acabrunhar: maior seria o peso da tua cruz e dobrado o meu martyrio.

Não jogues o teu futuro por minha causa. Moço, bello, rico e feliz.... o que mais queres para poderes encontrar uma mulher que seja digna de ti, e que te faça ainda mais feliz?

— N'uma palavra, disse Carlos vendo a obstinação de Isbella, ou casas comigo ou eu me suicido!

Isbella estremeceu como se lhe tivessem enterrado um ferro pelas carnes.

Carlos levantou-se.

Isbella tomando-lhe docemente a mão, disse-lhe:

— Eu quero que tu vivas, meu amigo, porque mais do que nunca necessito dos teus favores.... eu quero-te para padrinho e protector desse desgraçado que nascerá breve.... sim?

Isbella fallou-lhe com a fronte baixa.

— Serei mais que padrinho e protector, serei seu pai natural, já que a Providencia não quiz que elle fosse mais feliz sendo meu filho legitimo.

Olha, ouve:

Casar-me-hei comtigo daqui a vinte dias e partiremos todos para um paiz estrangeiro, onde ninguem nos conheça; o perfilharei e elle me chamará sempre de pai, e nunca terá de corar á face do mundo, porque terá dinheiro; e mesmo poderá ignorar sempre a origem do seu nascimento: aceitas agora, decide, decide já.

— Para que eu te hei de dizer que sim, que me casarei comtigo, se não o realizarei.

— Porque?

— Porque não devo, Carlos!...

— E por que, te repito ainda?

— Porque sou uma mulher indigna de ti, do teu amor.... eu sou apenas uma desgraçada!

— E ha desgraçados onde existe amor e dinheiro?

A sociedade te voltará a face hoje e te abraçará amanhã, quando fores minha mulher! A sociedade só volta a face ás desgraçadas que se mergulhárão no lodo impuro do vicio e vivem no prostibulo. Tu não estás neste caso. E's a victima innocente da seducção; foste immolada por que teu amor era santo e puro.

O amor tambem faz victimas. Tu foste a victima do amor; e eu me apresento para salvar-te, restituindo-te o nome que perdeste.

Isbella nada respondeu.

— Não respondes, Isbella?...

Nisto a porta abrio-se e Carlota entrou.

Isbella suspirou.

Tinha ido levar á loja as costuras que havia feito, e para receber o mesquinho importe dellas tinha-lhe sido preciso esperar até quasi aquella hora!

Pobre mulher! Quando pensou que lhe seria mister trabalhar até tarde para poder viver!

Quando imaginou chegar a um estado de ser forçada a sahir para levar, acompanhada de um preto ganhador, o fructo insano do seu trabalho, no tempo em que vivia ao lado do seu querido e sempre lembrado Pedro ?... Nunca.

Nesta vertigem constante do mundo, tudo é possivel !

Ai dos que fascinados com o brilho ephemero do ouro esquecem Deos e os semelhantes opprimidos !

Ai dos que deslumbrados pelas grandezas e opulenta vida olhão com desdem para os que a sorte amesquinhára, e voltão-lhes ufanos as costas com desprezo e desdem ! Deos tudo vê.

Filhos do nada, não vos ufaneis com o vosso ouro, nem vos offusqueis com o brilho dos vossos diamantes : os ventos contrarios da sorte podem espalhar amanhã o que vos deixou ajuntar hoje.

Como não fosse licito a continuação mais desse dialogo, Carlos se retirou e Isbella ficou pensando.

Ella, pobre moça, conhecia que era agradavel o que lhe dizia Carlos ; invejou muitas vezes o não poder acceder aos seus puros desejos ; mas, olhava para si, via o seu estado e recuava ante a felicidade que lhe offerecião como indigna de possuil-a.

Pensava bem :

Uma outra em seu lugar aceitaria talvez a proposta de Carlos, sem pensar nas consequencias de uma união desigual.

Isbella era uma moça sensata e pudica.

Não foi o brilho do ouro, nem o amor ás sedas e ás festas que a seduzirão.

Ella foi simplesmente a victima do amor, desse amor leal e franco, sincero e puro, que nada mais almeja além de um coração que o comprehenda, de uma alma que o entenda, que estremeça aos seus doces amplexos e que se obumbre na immensidade de seu mesmo amor.

Em Carlos era o coração e não a razão que fallava.

E póde ser que mais tarde, quando o fogo do seu amor não ateasse mais as chammas que o abrazavão, se entristecesse de se haver ligado a uma mulher que havia antes prevaricado, e se arrependesse de havel-o feito, envergonhando-se então.

Demais Isbella é uma moça intelligente e de sentimentos puros. Cahio como outra qualquer cahiria victima do seu muito amor e boa fé.

Pensava, e pensava bem, que embora rodeada de innumeras fefelicidades, nunca poderia ser verdadeiramente ditosa.

A idéa de que casou-se impura, que não deu a esse que hoje chama esposo o seu primeiro amor, os seus primeiros cuidados; que do jardim de sua vida não fôra elle o que lhe colhera a primeira flôr, tudo isso lhe affligiria e a acompanharia por toda a parte, como um fantasma horrivel, uma sombra negra.

Nada póde aceitar porque nada tem para dar em troca, por isso a misera chora.

As lagrimas são a doce consolação dos que soffrem, são a chuva do coração; ellas dão ás dôres o mesmo lenitivo que o orvalho ás flôres.

Deixemol-a chorar.

XIX

Estamos em uma tarde de Agosto. Caminha o sol para o seu occaso dando ás nuvens o ultimo fulgor de seus ardentes raios.

Em casa de Carlota entrára uma mulher de mantilha (das que já são raras hoje) com o seu *trepa-moleque* (antigos pentes de tartaruga) que lhe suspendia o cabêço de sua velha mantilha.

E' uma dessas que se prestão a tudo sem de nada entenderem.

São enfermeiras, enculcadeiras de raparigas, dão *fortuna* e... são parteiras.

Na sala está um moço de estatura regular, claro, bem feito, de barbas e cabellos mais castanhos que pretos; olhos pardos, olhar vivo e penetrante, sympathico emfim, assentado, ou antes reclinado em um antigo sofá, lendo parte de um periodico que encontrára como para deixar passar o tempo.

Carlota tremula e assustada, ou antes envergonhada, procura um meio para despedil-o.

Sua filha chama-a, e vendo-lhe o embaraço, diz-lhe que o moço não lhe incommoda porque tambem de tudo sabe.

Um vagido se ouvio e Carlos levantou-se.

N'aquella creatura havia um pouco de tudo: elle sentia amor e medo, alegria e tristeza, riso e dôr.

Isbella acabava de ser mãi!

Era um menino que havia nascido.

Pouco depois Carlos apertava-o em seu peito como se conchegasse ao coração o fructo do seu amor.

Um beijo na testa e duas lagrimas ardentes forão o primeiro baptismo do recem-nascido.

O que não daria esse infeliz moço para ser o pai legitimo dessa bella criancinha!

Começárão logo as poucas vizinhas a commentar a vida de Isbella e a dizer que o menino era filho do homem que alli entrava, e que ella não era casada.

— A tal soncinha, que passa aqui pela moça mais honesta e comprimenta os mais por cima do hombro, que lhe parece? Talvez vá de noite lançal-o na roda dos engeitados para continuar a passar por santinha, quem sabe?

Assim fallavão de Isbella.

E o que não dirão vizinhos?

Em graça e formosura crescia feliz o nosso Carlinhos, adoçando com as suas meiguices o amargor de sua mãi, as tristezas de sua avó e as saudades de seu padrinho.

Ver os desvelos de Carlos para com o afilhado e as afflicções que sentia quando este parecia soffrer, era admiral-o como typo de excentrica singularidade.

Começavão todos a esquecerem-se de suas dôres passadas pelos attractivos do feiticeiro e galante menino.

Isbella já não chorava tanto; Carlota já dava aos labios, que desde a morte de seu marido se havião fechado para as alegrias, sorrisos affaveis, e Carlos não fallava mais em amor á sua adorada comadre. Sómente dizia-lhe que aquella casa de aspecto triste e acanhado já não era propria para ellas, e que aceitassem uma outra mais digna do seu afilhadinho, e Isbella teimava em ficar alli, a máo grado delle.

As creaturas a quem Deos destinou-as aos soffrimentos, por um desses mysterios que só podem ser comprehendidos pela sua Divina e infinita sabedoria, nunca sacodem de si o pó da sua peregrinação senão no estreito da sepultura!

E se algumas vezes a felicidade parece affagal-as, é para mais tarde ser dobrado o sacrificio e triplicada as dôres.

Ha creaturas assim!

E nesses mesmos phenomenos, que a nossa intelligencia por acanhada lhes dá o nome de mysterios, mostra Deos a sua sabedoria no infinito da sua bondade.

Se nos fosse dado enxergar além da morte, veriamos que o mundo em que habitamos nada é em relação ao mundo que havemos de habitar. E conheceriamos então que a verdadeira vida começa para o homem nos degráos do interior do tumulo.

A familia de Carlota é uma dessas fadadas ao martyrio.

. . . . . .

. . . . . .

A verdade é algumas vezes o escolho de um romance, diz o eximio escriptor portuguez Castello-Branco.

E ninguem o contestará por certo que a verdade ás vezes sacrifica á arte.

Já sabemos que a amavel leitora, formada de um coração sensivel, e talvez facil nas lagrimas como a nossa Isbella, vai romper em raiva contra nós e lançar para longe de si o nosso modesto livrinho, chamando-nos de—coveiros... paciencia!

O facto que escrevemos é real, é mesmo uma historia de todos os dias, que os telhados quasi sempre abafão-na e vai se esconder muda sob a lapida de algum jazigo.

Ha oito dias que Carlos não abandona a casa de Isbella, e que véla constantemente á cabeceira de um pequenino leito.

E porque será?

E' que o seu afilhado soffre de uma bronchite aguda, que já lhe affecta os pulmões.

Os medicos que o assistem dizem ser uma pneumonia dupla.

Esforça-se a sciencia, ou antes a arte, para restituir-lhe a vida, porém tudo é baldado, e tudo cede ao temporal da morte!

Carlinhos morre, com dous annos incompletos.

As lamentações de Carlos e de Carlota, e mais que tudo as de Isbella, cortão a alma dos que os contemplão!

A recordação dolorosa de seu querido filho; as suas vestezinhas esparsas pela casa; os brinquedos que mais amava, os ditos chistosos que dizia e o carrinho em que o ajudava a andar; tudo, tudo era uma saudade despedaçadora para aquelle pobre coração de mãi!

Com uns sapatinhos nas mãos, mostrava que já era morto aquelle que os calçára, e banhada em lagrimas como que pedia que lhe restituissem seu querido filho!

Na occasião porém de ser o seu cadaver lançado no caixão, deu-se uma scena de indescriptivel ternura, que achamos necessario descrevel-a, segundo as nossas forças, para ainda uma vez provarmos o que são os cuidados de uma boa mãi.

No lugar das argolas os pregos que as seguravão salientavão-se sensivelmente pelo lado interno do feretro e quasi ião tocar nas faces e no corpo daquelle feliz anginho, o que infallivelmente aconteceria com o baloiço daquelles que o deverião carregar.

No ultimo beijo de despedida Isbella via-os, e exclamára no auge da dôr a mais profunda, que só as mãis comprehendem:

— Por piedade quebrem as pontas destes ferros, que vão ferir o rosto do meu querido filhinho! *Não o machuquem assim!...* basta que elle vai sem sua mãi... meu filho!

. . . . . .

Forão as ultimas palavras que pronunciou e tombou sem sentidos.

Como era bello de ver aquelle innocente préstito acompanhado por immensos meninos, cada qual com sua tocha accesa, encaminharem-se para o cemiterio de S. Francisco de Paula!

Feliz creatura!

Sim, feliz, porque veio ao mundo como um anjo e desappareceu como um cherubim, sem ter nos leves adejos de suas candidas azas levado as manchas do peccado e o lodo deste paúl infecto.

Foi um meteóro, que aclarou com sua rapida luz a escuridade de sua mãi, para ir esconder-se logo nas brumas da eternidade!

Foi um raio de luz celeste que espancou as trevas do caminho por onde em breve deveria seguir aquella que o chorava agora, nas ancias de uma dôr extrema!

Desde o passamento de seu querido filho, Isbella não se ergueu mais do leito, e recusava os alimentos que lhe erão offerecidos por sua mãi e Carlos, que de joelhos junto della, supplicava-lhe que os aceitasse.

— Eu não posso mais viver, e os teus sacrificios Deos os acolherá!...

— Queres morrer, Isbella?!...

— Ah! se fosse já!

— Porque, minha querida amiga ?

— Porque a noite do tumulo é a alvorada da eternidade, meu amigo ! E só lá eu espero a tornar a ver meu filho !

Como um desses heróes sublimes que o mundo os admira e Deos os abençôa, Carlos redobrava de esforços, sem desesperar nunca !

Era o anjo bom daquella familia, só fadada ao martyrio, ás dôres e á morte.

Isbella estava hectica.

Obstinava em apresentar-se aos facultativos, e ainda mais em aceitar os medicamentos applicados, Isbella expira em uma sexta-feira ás 3 horas da tarde !

Morrêra como Christo, e como Elle tambem tivera a sua cruz !

Nesse ultimo augmento de marasmo, abrio aquelles olhos amortecidos, e, como se a luz divina os irradiasse, disse :

— As sortes da noite de S. João realizárão-se para mim !..... Eu sinto que que vou morrer e vejo meu filho nos braços de Nossa Senhora...de sua venerada madrinha !...

Desse esforço extremo ella cahira n'uma lethargia profunda ; seus olhos fechárão-se, cedendo á essa modorra quasi eterna; seus labios descorados descerrárão-se, e a sua fronte coberta de um pallor mortal innundou-se de um suor frio, que escorria-lhe pelos cabellos em desordem como gotas de orvalho nos ramos esguios de um chorão.

Seus braços inteiriçárão-se ao longo de seu corpo mórbido, e a sua respiração compassada, á semelhança da luz nos seus ultimos lampejos, annunciava que a sua partida estava prestes para a morada das sombras.

Nessa physionomia decomposta pela enfermidade, havia a expressão intima de um gemido que se estampa no semblante dorido dos martyres, como sua ultima auréola.

Carlos chegou-se á ella com um calice que continha uma poção calmante.

— Isbella? fallou elle. Pobre Isbella!...

Ella já não fallava.

Voltou, e pondo o remedio sobre a mesa, só disse entre lagrimas:

— Ella existe, mas já quasi que não vive...Pobre Isbella! Não é assim, doutor?

O medico que segurava-lhe o pulso, disse:

— Esta senhora cahio em uma especie de acinésia. Seu pulso reposa entre a systole e a diástole do coração. Já pouco deve durar.

De repente todos assustárão-se e olhárão-se admirados.

Era uma pomba nivea, que adejando sobre o corpo da moribunda sahio pelo mesmo modo mysterioso porque havia entrado!

— E' a alma de minha filha, que se transformou em pomba!... Exclamára Carlota, banhada por copioso pranto.

Estranha coincidencia, Isbella acabava de expirar!

EPILOGO

Dous annos são volvidos á morte de Isbella.

Um cavalleiro pára á porta de uma casa, no campo de S. Christovão.

Marcava 9 horas da noite o relogio da quinta.

Tres pancadas soárão fortes, e uma velha abrindo o postigo, apparecêra.

— Procuro, minha senhora, disse pollidamente o cavalleiro, por D. Carlota de Mattos, que móra com sua irmã D. Clara de Abreu.

— Uma sua criada, respondêra-lhe esta.

— Ah! disse, e de um salto apeiou-se. Desejava muito saber de sua filha.

— Que filha?! Perguntou-lhe esta admirada. Quem sois vós, senhor?

— Julio de * * *. Procuro por D. Isbella Augusta de Mattos.

— Sois vós, senhor?! Disse Carlota com tom grave e compassado, ide procural-a n'um dos jazigos de S. Francisco de Paula, ao lado do vosso filho! Interrogai-a, e vêde se ella vos contará a sua historia, que um amor desgraçado a motivou.

Carlota precipitadamente fechou-lhe as janellas em face e retirou-se.

— Por piedade, attendei-me, senhora! Dizei-me ao menos quando ella falleceu?...

Carlota não voltou, e elle parado com olhos para o céo, disse soluçando:

— Pobre Isbella! Agora que eu estava livre de novo, quando vinha emendar o erro que commetti, ella já não vive mais... nem ao menos meu filho, que eu ignorava tivesse existido neste mundo!...

Que fatalidade, meu Deos!... ah! quanto eu sou desgraçado!

Montou de novo, e dando redeas ao animal, desappareceu como um raio.

No primeiro vapor que partia para a Europa seguio Julio, sempre abatido e profundamente melancolico.

Era o acerbo espinho do remorso que lhe remordia a consciencia.

Passeando um dia cabisbaixo pelos Campos-Elysios, deleixadamente vestido, encontrára-se com Carlos na companhia de Jorge e sua familia.

Encaminhou-se para elles e estes voltárão-lhe as costas, com o mais frio e positivo desdem.

— Uma satisfação por este ultrage, disse este seguindo a Carlos, que parando de subito respondera-lhe colerico.

— A um miseravel como tu, que assassinaste duas victimas em uma só, e levaste a deshonra ao seio de uma familia honrada, só o desprezo frio e positivo se te póde dar! O teu halito empesta, nem mais uma palavra, miseravel! E's um covarde, um assassino vil!

Como se fôra fulminado por um raio, Julio gesticulou como um possesso e cahio por terra sem proferir uma só palavra.

O furibundo apostropho de Carlos cahio-lhe sobre a consciencia como uma baga de chumbo derretido na palpebra de uma criança!

Jorge aproximou-se.

Algumas pessoas testemunhárão o facto.

Julio tinha o rosto livido, parecia um cadaver se as crispações de seus membros e as convulsões da face não annunciassem, no injectado de suas pupillas, um ataque cerebral.

Os mesmos réprobos inspirão compaixão ás almas nobres e sensiveis quando cahem victimas de seu proprio mal, e reconhecem os delictos que commettêrão, as causas que inflingirão, e humilhão-se na presença da verdade, como o bom christão ante a cruz da Redempção!

Carlos tinha uma alma tão nobre como pura, tão forte como sensivel.

Bem depressa arrependeu-se do que fizera, ante o estado enternecedor d'aquelle infeliz moço.

A familia de Jorge tinha seguido com seu genro, para de nada ser testemunha.

Julio tinha sido quasi que criado entre ella e por isso explica-se a sua sensibilidade.

Julio fôra logo conduzido ao hotel, onde se havia hospedado desde logo que chegára ahi, por Jorge e Carlos.

Uma febre mortal o devorou durante aquella noite inteira, e dous medicos, com esses dous amigos (digamol-o assim), não o deixárão.

— Ou elle morre ou fica doudo, disserão logo os facultativos.

Como de facto, Julio ficou demente.

Depois de tres longos mezes estes lhe puderão salvar a vida, mas não lhe puderão restituir a razão.

A sua loucura não era furiosa, era uma loucura calma; uma demencia que causava dó.

Quando depois desse tempo a familia de Jorge o fôra visitar, todos, inclusive Bernardo e Carlos levárão seus lenços aos olhos e escondêrão nelles lagrimas de verdadeira dôr.

O seu estado de atrophia era tal, que elle mal se podia conter em pé.

Occupava uma rica sala, mobiliada com gosto, onde as portas de uma espaçosa alcova, abertas de par em par, deixavão ver bem a gosto um quarto, como dizem os inglezes *confortavel*.

Julio era homem de gosto.

Servia-lhe de amigo e servo um homem que tinha sido outr'ora seu marinheiro, e que elle o havia por duas vezes livrado dos machos e da chibata.

O reconhecimento sincero é a unica moeda da gratidão.

Embuçado em uma longa capa preta, com um bonet simples de pelle de cabra; assentado em uma cadeira de balanço, lia elle um jornal.

Quando o criado annunciou-lhe a visita, elle ergueu-se.

Deixou cahirem-lhe os braços ao longo do corpo e tomou uma posição de estatua. Quiz dar um passo e não pôde.

Julio!... Exclamárão elles.

Duas grossas lagrimas silenciosas deslisárão-se-lhe pelas faces cadavericas, e se forão esconder na sua longa e preta barba.

Fez um gesto para que se sentassem e tomou na cadeira uma postura séria, sem nada ousar dizer.

— Nós folgamos muito em já ver-te assim, quasi que de todo restabelecido, disse-lhe Clarinda.

Julio sorrio-se em signal de agradecimento.

Leocadio ficara á porta, como que entristecido da sorte de seu amo e amigo.

— O que sente agora, Sr. Julio? Perguntou-lhe Margarida.

Elle passára a mão pela barba e respondêra, traçando uma perna sobre a outra:

— Nada! Estou esperando que ella chegue...

Escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar.

Todos o acompanhárão nas lagrimas, por que todos o comprehendêrão.

Jorge arrastou a cadeira para junto delle.

— Porque choras? disse, lembraste-te de alguem?

O demente fizera um signal affirmativo.

— Mas quem é? Tornou-lhe este.

Julio limpou serenamente os olhos e ficou pensativo.

— Tenho-lhe escripto tres cartas, disse elle, e ella não me apparece. Manda-me o filho, mas não vem. De noite, só de noite, muito tarde, depois que eu já quasi vou adormecendo, ella me espia por ali, ri-se e foge!...

— Mas quem é? Perguntou-lhe Jorge.

— Ella, pois não sabe; pois não a conhece?!...

— Isbella? Tornou-lhe elle.

— Sim, ella!... ella mesma!...

— Mas onde está ella?

— Penso que aqui mesmo nesta casa. Leocadio assim me diz, não é assim Leocadio?

— E', sim, senhor.

— Meu filho já terá almoçado?

— Penso que sim, senhor. Respondeu-lhe o criado com a cabeça baixa.

— Pois vai busca-lo, anda; diz-lhe que está aqui uma familia que o vem ver, vai.

Leocadio sahio.

— Nunca o virão? Perguntou-lhes este.

— O vosso filho?

— Sim, meu filho; o filho della.

— Não, disserão tristemente.

— Pois vão vêl-o agora. Já está crescido. E' a minha unica alegria. Sempre está comigo. Só a mãi é que teima em não vir. Já lhe mandei pedir perdão; já lhe mandei dizer que marcasse o dia do casamento, mas ella não quer. Se eu já lhe pedi perdão, se preencho a falta que commetti, não achão os senhores que eu não devo mais ser julgado criminoso?

— Certamente. Respondêrão-lhe todos.

Quem não soubesse do seu estado de loucura, e da não já existencia desses dous entes em quem elle falla, não o julgaria fóra de sua razão.

A firmeza de suas palavras, ditas em tom compassado e serio; as inflexões sentimentaes que elle lh'as dava, tudo fazia crer que elle de nada mais soffria do que os effeitos de um repudio.

Pouco tempo depois appareceu Leocadio, trazendo pela mão

um engraçado menino, vestidinho de farda azul, com dragonas de official francez, e de espadinha á cinta. Louro e de olhos vivissimos.

Carlos que até então tinha-se tornado mudo, contemplando tristonho a sorte daquelle infeliz, ou antes philosophando sobre as miserias dos homens, ergueu-se e julgou-se por um momento louco tambem.

O menino era em tudo a figura do seu querido Carlinhos, do seu sempre lembrado afilhado.

Se fosse visionario ou tolo tomaria isso como verdadeiro effeito da metempsycose. Não pôde conter-se, e perguntou baixinho ao criado:

— Quem é este menino ?

— Eu logo lh'o direi.

Com imperturbavel calma disse Julio :

— Ei-lo, como está crescido ! Quantos annos tens, meu filho ?

— Quatro annos. O senhor hoje tem muita moça aqui... chi !

— Como te chamas, meu filho, diz a estas senhoras ?

— Julio de ***, um criado das senhoras.

Todos osculárão as faces do engraçado e intelligente menino.

Ha quadros que sensibilisão tanto, que incitão por tal fórma o systema nervoso, que as lagrimas não podem ser contidas, mesmo com o imperio da nossa vontade.

Julio seria feliz ou desgraçado ?

Desgraçado era elle aos olhos dos que o contemplavão, mas elle julgava-se feliz.

— Só tenho, disse, um unico pezar que me acompanhará sempre e em toda a parte.

— E qual é elle ? Perguntou-lhe Jorge, encarando tristemente a familia.

— E' de não têl-o visto nascer. Nesse tempo, segundo penso, estava casado.

— Está viuvo agora, não é assim, perguntou-lhe Albertina?

— Ha quasi tres annos, disse, dobrando as pontas do jornal.

— E não teve filhos? Tornou-lhe a mesma.

— Só tenho este.

De repente mudou e disse:

— Mas que obstinação de Isbella, os senhores já virão?! Já não me ama, nem quer vir aqui, que teima!

Reclinou a face na mão por algum tempo e depois fallou.

— Diz-me que ha de vir, mas não marca o dia e nem a hora! Quero sahir e não posso.

Ah! se eu a visse entrar agora, como não seria feliz! Ajoelhar-me-hia a seus pés, lhe pediria perdão dessa minha forçada ingratidão, e occultaria todas as minhas lagrimas no seu seio amigo! Mas póde ser que ella appareça, eu a vejo só quando durmo, e por isso vou-me já deitar. Sou tão feliz quando a vejo!...

Julio levantou-se a tremer e encaminhou-se como um fantasma para o seu quarto, e deitou-se.

Todos lastimárão a sorte do desgraçado, e despedindo-se do gentil e interessante menino, sahirão.

Leocadio acompanhou-os, e disse então a Carlos, que aquelle menino era filho de uma pobre mulher que perto d'alli residia. Que vira-se obrigado a arranjal-o pelo constante desasocêgo de seu amo, que lhe pedia sempre que lhe trouxessem seu filho, e que dissesse á mãi que o viesse perdoar, porque elle pouco poderia viver. Que antes da enfermidade que elle tivera (cuja causa ignorava o proprio criado) já andava um tanto fóra do seu juizo.

Clarinda depois de haver sahido, dissera:

— Eu não pude conter as lagrimas quando vi Julio, porque assim que o encarei pensei estar vendo Isbella. Cousa singular, mas Julio está-se parecendo com ella!

Eis em que estado encontrámos nós esse autor involuntario de tantas lagrimas e de tantas dôres.

Dizemos autor involuntario, porque como de facto o fôra.

As tenções de Julio nunca tinhão sido sinistras, nem material o seu amor.

O zelo, ou ciume mesmo, é que fez com que elle se anticipasse, talvez receiando que outrem, e mesmo Carlos (que já de ha muito frequentava a casa) disputasse-lhe a posse do objecto que amava.

Não merecia-lhe confiança o amor do ente amado, dirão alguns; mas quem se fia de quem ama, se o amor é todo egoista?

Tinha de embarcar, a viagem era incerta, e o tempo ainda mais incerto seria; e por isso quiz assegurar-se da felicidade e partir tranquillo, contando como certo a realização dos seus sinceros e ardentes desejos, quando voltasse.

Mas quem é que tem certeza no futuro, se é elle de Deos e se só a Deos pertence? Ninguem.

Tudo falhou.

Era moço travesso e voluvel, e por isso custou-lhe caro a travessura.

Casou á força.

Esta historia, é uma lição proveitosa para as moças inexperientes, porque o amor, quando filho sincero do coração, não se avilta até ir confundir-se com os amores triviaes.

O amor que é puro não se dá a contento.

Dous espiritos que se amão, contemplão-se; e nessa ineffavel contemplativa, tem a alma gozado e fruido as delicias do amor!

Julio fizera uma victima sem o pensar.

Isbella foi peccadora porque não teve forças para resistir á voz da seducção.

FIM.

Nota do Autor.

Necessariamente muitos erros deverão ter escapado, máo grado nosso, á revisão deste trabalho, que só por nós fôra emendado.

Um célebre escriptor já disse — que o autor de uma obra é quasi sempre o menos habilitado para corrigir os erros que se costumão dar na sua composição.

Só desconhecerá esta verdade quem nunca assumio á si a ardua e difficil tarefa de um trabalho qualquer, na leitura das provas.

Confiamos na bondade e intelligencia dos leitores ácerca dos erros que aqui se encontrarem.

Aproveitamos bem assim a opportunidade para agradecermos do amago d'alma áquelles dos nossos amigos, que de tão boa e espontanea vontade coadjuvárão-nos na publicação do nosso modesto livrinho.

Muntari

CATALOGO

DE ALGUNS LIVROS QUE SE VENDEM NA

LIVRARIA POPULAR

DE

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75 RUA DE S. JOSÉ 75

RIO DE JANEIRO

1870

LIVRARIA POPULAR

DE

A. A. da Cruz Coutinho

Rua de S. José n. 75—Rio de Janeiro

O Panorama, jornal litterario, 18 vols.

Victor Hugo: O homem que ri, 2 vols.; Os miseraveis, 10 vols.; Os homens do mar, 3 vols.; Nossa Senhora de Paris; Han d'Islandria, 3 vols.

A morgadinha dos canaviaes, chronica da aldeia por Julio Diniz, 2 vols.

Maria ou a filha de um jornaleiro, victima d'um frade, 7 vols.

Virginia ou Roma no tempo de Nero, romance moral e historico.

Trovador, jornal de modinhas, recitativos, lundús, etc.

Pobres e ricos ou a bruxa de Madrid, 9 vols.

Os hypocritas, romance em 9 vols.

A Judia Errante, romance, 10 vols.

Duas facadas, narração popular.

A estalagem dos 13 enforcados, 3 vols.

Ultimos dias de Pompeia, 2 vols.

As mil e uma noites, collecção de contos arabicos, 8 vols.

O Futuro por Faustino X. de Novaes, 1 grosso vol., com romances, poesias, musicas e estampas.

Primaveras de Casimiro de Abreu.

A cabana do pai thomaz ou a vida dos negros na America, 2 vols.

Pascual, A morte moral, 4 vols.

B. Rodrigues, Contos Nocturnos

As mulheres Perdidas, 3 vols.

Archivo Pittoresco, jornal de litteratura, 11 vols.

Mil e um quarto de hora, 2 vols.

Lances da Ventura ou Acasos da desgraça, 6 vols.

Macedo, A moreninha; As Victimas Algozes, quadros da Escravidão, 2 vols.

Dumas, Memorias de um medico.

Memorias d'um sargento de milicias, 2 vols.;

Os Incendiarios da India. 2 vols.

Historia de um crime celebre, 2 vols.

Historia de Gil Braz de Santillhana, 4 vol. com est.

Historia de D. Quixote de la Mancha, 1 vol. com est.

Amanda e Oscar, 3 vols.

Alexina ou a torre velha, 4 vol.

Tristes e intimas, poesias.

Gomes de Amorim, Poesias, 2 vols.

Palmeirim, Poesias, 1 vol.

Bocage, obras completas, 7 vols.

Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita, 3 vols.

O Pequillo alliaga ou os mouros no tempo de Philipe III.

Descripção das cidades e Villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas, 3 vols. com estampas,

D. Nuno Peres de Faria ou o casamento de dois finados, romance.

Prantos e Risos. poesias sentimentaes e satyricas de Trajano A. Pires.

Affonso Karr, Genoveva.

João de Lemos, O livro de Elysa; o Cancioneiro, 3 vols.

Tavares Bastos, Cartas do solitario, 2ª edição.

Novissimos ou ultimos fins do homem pelo Barão Castello de Paiva, 2 vols.

Rebello da Silva, Lagrimas e Thesouros.

Memorias do marquez de Santa Cruz, arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, 1 vol.

Scenas do Interior, (quadros de costumes).

Arpejos d'Alma, poesias.
O Sr. Hermann ou a magia branca.
Camillo, Agulha em Palheiro; Carlota Angela.
José d'Alencar, A Expiação, comedia.
O José do Telhado, drama.
O Poder do Ouro, drama.
Heras e Violetas, poesias de Guilherme Braga.
Os amores de Artagnan, 5 vols.
Biographia de José Estevão, 1 grosso volume com o retrato.
O conde de Camors, 2 vols.
Os Filhos de Judas, 2 vols.

Ponson du Terrail, O Rocambole: 1ª parte, A herança mysteriosa, 2 vols.; 2ª parte, O club dos valetes de copas, 2 vols.; 3ª parte, As proezas de Rocambole, 2 vols.; 4ª parte, Desforra de Baccará, 1 vol.; 5ª parte, Cavalheiros do Luar, 1 vol.; 6ª parte. Testamento do Grão-do-Sal, 1 vol.; 7ª parte, A Ressurreição de Rocambole, 2 vols.; 8ª parte, A ultima palavra do Rocambole, 2 vols.
Mario, episodios das lutas civis portuguezas de 1820 a 1834.
Conversação de pai Manoel com pai José na estação de Cascadura.
Balzac, A duqueza de Langeais.
Os mysterios dos conventos, 2 vol.
Cartas e outras obras do marquez de Pombal, 2 vols.
Historia de Napoleão Bonaparte por Lopes de Moura, 2 vols. com estampas.
Paulo Feval, A Loba, 3 vols.;
Um drama da Regencia; João Diabo, 4 vols.
Xavier de Montepin, Ciganos da Regencia, 6 vols.; Mysterios do Palais Royal, 2 vols.; A filha do homicida, 3 vols.
Os Mendigos de Pariz, 1 vol.
Onde está a infedilidade? 1 vol.
Eugenio Sue: Mysterios do Povo, 9 vols.; Mysterios de Paris, 10 vols.; Judeu Errante, 5 vols.: Os 7 peccados mortaes.
Os novos Mysterios de Pariz, 1 vol.
D. João Tenorio, romance, 2 vols.
O homem da orelha quebrada, 1 vol.

Alexandre Dumas: A San Felice, 3 vols., O conde de Monte Christo., 4 vols.; Os 3 mosquiteiros, 4 vols.; Vinte annos depois, 5 vols.; Visconde de Bragelonne, 10 vols.; Os mohicanos de Pariz, 12 vols.; O Pirata das Antilhas 2 vols.
Dramas de Londres: 1º Os irmãos da resurreição, 1 vol.; 2º A taberna do diabo.
Padre ***: O maldito, 3 vol.; O jesuita, 2 vol.; O Frade, 1 vol.; A freira, 2 vol.
O Amazonas por Emilio Carrey, os Mulatos de Marajó e Revoltosos do Pará, 2 vol.
Mendes Leal, O calabar, Historia brasileira, 4 vol.; Os Bandeirantes, (chronicas de ultramar) 3 vol.

Santos Leal, Mysterios do Alcazar, (grande novidade theatral).
As filhas de Barrabás, 2 vol. com estampas.
Ouro e crime! mysterios de uma fortuna ganha no Brazil. 2 vol.
Opulencia e miseria, romance em 2 vol.
O Rei do mundo, historia do dinheiro, 3 vol.
A freira enterrada em vida ou o convento do S. Placido, 3 vol.
D. Branca de Navarro e 15 dias de Reinado, 2 vol. com estampas.
Florinda ou o palacio encantado 2 vol. com est.
Lagrimas e Sorrisos, 6 vol. com est.
O escravo branco companheiro do tio Thomaz, ou a vida de um fugitivo na Virginia 4 vol. com est.
Aventuras de João o Salteado 2 vol. com est.
O monge negro ou a fome e Madrid com est.
O tribunal secreto, romance.
Eduardo ou os mysterios do Limoeiro, 4 vol. com estampa

A' beira mar, contos, phantasias e digressões.
Theresa—Demonio—romance.
Scenas de Thebaida ou Paulo primeiro Ermita, 1 vol.
O preço da felicidade, romance.
Casada e Virgem, romance, 2 volumes.
As noites portuguezas.
Luz coada por ferros, escriptos originaes de D. Anna Augusto Placido.
Andrade Ferreira, Tradições e phantasias.
Caricaturas á penna, esbocetes litterarios em prosa e verso, 1 vol.
O sapateiro de Azeitão, romance.
O Rei d'Italia, romance, 2 vol. com est,
Feuillet.: Historia de Sibyla; O conde de Camors, 2 vol.; Romance de um rapaz pobre.
Mery, André Chenier, 1 vol.
Oito dias no castello, extrato das memorias de um mancebo, 1 vol.
Monteiro, O matricida, romance.
Os mundos novos, viagem anecdotica ao oceano pacifico.
P. du Terrail, Os dramas de Pariz, 8 partes.
Mirecourt, Os verdadeiros miseraveis, 2 vol.
José Daniel: O almocreve das Petas, 3 vol.; O espreitador do mundo novo; O barco da carreira dos tolos; A camara optica; Hospital do mundo; Revista dos genios.
Lembranças de José Antonio, poesias.
Mathilde, memorias d'uma joven, 8 vol.
Virginia, Affonso e Corina ou o mais nobre sacrificio do coração de duas virgens, 2 vol. com est.
Marco Tullio ou o agente dos jesuitas, romance historico, 2 vol. com est.
Memorias da Mocidade, 2 vol.
Angelo, romance original portuguez.
L. de Mendonça, Memorias d'um doudo, 1 vol.
Castilho, Memorias dos 20 annos.
Receita para curar paixões.
Os miseraveis da aristocracia, romance social contemporanio, 2 vol.
D. Urraca de Castella ou a torre do calabouço, romance, 2 vol. com est.
Jarilla, ou os mysterios dos tres castellos de Regio, 2 vol. com est.
Pelayo ou o restaurador de Hespanha, romance historico, 2 vol. com estampas.
Mysterios do Povo, 9 vol. com estampas.
Mysterios de Pariz, 4 vol. com estampas.
Mysterios da Inquisição, 3 vol. com estampas.
Mysterios da Igreja, 4 vol. com estampas.
Mysterios de Lisboa, 2 vol.
Mysterios da cidade do Porto, 2 vol.
Mysterios de Londres, 10 vol.
O cavalleiro Borrachudo.
Laboulaye. O partido liberal; Paris na America, 1 vol.
Thomaz Ribeiro, D. Jayme; Sons que passam, poesias; Delphina do mal, poema.
O mal da Delfina, parodia á Delfina do mal por um homem de Bem.
Almeida Freitas, Folhas Dispersas, poesias.
Uma mulher honesta (scenas de nossos dias).
A virgem do Mosteiro, romance.
Ricardo Guimarães, Impressões de Viagens.
As ruinas do meu convento, historia contemporanea, 2 vol. com est.
Phebus Moniz, romance hist. portuguez do seculo XVI, 2 vol.
Smith, mulher e marido, escrava e senhor, 4 volumes com est.
O Patriarcha do valle ou a linda espanhola, 4 vol. com est.
Victor ou o menino da Silva, 1 v.
Livraria romantica, ou nova bibliotheca das damas, collecção de 30 lindos romances esco-

lhidos dos melhores autores, 6 grossos vol. com estampas,
A velhice de Camões, romance em 2 vol.
O Recopilador, publicação encyclopedica contendo romances, poesias e estampas, 3 vol.

Lamartine, Historia dos Girondinos; Graziella, Antoniella, Raphael, 2 vol.
Jorge Sand, Valentina, 2 vol. com est.
A louca de Orleans. 2 vol com estampas.
Cooper, Os Leões do mar, 2 vol. com est.
Cooper, O carrasco, 2 vol. com estampas.
Obras poeticas. da marqueza de Alerna, 6 vol.
O Cancioneiro Açoriano, collecção de modinhas e cantigas populares das ilhas.

Paula Brito, Fabulas de Esopo; Poesias, com o retrato.
Mysterios da policia e das prisões, 2 vol. com est.
João de Deus, Flores do Campo, poesias; Um ramo de flores, poesias.
Palmeirim, poesias, 1 vol.
A Parvonia, recordações de Viagem.
Balbi, Tratado de Geographia Universal, 2 vol.
O novo principe ou o espirito dos governos monarchicos por * * *
O feliz independente do mundo e da fortuna ou arte de viver contente, 2 vol. com est.
O diabo coxo, verdades sonhadas e novellas da outra vida, 2 vol.
As desgraças de Amelia, 2 vol.
As desgraças da inconstancia.
Pigault-Lebrun, O citador, 2 vol.
Cicilia ou a esposa do poeta.
Celina ou a filha do mysterio, 6 v.
Lourenço de Mendonça, romance.
Mosaico e Sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas por Camillo C. Branco.
Os varões illustres do Brasil, 2 vol.; Memorias de Silvio Pellico.
Defeza do Racionalismo ou analyse da Fé, por Pedro Amorin Vianna.
Vieira de Castro, Discursos parlamentares).
Monte Alverne, obras oratorias, precedidas da biographia e juizo critico por Antonio F. de Castilho, 4 vol.
Roselly de Lorgues, A cruz nos dois mundos; Jesus Christo perante o seculo; O mestre Escola; O parocho; O administrador.
Madrolle, O padre perante o seculo.

Chateaubriand, O genio do Christianismo, 2 grossos vol, com finas gravuras; Os martyres, 2 vol.; Memorias d'alem da campa, obras primas, 1 vol.
Fé, Esperança e caridade, 12 vol.
O cavalheiro de Pamplonne, 6 v.
Kossuth ou os Hungaros, 3 vol.
A Assuscena de Israel, Anna Maria, 3 vol.
A marqueza de Camba, 2 vol.
As duas estrellas, 2 vol.
Os mysterios d'um castello, 1 vol.
As damas verdes, 1 vol.
O amor d'uma menina, 1 vol.
A palavra de Deus, 1 vol.
Historia insulana das ilhas a Portugal, por Cordeiro, 2 vol.
Southey, Historia do Brazil, 6 vol.
Castanheda, Historia do descobrimento e conquista da India, pelo os portuguezes, 8 vol.
Thiers, Historia do consulado e do Imperio, 11 vol. em portuguez.
Ensaios sobre a statistica das possessões portuguezas na Africa Occidental e oriente; na Azia Occidental; na China, e na Oceania, 5 vol.
Soriano, Historia da guerra civil 2 vol. grossos.
Magalhães: Suspiros poeticos e saudades, poesias; Canticos funebres; Urania. poema; A confederação dos Tamoyos; Opusculos historicos e litterarios; Factos do espirito humano.

Cantu, Historia Universal, 12 grandes vol. com estampas, (em portuguez).
Moraes, Diccionario da lingua portugueza, 2 vol.
Faria, idem, idem, idem, 2 vol.
Lacerda, idem, idem, idem, 2 volumes.
Constancio, idem, idem, idem, 1 vol.
Dantas, idem, idem, idem, 1 volume.
Fonseca e Regentte, idem, idem, idem, 2 vol.
Muzeo Universal, jornal das familias brasileiras, 7 grandes vol. com gravuras.
José S. Ribeiro: Alguns fructos da leitura e da experiencia, 2 vol.; Estudo moral e politico sobre os Luziadas, 1 vol.; Primeiros traços de uma rezenha da Litteratura, 1 vol.; Os Luziadas e o Cosmos, ou Camões considerado por Humboldt como um pintor da natureza.
Quadros d'alma ou a mulher atravéz dos seculos, romance.
A linda Joanna, romance.
Antonio C. Louzada, Os Tripeiros, 1 vol.; A rua escura; Na consciencia.
Menezes, Flores sem cheiro, poesias.
O Retalho do mundo, romance.
N. Tolentino, obras completas, illustradas.
Amor e Ousadia. romance.
Os inglezes em Inglaterra.
A ilha das Cobras na vespera da descoberta do Brazil, desproposito em 1 acto.
Pequeno Panorama ou descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, 5 vol.
Luiz de Camões, obras, 3 vol.
Andrade, Cartas escriptas da India e da China, 2 vol, com estampas.
Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal, 2 grandes vol. com est.
Duque de Palmella, Discursos Parlamentares, nas camaras legislativas desde 1834 até hoje, 3 vol.
Fétis, A musica ao alcance de todos ou noticia succinta de tudo o que é necessario para ajuizar e fallar d'esta arte, e sem a ter profundado, 1 grosso vol.
Diccionario das palavras que habitualmente se adoptão em musica
Vasques, scenas comicas:
O Sr. Domingos fóra do sério!!! — 2ª edição.
O Diabo no Rio de Janeiro.
Ah! como eu sou besta!
As pitadas do velho Cosme, 2ª edição.
Os namorados da Julia.
O menino Monclar.
O Rocambole no Rio de Janeiro.
O Sr. Joaquim da Costa Brasil.
Um dos taes.
O orphêo na roça.
Um actor sem theatro.
Os dous infermos.
Um bilhete! um bilhete para o beneficio do Graça.
Viva o circo Grande oceano.
O Vasques pelos ares.
D. Rosa assistindo no Alcazar a um spectacle extraordinaire.
A Orphã.
Por causa da Emilia das Neves.
O Gymnasio de roupa nova.
O Brasil esmagando o Paraguay.
O Zé Pereira carnavalesco.
O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar.
O Graça e o Vasques.
Joaquim sacristão.
A Questão anglo-brasileira.
O Advogado dos caixeiros.
Fr. Luiz de Souza: Vida de D. Fr. Bartholomeu dos martyres, 2 vol.; Historia de S. Domingos, 6 vol.
Theophilo Braga: Folhas verdes, poesias, 1 vol.
Vizão dos Tempos, 2ª edição, 1 vol.

Tempestades Sonoras, poesias, 1 vol.
Ondina do Lago, poema. 1 vol.
Torrentes, ultimos versos, 1 vol.
Historia da poesia popular portugueza.
Cancioneiro popular, 1 vol.
Romanceiro geral, 1 vol.
Contos populares do archipelago Acoriano, 1 grosso vol.

Floresta de varios romances, 1 vol.

Historia do Direito portuguez; Os Foraes, 1 vol.
Poesia do direito, 1 vol.
Estudos da idade media, philosophia da Litteratura, 1 vol.
Contos phantasticos, 1 vol.
Obras primas de Chateaubriand.
Santos, Memoria do districto Diamantino.

Rabello da Silva, Fastos da igreja historia da vida dos Santos, 2 vol.
Diccionario universal das heresias, erros e scismas ou memorias para servirem á historia dos desvarios do entendimento humano á cerca da religião christã, 1 vol. com 866 paginas.

Gaume, catecismo de Perseverança ou exposição historica-dogmatica, moral. liturgica, apologetica, philosophica e social da Religião, desde a origem do mundo até nossos dias, 10 vol.
Lisia poetica ou collecção de poesias modernas de autores portuguezes, 6 vol.

Ernesto Cibrão, Poesias, 1 vol.
Almeida, Os Luziadas do Seculo XIX, poema heroi-comico (parodia).
M. Boussado, Roberto ou a dominação dos agiotas, poema heroi--comico, parodia ao poema de Thomaz Ribeiro— D. Jayme.
Vademeco dos poetas ou collecção de sonetos joco-serios exquisitos, curiosos, e burlescos, 1 vol.

Alvarenga, Obras poeticas, 2 vol.
Viale, Selecta camoniana.
P. Ribeiro, Lagrimas e flores.
E. Marcos, A morta, poema.
João d'Aboim, Os meus ultimos versos, 1 vol.
Almeida Garrett, Viagens na minha terra, 2 vol.; Arco de S. Anna; 2 vol.; Flores sem fructo; Lyrica, poesias; Fabulas, folhas cahidas; D. Branca, poema; Camões, poema; Romanceiro, 3 vol.; Catão, traduzido; Merope, e Gil Vicente; D. Philippa de Vilhena; Sobrinha do marquez; Alfagem e de Santarem; Tratado da educação; Portugal na balança da Europa; O retrato de Venus.
Discursos proferidos no debate do voto de graças de 1868, por Zacarias de G. e Vasconcellos.
Primogenitas, poesias de Joaquim Heleodoro G. dos Santos.
Bibliotheca Brasileira, por uma associação de homens de letras, 3 vol.

Arnaldo Gama: O genio do mal, mysterios da cidade do Porto, 4 vol.; A caldeira do Pedro Botelho; Honra e loucura: O segredo do Abbade; Poesias e contos; O sargento-mór de Villar, 2 vol; A ultima dona de S. Nicolão; Um motim; á cem annos; O filho do Baldaia; Verdades e ficções, 2 vol.
Alexandre Herculano: O bobo novo romance; O Eurico; O monge de Cister, 2 vol.; Lendas e narrativas, 2 vol; Historia da inquisição em Portugal, 3 vol; Historia de Portugal, 4 vol; Estudos sobre o casamento civil, 3 folhetos; Areacção ultramontana em portugal.
Camilio C. Branco, Romances: Agulha em palheiro; Amor de perdição; Amor de salvação; Anathema; Annos do prosa; Aventuras do Bazilio Fernandes, enxertado; O bem e o mal; Os brilhantes do brasileiro; A bruxa do monte-cor-

dova; Carlota Angela; Cavar em ruinas; Couzas leves e pesadas; Cousas espantosas; Coração, cabeça e estomago; A doida do Candal; Doze casamentos felizes; Duas horas de leitura; A engeitada; O esqueleto; Estrellas funestas; Estrellas propicias; Fanny; A filha do arcediágo; A filha do Dr. Negro; Judeu, 2 vol.; Lagrimas abençoadas; O livro negro do Padre Diniz; Lucta de gigantes; Memorias do carcere, 2 vol.; Memorias de Guilherme do Amaral; Memorias do Fr. João de S. J. Queiroz; Mysterios de Lisbôa, 2 vol; O mozaico; A neta do arcediágo; No bom Jesus do monte; Noites de Lamego; A onde está a felicidade?; O olho de vidro; O que fazem mulheres; A queda d'um anjo; Romance d'um homem rico; Romance d'um rapaz pobre; O retrato de Ricardina; O sangue; Scenas contemporaneas; Scenas da Fóz: Scenas innocentes da comedia humana; O senhor do paço de Ninães; A Sereia; O santo da montanha; As tres irmãs; A mulher fatal; Um homem de brios; Vingança; Vinte horas de leitura; virtudes antigas.

Poesias do mesmo: Duas epochas na vida; Inspirações; Um livro; Preceitos do coração; Preceitos de consciencia; Folhas cahidas.

Obras diversas do mesmo autor: Divindade de Jesus; Horas de Paz, Os martyres, 2 vol, (trad.) O genio do christianismo, 2 vol, (trad.); A immortalidade a morte e a vida, (trad.); Jesus Christo perante o seculo, (trad.); Appreciações litterarias; O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas; Vaidades irritadas e irritantes.

Dramas: do mesmo. Abençoadas lagrimas; Espinhos e flores; Agostinho de Ceuta; O marquez de Torres Novas; Justiça; O morgado de Fafe em Lisbôa; O morgado de Fafe amoroso; Poesia ou dinheiro; Purgatorio e Paraiso; O ultimo acto.

Conceição, Mysterios do Porto, 2 vol.

Emilio A. Zaluar: Contos da Roça, 2 vol; Peregrinação pela provincia de S. Paulo; Revelações poesias; Dóres e flôres, poesias; Biographia de Christovão colombo, (trad.)

Ernesto Copendu: A filha do preboste de Paris, 4 vol.; O palacio de Nierris, 5 vol.; O rei dos gageiros, 4 vol.; Marcolfo o maloino 5 vol; O mastro da fortuna. Gilberto, 3 vol., O Tambor da 32.ª meia brigada de infantaria, 9 vol.

Faustino X. de Novaes: Manta de retalhos, 1 vol. em prosa e verso; Cartas de um roceiro; O Futuro, 1 grosso vol. com romances, poesias, muzicas e estampas; Poesias, 1 vol; Novas poesias; Scenas da Fóz, comedia.

Frederico Soulié: Memorias do Diabo, 8 vol.; Os ferreiros, 3 vol.; Os dois cadaveres, 2 vol.; Os pretendentes, 2 vol.; Diana e Luiza, 2 vol.; A condessa de Monrion, 3 vol.

F. Cooper: O Corsario Vermelho, 3 vol.; O espião do campo neutro, 4 vol.; O carrasco, 2 vol.; Os Leões do mar, 2 vol.; O medidor de terrenos, 4 vol.; O piloto, 4 vol.

Homem de Mello: A constituinte perante a historia, 1 volume.

Julio Diniz: A morgadinha dos Canaviaes, chronica da aldeia, 2 vol.; As pupillas do Sr. Reitor; Uma familia ingleza, (scenas da vida do Porto; Os novellos da tia Philomela; O espolio do Sr. Cypriano; As apprehensões d'uma Mãi; uma flôr d'entre o gelo.

Julio C. Machado: Contos ao

luar, Historias para gente moça; Passeios e phantasias; Em Hespanha, scenas de viagem; Recordações de Paris e Londres; Scenas da minha terra; Contos a vapor; Do chiado a Veneza.

José de Alencar: A Expiação, comedia; Mãi, drama; As azas de um anjo, comedia; Viuvinha e cinco minutos; Uma These constitucional.

Mendes Leal: Os primeiros amores de Bocage, comedia; Canticos, poesias; Os mosquiteiros d'Africa; Infaustas aventuras do mestre Marçal, Estouro victima de umapaixão, 1 vol.; O Pavilhão negro, poemeto a Portugal e aos portuguezes; e muitos dramas.

M. L.: Os Serões dos conventos, 3 vol.

Aventuras do cavalheiro de Fabulas, 8 v. com est.

Pinheiro Chagas: Poema da mocidade, e poemeto, O anjo do lar, 1 vol.; A flôr secca, romance; A côrte de D. João V; Tristezas á beira-mar; Ensaios criticos; Novos ensaios criticos; A judia, drama; A morgadinha de Val-flôr, drama; Portuguezes illustres; A virgem guaraciaba; Contos e discripções.

Paulo Feval: Os companheiros do silencio, 4 vol.; A loba, 3 vol. As duas mulheres do rei; As filhas dos reis; Saldo de contas; João Diabo, 4 vol.; o lobo branco; Os valentões d'El-Rei; O filho do Diabo, 1 vol. com est.; Um drama da regenci; Orei dos mendigos, 4 vol.; A duqueza de Nemours 2 vol.; A cruz da espada ou o emigrado; A creoula, 1 vol.

Paulo de Kock, O Sr. Choublanc procurando sua mulher; A menina das 3 saias; O Sr. Cherami, 2 vol, com est. As mulheres o jogo e o vinho; A vereda das ameixas; A dama de 3 espartilhos; Os 7 bagos d'uva; O amor que acaba e o amor que começa; A baronesa Blaguiskof, O professor Ficheclaque; A menina bonita do arrabalde; Os pequenos regatos formão grandes ribeiros; O burro do Sr. Martinho; O bandido Giovanni, 2 vol, com est.; Florentina; O neto de Cartouche; Aviuva Papim; As meninas da agua furtada; Um homem atribulado; Um marido de quem se zomba; O porteiro da rua da barca; Zizina, 2 vol, com est.; Papa sogro; Os companheiros das Tuberas, 2 vol, com est.; O Gustavo ou a bôa peça, 3 vol; Paulo e o seu cão, 8 vol; A irmã Anna; Amante da lua, 2 vol; O meu visinho Raymundo; O barbeiro de Paris; Uma mulher de 3 caras; A casa branca; A lagôa d'Auteuil; A donzella de Belleville; O homem de 3 calções; André, 4 vol; O bigode, 4 vol; Este Senhor, 4 vol; A familia Gogó, 4 vol; Um galucho, 2 vol; Georgeta, 4 vol; O diabo a quatro, 4 vol; Magdalena, 4 vol; Physiologia do homem casado: Nem sempre nem nunca, 4 vol; João, 4 vol; Mulher, marido e o amante, 4 vól; O filho de minha mulher, 2 vol; e outros.

Timandro: O libello do Povo, 2ª edição.

Varella, Cantos e Phantasias, poesias

Conselheiro Bastos: Collecção de pensamentos, maximas e proverbios, 2 vol.; O medico do Dezerto; A virgem da Polonia; Dois artistas, ou Albano e Virginia, Meditações ou discursos religiosos.

D. Pinheiro Guimarães: Historia d'uma moça rica, (drama); Punição, (drama com o retrato do author.)

Casimiro de Abreu: Primaveras, (poesias).

Barboza Rodrigues: Contos Nocturnos; O livro de Orlina, paginas intimas.

Alexandre Dumas: As memorias de um medico, sendo a 1.ª parte — O José Balsamo; 2.ª o Collar da Rainha; 3.ª Angelo Pitou; 4.ª Condessa de Charny; 5.ª Ultimo Rei dos francezes; O salteador 3 vol.; Memorias d'uma Favorita, 2 vol.; Historia do Reinado de Luiz XVI e de Maria Antonieta, 6 vol. Tres homens fortes; Urbano Gradier; A Princeza de Monaco, 6 vol; O Pirata das Antilhas, 2 vol.; O pastor d'Ashbourg; Olympia de Cleves; Os mohicanos de Pariz, 12 vol; Os mil e um fantasma, 3 vol.; Memorias da França e minhas, 3 vol.; Recordações da minha vida, 4 vol.; As minhas memorias 8 vol.; Memorias de Garibaldi, 2 vol.; Historia do Reinado de Luiz XV, 4 vol.; Luiz XIV e o seu seculo, 4 vol.; Jorge o capitão dos Piratas, 2 vol.; Impressões de viagens, 2 vol.; A guerra das mulheres. A familia dos Borgias 2 vol.; Os dramas do mar, 2 vol.; O cofre de Prata; De Paris a Cadiz, 6 vol; De Cadiz a Tanger, 6 vol.; A dama das Perolas, 3 ; vol, A mão do finado; O conde de Monte-Chisto, 4 vol.; As duas Dianas, 9 vol.; A conciencia, 3 vol; Os companheiros Jahu, 2 vol.; O cavalheiro de Harmental, 2 vol; A casa de gelo 3 vol.; Ascanio ou a côrte de Francisco I, 4 vol.; Uma familia corsa; A rainha Margarida, 5 vol.; Os quarenta e cinco, 5 vol. A dama de Monsoreau, 6 vol; Paulina, 2 vol.; Fernanda 2 vol; Eduardo III, 2 vol; A filha do regente, 4 vol; Historia dos Stuarts, 2 vol. Condessa do Salisbury, 2 vol; Cecilia ou o vestido do noivado, 2 vol.; O capitão Paulo. 2 vol.; Antonina, 2 vol.; Acté, 2 vol.; Amaury, 3 vol.; Catharina Blum, 2 vol; As gemeas de Machecoul, 4 vol; A Tulipa Negra 3 vol.; Sylvandira, 2 vol; Os crimes celebres, 3 vol. Deos dispõe, 2 vol.; A furna do inferno; O cavalheiro da casa vermelha. etc. etc.

Alexandre Dumas, (filho): A dama das camelias O romance de uma mulher 3 vol.; Aventuras de 4 mulheres e um papagaio, 3 vol. Diana do Lys Processo de clamenceau; A vida aos 20 annos.

Eugenio Sue: Mathilde, memorias d'uma joven, 8 vol.; Os filhos do amor, 2 vol.; O aventureiro, 3 vol.; Martim o engeitado, 6 vol.; O commendador de malta, 2 vol.; O pachá de janina; Bertha de Plouernel. 2 vol. A perdicção, 4 vol.; Hercules valente 2 vol.; O marquez de Sorville, 2 vol.; A familia Jouffroy, 6 vol.; A vigia do Koatevim; Atar-Gul; Miss Mary; O João cavalleiro, 4 vol.; Thereza Demonier, 2 vol.; A Salamandra; A buena dicha; Os 7 peccados mortaes, 12 vol.; Theatro da vida humana, 5 vol; Os filhos familia, 3 vol.

Ponson du Terrail, A mocidade de Henrique IV, 8 vol; A rainha das Tranqueiras, 4 vol; O pagem de Luiz XIV, 2 vol; O diamante do commendador, 2 vol; Os cosacos em Paris, 2 vol; Noites da casa dourada, 2 vol; Os filhos de Judas, ou um conto das mil e uma noites, 2 vol; O rei dos ciganos, 3 vol O Rocambole, As ultimas proezas de Rocambole, 3 vol; A desapparição de Rocambole, 1 vol; O regresso de Rocambole, 1 vol; Miserias de Londres, 6 vol; As Demolições de Paris, 2 vol.

Rebello da Silva: Odio velho não cança, 2 vol.; A mocidade de D. João V, 3 vol.; Lagrimas e Thesouros; Historia de Portugal, 4vol.; A casa dos fantasmas 2 vol.

Xavier de Montépin: Misterios da India, 2 vol. com est.; A ci-

gana, 4 vol. com est.; O lobo negro; Os infernos de Paris, 3 vol. com est; A familia vaubaron 3 vol.

Encyclopedia do riso e da galhofa, offerecida aos amigos da tristeza, por Semicupio Pechincha, 14 vol.

Gomes de Amorim: Cantos matutinos, poesias; Ephemeros, poesias.

Julião o apostata ou viagem ao outro mundo, 1 vol.

Contos sem nome, originaes e tradicções, 1 vol.

Perdida e achada, romance.

Orlando amoroso, historia fabulosa, 3 vol.

Vida e aventuras admiraveis de Robinson Crusoé, 2 vol.

Moreira de Sá, Um estravagante, romance, 1 vol. com est.

Uma falta irreparavel por Ancelot, romance.

Uma alma de mulher, romance original portuguez, de D. Guiomar Torresão.

Eugenio e Virginia, 2 vol.

O filho do tabellião, 1 vol.

Pigaul Lebrun: O filho do carnaval, historia notavel, e verdadeira, 2 vol.

A confissão d'um suicida, e um amor de mulher, romances.

Silveira da Motta: Quadros da historia portugueza, 1 vol.

Lopes de Mendonça: Recordações da Italia, 2 vol.

Vida e feitos d'El-Rei D. Manoel, trad. do F. Elysio, 3 vol.

Teixeira e Souza: O filho do pescador; Maria ou a menina roubada; A providencia, romance, 5 vol.; Tardes de um pintor, 3 vol.

Léo Junius: Romances e typos: A cruz de fogo; As mulheres perdidas, 3 vol; Os libertinos e tartufos do Rio de Janeiro.

Guia luso-brasileiro do viajante na Europa, contendo: conselhos ao viajante, introducção, viagem do Brazil a Lisboa, descripção da Europa, etc.

Capitola, scenas da vida americana, 1 vol.

Castilho: Noites do Castello, Os ciumes do bardo; Quadros historicos de Portugal, 1 vol. com estampas; Tratado de metrificação portugueza; O outono, collecção de poesias; Cartas de Echo a Narciso; Tratado de mnemonica; A Primavera; Escavações poeticas; As georgicas de Virgilio, trad.

Scenas da vida ingleza e uma lua de natal, em prosa, 1 vol.

A maldição materna, romance 1 vol.

A alameda das viuvas, romance, 2 vol.

Bolhão Pato: Versos, 1 vol; A Paquita, poema offerecido ao Sr. A. Herculano; Flôres agrestes, poesias; canções da tarde, poesias.

Castilho: Almanack de lembranças desde 1851 até hoje.

Mery. Guerra do Nizam, trad. de Mendes Leal.

Ostensor brasileiro, jornal litterario, 1 grosso vol. com est.

Nogeira de Barros. A má mulher, romance portuguez; Rachel baezo, episodio de 1640.

A noite dos vingadores, historia contemporanea, 1 vol.

Um noivade de sangue, episodio contemporaneo.

Sombras e sonhos, poesias de Teixeira de Mello, 1 vol.

Satyras epigrammas e outras poesias de Correia de Almeida.

D. Alvaro da Cunha ou o cavalheiro de alcacerquibir, drama de Ferreira da Cruz.

O louco de Evora, ou Portugal restaurado, drama.

Castrioto Lusitano ou historia da guerra entre o Brasil e a Holanda, durante os annos de 1624 a 1654, 1 vol. com estampas.

Pizarro: Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdição do Vice-Rei do estado do Brasil 10 vol. em 8.º

Abreu e Lima: Synopsis ou deducção chronologica dos factos notaveis da historia do Brasil 1 vol.; Historia do Brasil, 2 volumes com est.

Constancio: Historia do Brasil, 2 vol.

Marinho: Historia da revolução de Minas Geraes, 2 vol. com est.

Ayres casal: Corographia Brasileira, ou relação historico-geographico do Brasil, 2 vol.

Figueira de Mello: Chronica da rebellião Praieira em 1848 e 1849.

Pessoa de Mello: Appreciação da revolta de Pernambuco.

Quintino Bocayuva: Estudos criticos e litterarios; os mineiros da desgraça, drama.

Brandão Albuquerque: Censo de 1864, relação das freguezias do continente e ilhas, população, sexos, fogos.

Historia da companhia de Jesus na provincia do Maranhão e Pará, 1 vol.

Innocencio F. da Silva: Diccionario bibliographico portuguez, 8 vol.

Genesco, vida academica,

Leone: Genio, da lingua portugueza, ou causas racionaes e philologicas, 2 vol.

Compendio dos principios alimentares da arte poetica versificação, estylo, etc., por Duarte de Vasconcellos.

Lopes Praça: Historia da philosophia em portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia, 1 vol.

Soares Barbosa: Grammatica philosophica.

Fernandes Pinheiro: Curso elementar de litteratura nacional, 1 vol.

Album do gremio litterario portuguez no Rio de Janeiro, 1 vol com os retratos dos Snrs. Herculano Garrett e Latino Coelho.

Roteiro do D. João de Castro da viagem que fizerão os portuguezes ao mar roxo no anno de 1541.

Reflexões sobre a lingua portugueza por F. J. Freire.

Obras postumas de Gonçalves Dias, 6 vol.

Walter Scott: O abbade, 3 vol.; O mosteiro, 2 vol; O misantropo ou o anão das pedras negras, 1 vol.; O Talisman, ou Ricardo na Palestina, 3 vol; A prisão de Edimburgo, 4 vol.; A formosa donzella, 2 vol.; Kenil-Worth, 4 vol.; O lord das ilhas; Waverley.

Varella: Leitura para o campo, 1 vol.

Carlos Borges: O demonio do ciume (romance).

Cunha Bellens: Onde está a infelecidade; Scenas contemporaneao, ou vida academica.

Vasconcellos, Selecta brasiliense ou noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação homens, á historia e cousas do Brasil, 2 vol.

Bordalo; Um passeio de 7 mil leguas; Eugenio, (romance) marilimo; Viagem á roda de Lisbôa.

Ramalho Ortigão: Em Pariz 1 volume.

Pinto de Almeida: A cruz pelas riquezas, romance historico; O irmão bastardo (romance).

Duas mulheres da epocha.

Zaida ou a captiva de Santarem, romance portuguez.

Dois genios differentes.

Contos de toda a especie.

O salteador de Veneza.

Cantos e lamentos, poesias de Silva Ferraz.

Parnaso maranhense, collecção de poesias, 1 vol.

Palmas e martyrios poesias posthumas, de Latino de Faria.

Luiz Enault: Christina; Nadega. Alba, romance.

Educação das mães de familia ou a civilisação do genero humano

pelas mulheres, Aimé Martin, 2 vol.

Quadros Naturaes por Francisco X. da Silva.

Bulhões, a divida portugueza.

Pimentel : A negação da familia, drama em 4 actos.

A lamparina, lenda.

Vocabulario brasileiro por Braz da Costa Rubim.

Revista contemporanea de Portugal e Brasil, 5 vol., com estampas.

Illustração luso-brasileira, jornal de litteratura, 3 grandes vol.

Brios heroicos dos portuguezes por Pereira da Cunha. 1 vol.

Armitage: Historia do Brazil, desde a chegada da real familia de Bragança, en 1808 até a abdicação do Imperador D. Pedro I, 1 grosso vol,, com est. (em portuguez).

Fernandes Pinheiro; Annaes da provincia de S. Pedro, 1 vol.

Zaida americana, mostra as immensas vantagens que a sociedade inteira obtem da illustração, virtudes e perfeita educação da mulher como mãi, e esposa do homem, 1 grosso vol.

Historia da rêvolução de Minas-Geraes em 1842, exposta em um quadro chronologico, organisado de peças officiaes das autoridades legitimas: dos actos revolocionarios da liga faciosa; de artigos publicados nas folhas periodicas, tanto da legalidade como do partido insurgente, e de outros documentos.

Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, 6 vol.

Simão de Vascancellos, chronica da companhia de Jesus, do estado do Brasil, 2 vol.

Mont'Alverne : compendio de philosophia.

Joaquim J. Teixeira : Fabulas.

Viagens de Gulliver a varios paizes remotos, 4 vol.

Poesias de Pinheiro Caldas, 2ª edição augmentada.

Grinalda de flôres poeticas selecção de producções modernas dos melhores poetas.

Obras primas de Chateaubriand, sendo: Atala Renato aventuras do derradeiro abencerrage em 1 vol. trad. de Theophilo Braga.

Junqueira Freire: Inspirações do claustro (poesias) 2ª edição correcta e acrescentada com um juizo critico por Pereira da Silva.

Uma primavera de mulher, poema em 4 cantos por D. Maria A. V. de Carvalho, precedido de um prologo de Thomaz Ribeiro.

Ramos Coelho: Preludios poeticos, 1 vol. com o retrato.

Pereira Caldas, Obras 2 vol.

Porto - Alegre : Brasilianas, poesias; o Colombo, poema 2 vol.

Revista popular, noticiosa, sientifica, industrial, historica, litteraria; artistica, biographica, anecdotica, musical, etc., etc., 16 vol.

Camillo C. Branco: A mulher fatal, 1 vol; Os brilhantes do Brasileiro, 1 vol.

Julio Diniz: As apprehensões d'uma mãi e Uma flôr entre o gelo, 1 vol; A morgadinha dos canaviaes, 2 vol; Os novellos da tia Philomela, 1 vol.

Junqueira Freire: Inspirações do claustro, poesias.

José' do Telhado, drama por um portuense.

Fernandes da Rocha: Isbella, romance brasileiro.

Barbosa Rodrigues: Cantos nocturnos, 1 vol.

Dias Guimarães: O Poder do Ouro, drama.

Pinheiro Chagas: Historia de Portugal, 4 vol.; A morgadinha de Val-flôr, drama; Judia, drama; Novellas historicas.

Joaquim Heleodoro G. dos Santos; Primogenitas, poesias.

Bolhão Pato; Flôres agrestes, poesias; Paquita, poema; Versos, 1 vol.; Canções da tarde, poesias: Digressões e novellas.

Chateaubriand; Obras Primas, 1 vol.

Joaquim M. de Macedo; As victimas-algozes, 2 vol; Romance d'uma velha, comedia em 5 actos.

Correa de Lacerda; Diccionario Encyclopedico ou novo diccionario da lingua portugueza, 2 grossos vol.;

Augusto de Castro; A ilha das cobras na vespera da descoberta do Brasil, desproposito em 1 acto.

EM PUBLICAÇÃO

Fr. Domingos Vieira; Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza.

Recebem-se assignaturas para esta obra monumental na

RUA DE S. JOSÉ N. 75

RIO DE JANEIRO

Typ de F. Alves de Souza, rua do General Camara 115.

folio 6

Cr $ 120,— Brazil, Literature

IV) 86

p/ Dr José Mindlin —

a/c David —,

SC

17019